



PUC  
RIO

ANA MARIA TOLEDO PIZA RUDGE

Pulsão: Linguagem e ato

TESE DE DOUTORADO

Departamento de Psicologia

Rio de Janeiro, 29 de julho de 1994

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea  
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil  
<http://www.puc-rio.br>

N.Chamada: 150 / R915 / TESE UC

Título: Pulsão



0 0 8 4 0 5 2

Ex: 1-CENTRAL

1632

ANA MARIA DE TOLEDO FIZA RUDGE

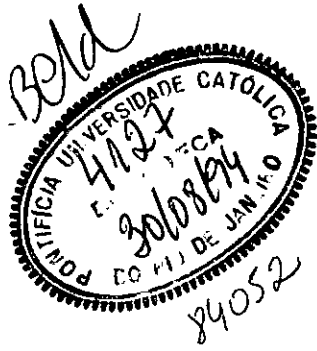
PULSÃO: LINGUAGEM E ATO

TESE DE DOUTOURADO

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1994

UC 57531-1



150  
R.915  
TESE UC

ANA MARIA DE TOLEDO PIZA RUDGE

PULSÃO: LINGUAGEM E ATO

Tese apresentada ao  
Departamento de Psicologia da  
FUC/RJ como parte dos  
requisitos para obtenção do  
título de Doutor em Psicologia  
Clínica.

Orientadora: Circe Navarro  
Vital Brazil

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 30 de junho de 1994.

## Meus agradecimentos

- a Circe Navarro Vital Brazil, orientadora da tese.
- a Joel Birman que co-orientou a tese
- a CAPES e a FAPERJ, pela ajuda financeira recebida durante o curso e a elaboração da tese.
  
- aos amigos e interlocutores de sempre, pela presença e incentivo, Betty Bernardo Fuks, Eliane Mendlowicz, Horus Vital Brazil, Jô Gondar, Tânia Coelho dos Santos e Yolande Mayer Lisboa.
  
- a meus filhos Diogo Rudge Malan e Gil Rudge Cavalcanti de Albuquerque, por terem, com sua alegria, tornado os longos momentos dedicados à elaboração deste trabalho menos solitários.

**PALAVRAS-CHAVE:** 1. Psicanálise 2. Pulsão 3. Princípio do Prazer 4. Linguagem 5. Linguística Estrutural 6. Filosofia da Linguagem

## RESUMO

Examinando da noção de realidade psíquica, o autor acentua sua ligação com a pulsão e a fantasia, e indica que o papel da realidade psíquica é limitado ao longo do desenvolvimento da teoria freudiana, na medida em que recebem maior consideração os acontecimentos atuais que, envolvendo o acaso, exigem uma elaboração psíquica.

A pulsão é considerada como um conceito fundamental na teoria, a partir de sua relevância na própria experiência psicanalítica. São criticadas, por situarem a pulsão como ineficaz na experiência psicanalítica tanto as concepções biologizantes da pulsão, quanto as que a consideram como pura energia, desvinculando o ponto de vista econômico de sua contrapartida nos pontos de vista topográfico e dinâmico. A pulsão é considerada como histórica, e constituída a partir de experiências infantis.

Uma interpretação da metapsicologia freudiana é empreendida, na busca de situar a pulsão, assim como sua constituição a partir de experiências.

As relações da pulsão com a linguagem na psicanálise são pesquisadas. A teoria da linguagem implicada na teoria psicanalítica é destacada e contrastada com a da linguística estrutural; esta última é considerada inadequada como modelo para a psicanálise por não se prestar à consideração da



articulação entre pulsão e linguagem, articulação que se justifica pelo exame da teoria e experiência freudianas. A filosofia da linguagem de Austin é valorizada ao mostrar-se produtiva para pensarmos a relação entre linguagem e pulsão, não como de oposição, mas como de solidariedade.

Valorizando a concepção dos atos de fala, a partir de Austin, examina-se a concepção de ato que se pode depreender de alguns textos freudianos importantes, concluindo-se pela importância do ato como simbólico, inseparável do laço social, e portador de um valor inaugural.

## ABSTRACT

Examining the notion of psychic reality, the author stresses its intimate relationship with the drive (*trieb*) and with phantasy, indicating how the role of psychic reality is limited along the development of the freudian theory, because of the increasing consideration of the present experiences involving chance, which require psychic working through.

The drive (*trieb*) is considered as a fundamental psychoanalytic concept, because of its importance in the psychoanalytic experience. The interpretations of the drive that tend to place it on a biological level, and those that consider it as pure energy, separating the economical point of view from the correlative topographical and dynamic ones, are criticized for implying that the drive is ineffective in psychoanalytic experience. The drive is considered as historical and constituted through infantile experiences.

An interpretation of freudian metapsychology is emprehended with the objetive of circumscribing the drive, as well as its constitution deriving from infantile experiences.

The relationship between drive and language is examined. The theory of language implied in the psychoanalytic theory is distinguished and contrasted with the one proposed by structural linguistics; the last one is

considered inadequate as a model for psychoanalysis, for it does not permit the conceptualization of the close articulation between drive and language, articulation authorized by freudian theory and experience. Austin's philosophy of language seems valuable for permitting us to view the relationship between drive and language, not as an opposition, but as a solidarity.

Enhancing the speech acts of Austin, the author examines the conception of act that we can identify through the examination of some of the principal freudian texts. The conclusion stresses the importance of the acts as always symbolic, inseparable from the social bonds, and having an inaugural dimension.

## SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	1
2 - A REALIDADE PSÍQUICA.....	7
2.1 Realidade Psíquica e Desejo Inconsciente.....	7
2.2 Realidade Psíquica e Fantasia.....	19
2.2 A Limitação do Papel da Realidade Psíquica após 1920.....	22
3 - A PULSÃO: ENTRE O CORPO FALANTE E O CORPO MUDO....	29
3.1 Primado da Representação e da Linguagem.....	34
3.2 A pulsão não é Necessidade.....	39
3.3 Pulsão e Princípio do Prazer.....	42
3.4 A Reformulação de 20.....	55
3.5 A Nova Complexidade do Princípio do Prazer...	61
3.6 O Princípio do Prazer e a Linguagem.....	64
3.7 Pulsão de Morte.....	68
4 - SIMBOLIZAÇÃO PRIMORDIAL E FUNDAÇÃO DO SUJEITO....	75
4.1 Topologia da Pulsão.....	75
4.2 A Origem Mítica do Sujeito e do Real.....	82
4.3 Rejeição ( <i>Verwerfung</i> ).....	88
4.4 A Coisa.....	95
4.5 " <i>Ausstattung</i> " do Sujeito.....	100
4.6 A Razão Prática e a Pulsão.....	101
4.7 Masoquismo.....	108
4.8 Compulsão de Destino e a Pulsão no Registro da Passividade.....	112

5 - A LINGUAGEM NA PSICANÁLISE.....	125
5.1 A Linguagem na Teoria Freudiana.....	125
5.2 Linguagem e Representação.....	138
5.3 Linguística Estrutural.....	155
5.4 O Ato de Fala - A Linguagem-Pulsão.....	162
5.5 Lacan e a Linguagem.....	170
5.6 A Episteme, a Ortodoxa e o Saber Psicanalítico.....	192
6 - ESBOÇO DE UMA CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA DO ATO....	199
6.1 O Ato Falho e o Chiste.....	206
6.2 Vontade e Pulsão.....	212
7 - CONCLUSÕES.....	231
8 - BIBLIOGRAFIA.....	236

## 1- INTRODUÇÃO

As indagações que deram margem à escolha desse campo de pesquisa, partiram da prática psicanalítica e de seus caminhos. Os impasses em que a psicanálise é chamada a intervir, implicam sempre em que uma situação de alguma ameaça ou falência das identificações constitutivas do eu e da realidade do sujeito, e o impacto do pulsional está presente como um fator de fundamental importância. Especialmente nas situações de crise, em que os arranjos que garantem uma certa felicidade ao sujeito são transtornados pela vida, é que se faz necessário invocar a pulsão como um conceito fundamental para se pensar a clínica. A pulsão passa a falar mais audivelmente, quando seus caminhos habituais de uma satisfação, que é sempre relativa, se vêem bloqueados.

Por outro lado, os próprios rumos do processo psicanalítico se dão pela via da fala e pelos efeitos do trabalho interpretativo dentro da transferência, que demonstram a eficácia da linguagem em relação à possibilidade de reestruturação da experiência do sujeito, e de um remanejamento no plano pulsional e nas possibilidades de satisfação, que adquirem maior plasticidade.

Na metapsicologia freudiana, um traço fundamental do psiquismo é sua estruturação pela linguagem, que preside à possibilidade do pensamento e da ação estruturada, como oposta à simples descarga, e do juízo de existência; passos que são correlativos à constituição de um sujeito.

Pensar a relação da pulsão como um além que, no entanto, está no cerne da experiência psicanalítica, com a linguagem, que é o meio de ação da psicanálise, é uma via para a abordagem da eficácia do ato psicanalítico.

A partir dessas indagações, dedicamos essa tese à investigação das problemáticas da pulsão e da linguagem nos vários campos em que podem ser rastreadas no discurso freudiano, visando delimitar um ponto de vista em relação a como se articulam a pulsão e a linguagem.

Devido à complexidade do tema e à amplitude do âmbito abarcado, esse projeto exige uma interpretação dos conceitos mais fundamentais da metapsicologia freudiana, e, como consequência, expõe-se ao risco de passar por alguns temas e problemas com ligeireza criticável. A paixão da curiosidade nem sempre é aliada da meticulosidade rigorosa. As passagens que padecem dessa pressa excessiva ficam como intuições a serem exploradas no futuro, em trabalhos que possam ser estimulados pelas questões deixadas em aberto.

Nessa investigação sobre a problemática da pulsão e da linguagem na psicanálise, são privilegiados os conceitos e a experiência freudiana. O discurso freudiano, instaurador do campo da psicanálise, é tomado como eixo central tanto para o exame da constituição do conceito de pulsão, como conceito fundamental, quanto para o exame do papel da linguagem na psicanálise. Trazer à luz a concepção de linguagem implicada nos vários momentos desse trabalho teórico, assim como avaliar essa concepção em sua adequação ao campo psicanalítico, em sua especificidade, é um passo necessário.

Não poderíamos prescindir das contribuições de vários autores que têm desenvolvido esses temas mais recentemente. São utilizadas tanto para o desenvolvimento de nossa perspectiva, quanto na medida em que, confrontadas com os conceitos freudianos, oferecem subsídios para sua problematização. O trabalho de Jacques Lacan toma um lugar de destaque, não só pela importância de sua contribuição na interpretação dos conceitos freudianos, mas, principalmente, pela revalorização do lugar da linguagem que promoveu no âmbito da psicanálise, e que, em nosso entender, significa uma retomada legítima de um eixo central do campo freudiano.

A linguística e a filosofia da linguagem, como saberes auxiliares, permitem um cotejamento produtivo com a linguagem dentro do campo psicanalítico, desde que não sejam desconhecidas as condições específicas das diversas abordagens da linguagem. A falta de uma delimitação cuidadosa dos diferentes objetos e metodologias dessas abordagens favorecem certas "condensações" que, por diluidoras do rigor da trama conceitual da psicanálise, enxovalham-na com preconceitos que se furtam a debates e que não deixam de ter reflexos deformadores na prática.

Algumas idéias centrais percorrem essa investigação sobre as relações entre pulsão e linguagem. Uma delas é a necessidade de se promover a retomada da importância da pulsão no campo da psicanálise. Embora muito se escreva sobre a pulsão, muitos trabalhos o fazem recaindo, de diferentes maneiras, em concepções da pulsão que diluem seu valor, por localizá-la em um espaço que só se pode qualificar como de exterioridade em relação à experiência psicanalítica.



Valorizamos, portanto, a problemática da pulsão como uma viga mestra que percorre todas as etapas da elaboração teórica freudiana, presente até mesmo antes de que a pulsão tivesse sido nomeada como um conceito, e cuja consideração é indispensável a uma correta delimitação do estatuto da psicanálise como saber.

A centralidade, na experiência clínica, do valor operatório do conceito de pulsão, exige uma interpretação desse conceito que não recaia, por um lado, no reducionismo à biologia, nem, por outro, no apagamento do espaço próprio da pulsão através da indistinção entre pulsão e desejo, defeitos em que incorrem grande parte das interpretações do texto freudiano.

Na delimitação da contribuição freudiana quanto à linguagem, assim como na discussão das concepções de linguagem pelo prisma de sua adequação ao campo especificamente psicanalítico, a centralidade que nele ocupa o conceito de pulsão é um referencial fundamental a ser tomado em conta.

E exatamente em função de não abandonar este referencial, que chegamos à idéia de que o ato é o terreno em que se pode melhor circunscrever teoricamente a problemática articulação entre o pulsional e a linguagem.

O estatuto do saber psicanalítico está em questão quando se interpreta as relações entre a linguagem e a pulsão, e não pode ser ignorado por quem se dedica ao tema. A total dependência desse saber em relação à experiência psicanalítica situa como o critério primordial para avaliá-lo seus efeitos em uma prática, além de nos precaver quanto à impossibilidade de qualquer sistema teórico completo e

fechado. Um certo inacabamento é inerente a seu objeto, e, nesse sentido, não indicativo de falta de rigor.

A divisão do trabalho em capítulos segue exatamente, no encadeamento dos temas, a forma pela qual se deu a investigação. O primeiro capítulo (seção 2) é dedicado a situar a concepção de realidade psíquica no pensamento freudiano, e como, adscrivendo essa realidade às fantasias relatadas em análise, Freud terminará por articular estreitamente esta noção às pulsões.

Visamos, no capítulo seguinte (seção 3), abordar o conceito de pulsão justificando, a partir do discurso freudiano, o papel fundamental da pulsão como necessariamente articulada a algum referencial na prática clínica. Dentro desse objetivo, tanto a redução da pulsão à biologia, quanto a concepção de pulsão como pura energia são consideradas como situando a pulsão como ineficaz nessa experiência. Em razão da posição que tomamos, de que a pulsão é histórica e constituída a partir de experiências que erotizam o corpo, e nas quais a linguagem está envolvida a partir do adulto, buscamos, na quarta seção, focalizar metapsicológicamente, no texto freudiano, o mito da constituição da pulsão.

O campo da pulsão é entendido como o campo que sustenta o sujeito da psicanálise, como sujeito do ato. A atividade própria à pulsão pode estar encoberta, travestida de pura passividade. Abordamos as compulsões de destino como um paradigma deste caso.

A quinta seção é dedicada ao papel da linguagem na psicanálise. Inicialmente é pesquisada a concepção de linguagem adotada por Freud, assim como o papel da linguagem

na metapsicologia. A teoria de linguagem própria à psicanálise é contrastada com a linguagem tal como estudada pela linguística estrutural. O lugar da linguística saussureana no pensamento de Lacan é também examinado, buscando colocar em evidência como, ao longo de seu ensino, seu papel foi sendo remanejado e restringido.

A filosofia da linguagem de Austin é discutida, na medida em que fornece parâmetros que podem mostrar-se produtivos para pensarmos a linguagem na psicanálise, como estando articulada, e não em oposição, à pulsão.

Finalmente, a sexta seção trata da contribuição da psicanálise para a concepção de ato que se pode recolher dispersamente no texto de Freud, já que este não é um tema ao qual tenha sido dedicado um estudo mais exaustivo. Busca-se destacar a importância do ato como o terreno em que se articulam pulsão e linguagem.

## 2- REALIDADE PSÍQUICA

### 2.1 - Realidade Psíquica e desejo inconsciente

A noção de realidade psíquica corresponde à necessidade de delimitação de um domínio epistêmico específico para a psicanálise, deslocando a questão da busca da verdade do acontecimento para a da verdade do desejo.

A passagem mais conhecida em que Freud propõe a oposição entre realidade psíquica e realidade material, foi enxertada no livro "Interpretação dos Sonhos" inicialmente em 1909, e mais tarde, em 1919, substituída por outra. Em 1909 uma forma de realidade psíquica era atribuída aos desejos inconscientes "*reduzidos à sua forma mais fundamental e verdadeira*"<sup>1</sup>, e a realidade material não era mencionada.

Em sua forma final, na última sessão do trabalho sobre os sonhos, intitulada "O Inconsciente e a Consciência - Realidade", a afirmação de Freud é que a realidade deve ser negada, "*naturalmente, a qualquer dos pensamentos transicionais ou intermediários*", mas que o exame dos desejos inconscientes reduzidos a sua expressão última conduz à conclusão de que "*a realidade psíquica é uma forma particular de existência que não deve ser confundida com a realidade material*"<sup>2</sup>.

O que são exatamente esses pensamentos transicionais? É no texto de 1900 que temos que buscar a que Freud se refere. Se os sonhos têm como força responsável por sua produção um

1 Freud, S. "The interpretation of dreams" (1900), S.E. vol.IV, p. 620

2 idem

desejo do sistema Inconsciente, sua formação requer a utilização de pensamentos oníricos pertencentes ao Préconsciente aos quais o desejo terá que se articular.

Essa idéia é ilustrada com a sugestiva metáfora que relaciona o desejo inconsciente ao "*capitalista do sonho*", que provê a quantidade, a energia psíquica indispensável à formação de um sonho. Se o empresário do sonho pode ser algum pensamento diurno, pode ser também o próprio desejo inconsciente, "*instigado pela atividade diurna*"<sup>3</sup>.

Os pensamentos intermediários aos quais Freud nega realidade são, no contexto do sonho, os próprios pensamentos oníricos, préconscientes, aos quais o desejo inconsciente emprestou sua carga. Vale notar que Freud está aqui postulando as formações que receberão, mais tarde, o nome de recalçado secundário. Essa referência ao préconsciente já prenuncia a dificuldade teórica, que resultará no abandono da primeira tópica. Referindo-as ao préconsciente, Freud visa salientar que essas formações são absolutamente idênticas em estrutura aos pensamentos préconscientes, mas são inconscientes qualitativamente por serem imantadas pelo desejo sob recalque.

Os pensamentos oníricos, em sua estrutura de pensamentos transicionais, são invocados em todo o texto como constituindo o conteúdo latente do sonho, visado pelo trabalho de análise do sonho, que busca refazer o trabalho do sonho em sentido inverso, do conteúdo manifesto ao latente. A formulação de que trabalho do sonho é a

<sup>3</sup> idem, p. 561

interpretação trilham o mesmo caminho, só que em sentidos inversos, tem um objetivo didático e o vício da simplificação. Já em 1900 Freud relativiza essa formulação, indicando que a interpretação trilha caminhos inéditos que entrarão "*em contato com os pensamentos intermediários e pensamentos do sonho em um ponto ou outro*"<sup>4</sup>, apontando para o desejo presente no sonho.

Freud adverte também que não se pode encontrar no conteúdo latente a essência do sonho, já que o sonho nada mais é do que uma forma particular de pensamento, propiciada pelo estado do sono. "*A cena de ação dos sonhos é diferente da da vida ideacional de vigília*"<sup>5</sup>, na famosa citação de Fechner.

Em pé de página, acrescentado ao texto em 1925<sup>6</sup>, justifica sua insistência na distinção entre os conteúdos manifesto e latente pela dificuldade experimentada em fazer ver aos seus primeiros leitores a necessidade, para que o sonho possa ser entendido como uma realização de desejo, de substituir o sonho tal como recordado, por um sentido apreendido pela interpretação.

O sonho, como todas "*as estruturas psíquicas nas séries das quais é membro, constitui um compromisso*"<sup>7</sup>. Os pensamentos transicionais respondem todos à ideia de que o desejo inconsciente só pode exercer efeitos conectando-se com uma ideia e transferindo a ela sua intensidade. Essa ideia, estruturalmente idêntica às ideias préconscientes,

---

4 cf. idem p. 532

5 idem p. 536

6 cf. idem p. 505

7 idem p. 579

como vimos, é uma idéia estruturada de acordo com a linguagem, de uma forma verbal, embora seja inconsciente.

Na oposição entre os pensamentos transicionais, como pensamentos verbais aos quais o desejo inconsciente transferiu sua carga, e o desejo inconsciente em sua forma fundamental, Freud confere apenas a este o estatuto de realidade psíquica. Situemos então qual a concepção de desejo inconsciente apresentada no texto "Interpretação dos sonhos".

Os desejos inconscientes, originários da infância, indestrutíveis e em permanente atividade, são como tais inapreensíveis, pois mantidos sob recalque. São "*caminhos que podem sempre ser atravessados, desde que uma quantidade de excitação os utilize*"<sup>8</sup>, e portanto herdeiros diretos das facilitações do "Projeto".

O desejo inconsciente deixado a si mesmo, busca a descarga de acordo com o processo primário, ou então sua excitação pode ser ligada pelo préconsciente; a segunda alternativa se apresenta, ao mesmo tempo, como uma das funções do sonho e como a função do processo psicanalítico. Essa função do sonho, de ligação do processo primário, é claramente adscrita ao préconsciente, no sentido do pensamento estruturado pela linguagem, e não no sentido de préconsciente como qualidade de um processo psíquico.

Na cena infantil entrelaçam-se a constituição do desejo e uma forma de memória em si mesma irrecuperável, a não ser através da transferência para experiências atuais, como se dá no sonho<sup>9</sup>. Vale notar que Freud usa, em 1900, tanto o

---

<sup>8</sup> idem p. 577

<sup>9</sup> cf. idem p. 546

tanto o termo deslocamento, dentro de uma linguagem econômica, quanto o de transferência, que já indica o papel da situação analítica como estruturante da mensagem em que se atualiza a memória.

Porque essas memórias são irrecuperáveis? O texto freudiano deixa algumas ambiguidades. Resultaria essa característica do conteúdo dessas memórias, ou de alguma condição estrutural? A "censura", tal como apresentada no texto sobre os Sonhos apresenta a ambiguidade de ser tanto uma função que tem lugar na elaboração onírica, encarregada de, pelo deslocamento e condensação, evitar uma expressão muito direta do desejo que poderia provocar angústia, como também uma estrutura no aparelho psíquico apresentado no Capítulo VII.

A relação entre a constituição dos desejos e a memória de acontecimentos infantis precisa ser melhor matizada. Freud busca efetivamente encontrar o que se passou na infância, mas progressivamente em seu empreendimento teórico, esse ideal de objetividade é caracterizado como fadado à impossibilidade. O papel que concederá às construções em análise demonstra como o ideal de rememoração caducou. A construção, assim como o trabalho do arqueólogo, visa, considerando a repetição presente na transferência como traços do que ocorreu, combinar e suplementar esses dados presentes de forma a dar a eles uma significação. A construção das cenas, sejam históricas ou fantasia, não pode ser validada numa referência aos acontecimentos infantis, já que esses acontecimentos não são passíveis de rememoração. Podemos considerar, então, que o valor das construções só



pode ser avaliada por seu papel estratégico no desenrolar do processo analítico.

Se não há rememoração possível, resta ao acontecimento infantil o estatuto de justificar a constituição do desejo em uma pré-história individual. O sonho não revela o acontecimento infantil como foi vivido. Para Laplanche, visa o "*depósito inconsciente desta vivência infantil*"<sup>10</sup>, depósito que mantém com a vivência infantil uma relação de profunda heterogeneidade, e implica uma deformação muito significativa. Mesmo levando em conta como a memorização está sujeita a ilusões de toda a ordem, o termo "memorização" torna-se inadequado para aludir a um processo tão complexo e deformador: a deposição das vivências, na constituição do inconsciente, pelo recalque originário.

Não existe em 1900 a noção de recalque originário. A função de marcar a impossibilidade da rememoração fica adscrita à censura. O cunho "antropomórfico" de certas referências do texto à censura, comparando-a a um guardião ou censor, favoreceu a interpretação de que a censura prefiguraria a noção de super-ego<sup>11</sup>, como herdeiro do Complexo de Edipo, constituído pela interiorização das exigências parentais.

Entretanto, na apresentação do modelo ótico do aparelho psíquico, a censura é intercalada entre os sistemas Ics. e Pcs. assumindo claramente um valor estrutural. Assim, Freud compara o efeito da censura entre os sistemas à "refração que tem lugar quando um raio de luz passa a um novo meio"<sup>12</sup>.

10 Laplanche, J., "*A Tina - A Transcendência da Transferência*", S.P., Martins Fontes, 1993, p. 82

11 Laplanche, J. e Pontalis, "*Vocabulário da psicanálise*", S.P., Martins Fontes, 1970, p. 100

12 p. 611

Na ambiguidade, expressa no uso do termo censura em dois campos diferenciados, reconhecemos a dificuldade que levou Freud, a partir de 1911 (O Caso Schreber), à elaboração da noção de recalçamento originário, enquanto processo instituinte do inconsciente, e portanto estrutural, como diferenciado do recalçamento propriamente dito ou secundário, operação defensiva supondo a atividade de uma instância recalçante e a atração por parte do núcleo inconsciente já constituído.

Entretanto, o recalque original não recobre inteiramente o papel que tinha a censura em 1900. Essa é a leitura privilegiada por Lacan, para quem a função da censura aponta para um "nível mais primordial estruturalmente do que o recalque..."<sup>13</sup>, o apagamento do ser do sujeito. A função do apagamento, característica do funcionamento da censura, é retomada por Lacan para pensar a divisão do sujeito como causada pelo próprio advento do significante, do campo do Outro. É a partir do Outro que tem início esta operação. O significante faz surgir o sujeito do ser que ainda não fala, mas é ao preço de apagá-lo, tornando-o apenas um significante. O movimento pelo qual o sujeito submerge no significante corresponde à operação que Lacan chama de "alienação", uma das operações da constituição do sujeito na relação com o Outro. Corresponde a uma perda de si mesmo, na sujeição aos significantes do Outro, e essa "parte faltosa" é o fundamento da pulsão. Os objetos que a pulsão contorna são os que podem ser

---

13 Lacan, J., "Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise" (1964), R.J., Zahar, 1979, p. 31

apropriados a simbolizar a parte perdida pelo advento do significante.

O recalque originário corresponde a um segundo momento da constituição do sujeito, na operação chamada separação. Surge uma pergunta sobre o desejo do Outro, para além do que ele diz, a que se responde com a própria falta, oriunda da alienação. A separação é um retorno da alienação, que permite operar com a parte que caiu na opacidade sob os significantes do Outro.

Voltando à "Interpretação dos sonhos", em 1900 não tínhamos ainda o conceito de pulsão já circunscrito. Entretanto, pudemos observar que o mesmo termo, "desejo", aparece no texto em dois sentidos diferentes. Refere-se tanto à formação transicional, às idéias preconscientes investidas pelo capitalista do sonho (temos aqui o desejo do sonho), quanto ao próprio capitalista, ou seja, o desejo inconsciente em sua forma mais fundamental. Nesta última acepção, o desejo equivale exatamente à pulsão. A ambiguidade a que dá margem um mesmo termo com um duplo referencial, será superada pela introdução do termo pulsão, diferenciado do desejo como expresso nas formações de compromisso, tais como o sonho e todas as outras formações do inconsciente (atos falhos, sintomas neuróticos). As produções da pulsão, o verdadeiro motor, *quando sob recalque*, é que darão origem às formações transicionais, tais como o desejo do sonho, que efetivamente merecem o nome de desejo.

Concluimos que os desejos inconscientes, em sua forma "mais fundamental" a que Freud concede o estatuto de realidade psíquica, são as pulsões indestrutíveis, imortais

e em busca de descarga. São condições para a representabilidade, para a "encenação" do sonho, já que apenas pela transferência de sua carga para os pensamentos transicionais podem encontrar expressão. O sonho é uma *representação* desejante de algo incognoscível como tal.

Se os pensamentos intermediários não merecem o estatuto de realidade psíquica, ela é, neste texto, adscrita ao desejo inconsciente, ou seja, à pulsão sob recalque, anterior a qualquer forma de expressão representativa. Trata-se então de uma realidade para além dos fenômenos psíquicos manifestos, que não pode ser apreendida, mas apenas caracterizada numa construção teórica.

Se a realidade psíquica é caracterizada a partir do que será depois nomeado como "pulsão", temos que levar em conta que é da pulsão sob recalque que se fala neste texto. A pulsão, ao encontrar uma representação no próprio sonho, é situada como o verdadeiro cerne da realidade psíquica. Em seu papel de núcleo do inconsciente, a pulsão atua no regime do recalque, produzindo idéias transicionais como representantes pulsionais.

A centralidade da pulsão na definição do que seja a realidade psíquica, aponta para a questão da singularidade, da peculiaridade de uma produção, de um estilo relacionado à uma história. Entretanto, é pela representação do pulsional através de idéias, de formações transicionais, que a noção de uma realidade psíquica, em seu aspecto de produção de um sujeito, de um psiquismo, se define. Sem a interferência do recalque, não pode haver um sujeito constituído que se apossa de certas produções como sendo agenciadas por ele mesmo. A observação clínica de que o psicótico não costuma

sonhar, por exemplo, indica que não existe uma cena do sonho, como um espaço delimitado da subjetividade. Uma realidade que possa ser considerada pelo sujeito como sua realidade psíquica.

A articulação da realidade psíquica com a fantasia, diferente de sua articulação com o "capitalista do sonho", é uma nova concepção que Freud apresenta da realidade psíquica na Conferência XXIII<sup>14</sup>, que examinaremos depois, e que leva em consideração a necessidade da intervenção do recalque para caracterizá-la.

Para as pulsões, a antítese entre consciente e inconsciente não se aplica<sup>15</sup>. Só para as idéias que as representam, que podem ser conscientes ou inconscientes. No plano econômico, da circulação de energias, as manifestações finais da pulsão são sempre percebidas, como idéias substitutivas ativadas pelo afeto, sentimentos ou angústia, concebidos como processos de descarga. A idéia que representa a pulsão pode ficar inconsciente, mas sua manifestação é inevitável.

Por outro lado, não é apenas sob recalque, como no sonho, que a pulsão pode atuar. Quando se manifesta à revelia do recalque, suas manifestações não parecem oriundas da esfera da realidade psíquica, mas do real. Na psicose, as produções do sujeito parecem acompanhadas de uma *descrença na realidade psíquica*<sup>16</sup>.

Antes de passar à articulação proposta por Freud entre realidade psíquica e fantasia, vamos examinar uma concepção

14 Freud, S. "Lecture XXIII" (1917) em "Introductory lectures on psycho-analysis", S.E. vol. XVI

15 Freud, S. "The Unconscious" (1915), S.E. vol. XIV, p. 177

16 cf. Quinet, A. "Clínica da psicose", Salvador, Fator, 1990

de realidade psíquica que encontramos na literatura psicanalítica, que exemplifica a imprecisão que cerca esta noção.

Strachey remete o leitor à distinção entre *realidade de pensamento* e realidade externa, apresentada no "Projeto", como sendo a primeira aparição da oposição de 1919, entre realidade psíquica e material. Freud introduz a "realidade de pensamento" quando está tratando do pensamento cognitivo. A questão, para ele, é de descrever como as associações podem tornar-se conscientes. As indicações de descarga de  $w$ , ou indicações de realidade, sinalizam para o ego a presença de uma percepção, deslançando o mecanismo de atenção. O pensamento (passagem de  $Q$ ), ordinariamente inconsciente, só se torna uma percepção, passível de se tornar consciente, pelas indicações de descarga pela fala. Essas indicações de descarga da fala são "*também, em certo sentido, indicações de realidade- mas de realidade de pensamento e não de realidade externa*"<sup>17</sup>, permitindo consciência e memória dos processos de pensamento.

A *realidade de pensamento* de 1895 articula-se ao sistema Préconsciente da primeira tópica, mais especificamente ao papel fundamental que as representações verbais nele assumem a partir de 1915 (O Inconsciente). O que se apresenta nesta noção, é a idéia de que só podemos saber o que pensamos, ao falar. A questão em jogo na "realidade" de pensamento, é a consciência do pensamento. Na idéia de realidade psíquica, por outro lado, é a questão do

---

17 Freud, S. "*Project for a scientific psychology*" (1950(1895)), S.E. vol.I, p.373

desejo inconsciente e da fantasia que o sustenta, como articuladores das produções de uma subjetividade.

O que sustenta a realidade psíquica, no texto freudiano, é uma memória que Freud "*considera como o objeto de uma questão que ficou em aberto, naquilo em que condiciona a indestrutibilidade de certos desejos*"<sup>18</sup>. A realidade psíquica tem, como o motor que cria os sonhos, sintomas, atos falhos, ou seja, as satisfações substitutivas, a realidade sexual do inconsciente como substrato.

Retirando de toda a representação do desejo o estatuto de realidade psíquica, a intenção freudiana era possivelmente a de demarcar a radicalidade da destituição da consciência como o lugar do psíquico. O psíquico é inconsciente. Se, através da ligação com os resíduos de percepção de palavra, o pensamento pode aceder à consciência, não é esse acesso que caracteriza o psíquico. Esse acesso é tomado por Freud como essencialmente precário, como indica em 1915<sup>19</sup>, apoiando-se em Kant. Assim como nossas percepções são condicionadas subjetivamente e não são idênticas ao que é percebido, que em si é incognoscível, não se pode equacionar as percepções através da consciência com os processos mentais inconscientes que são seu objeto.

Vale lembrar que a realidade material, como contraposta à realidade psíquica, em "*Interpretação dos Sonhos*", não merece uma tematização. Definida apenas em termos negativos, poderia ser considerada como o que não é objeto do campo psicanalítico. Na articulação entre realidade psíquica

18 Lacan, J. "*Du traitement possible de la psychose*"(1959), em "*Ecrits*", Paris, Seuil, 1966, p. 575

19 Freud, S., "*The Unconscious*", S.E. vol.XV

e fantasia, proposta na "Conferência XXIII" de 1917, entretanto, a realidade material assume uma positividade.

## 2.2 - Realidade psíquica e fantasia

Na Conferência XXIII, o tema é a formação do sintoma. O sintoma, como uma satisfação substitutiva, depende da reativação regressiva de uma fixação da libido. Trata-se da importância que retroativamente assumem experiências libidinais realmente ocorridas na infância, satisfações que constituem um ponto de fixação, exercendo, a partir daí, uma constante atração<sup>20</sup>.

Essa atração, necessária para que o recalçamento secundário possa ocorrer, remete à noção de recalque originário, que havia sido introduzida, em 1911, em estreita relação com a fixação. A fixação aponta para experiências infantis, numa dimensão genética, e para a fixação da libido em um representante no inconsciente<sup>21</sup>.

O trabalho analítico nos leva, a partir dos sintomas, para as cenas infantis em que se fixou a libido e nas quais o sintoma se funda. Aqui se coloca o problema de Freud: nestas cenas, construídas ou lembradas na análise, é indistinguível o que são memórias de acontecimentos reais e o que é fantasia. O que pode estender-se a qualquer

---

20 cf. Freud, S. "Introductory lectures on psycho-analysis"(1916-1917), S.E., vol. XVI, p. 365

21 Freud, S. "Psycho-analytic notes on an autobiographical account of a case of paranoia"(1911) S.E. vol. XII, p. 360



lembrança consciente, que sempre pode combinar "verdade e falsidade"<sup>22</sup>.

Segue-se uma recomendação metodológica: a de que realidade e fantasia devem ser equacionadas, sem a preocupação de avaliar se os acontecimentos infantis relatados são realidade ou fantasia. Nessa atitude metodológica, o que se indica é que qualquer relato tem articulação com a fantasia e o desejo. O que importa é o fato de que as fantasias possuem *realidade psíquica* em contraste com *realidade material*, e que "no mundo das neuroses é a realidade psíquica que é a decisiva"<sup>23</sup>.

Novamente encontra-se a realidade psíquica referida à eficácia de um motor de produções psíquicas, mas agora esse motor é uma fantasia de realização de desejo, a fantasia a que se chega através das associações livres e da interpretação, já dotada de um conteúdo representativo.

A realidade material, entretanto, toma um papel importante. Freud não renuncia à idéia de que existe nessas cenas um substrato constituído da *memória de experiências infantis* que tiveram influência nas fixações da libido. A esses acontecimentos é que é atribuído o valor etiológico nas fixações, e não às fantasias. As fantasias vêm a recobrir os acontecimentos da infância, da mesma forma como as sociedades constroem lendas que preenchem o lugar de sua pré-história esquecida.

Os eventos da infância respondem a uma necessidade, e por isso as pistas que deixam são coordenadas e suplementadas pela fantasia. Essa necessidade provem

22 Freud, S. "Introductory lectures on psycho-analysis" (1916-1917), S.E. vol.XVI, p. 367

23 idem p. 369

da pulsão, como sua fonte. Resta o problema de explicar a recorrência de certos temas nessas construções que são as fantasias originárias, e Freud recorre à hipótese de um dote filogenético de que se lançaria mão nos pontos em que a experiência individual foi muito rudimentar. Desligando esta hipótese do registro biológico em que foi formulada e valorizando a dimensão mítica na constituição do sujeito, ela nos remete ao papel fundamental do Outro nessa constituição, e ao "*poder interpretante da linguagem na qual o sujeito encontra o suporte présubjetivo*"<sup>24</sup>.

Essa interpretação é apoiada pela noção de "verdade histórica" elaborada por Freud em um de seus derradeiros trabalhos, "Moisés e o monoteísmo". Para interpretar a personalidade histórica de Moisés a partir do fundamento de uma analogia entre o desenvolvimento individual e a evolução religiosa, Freud recorre à tradição oral através da qual se transmite o traço de um traumatismo coletivo, o assassinato de Moisés. A tradição oral é uma explicação alternativa, invocada para solucionar um problema similar ao que havia levado Freud a invocar o dote filogenético; isso embora mesmo em seu último trabalho ele não tenha desistido de recorrer à memória da espécie.

A realidade material aponta, na Conferência XXIII, para os eventos infantis que, apesar de que Freud não acredite mais em suas históricas, são ainda supostos como fundamento do desejo. A materialidade de que se trata, remete aos traços mnêmicos fundamentais que, embora não recuperáveis como tais pelo sujeito, marcaram os caminhos

---

24 Birman, "*Fantasma, verdade e realidade*", em "*Cadernos de Psicanálise*", março de 1987, p. 10

pulsionais e são apanhados, a *posteriori*, na articulação pela interpretação.

O sujeito constituído a partir de sua história como sujeito do desejo é a referência principal que está em questão na realidade psíquica. Mas a transferência não pode ser considerada uma mera atualização do passado, através da qual as amnésias são preenchidas. Através da presentificação do desejo na transferência, algo se forja na própria situação analítica; há uma produção de representações que não se limita à atualização do passado, mas inclui a introdução do novo.

A própria recomendação metodológica de que recordação e fantasia devem ser tratadas igualmente pelo psicanalista, é de molde a nos sugerir que o ato de narração é mais importante que seu conteúdo, na medida em que é um ato de desejo. Do mesmo modo, é a eficácia o verdadeiro critério da boa interpretação, e não a exatidão histórica das reconstruções propostas.

### **2.3 - A Limitação do papel da realidade psíquica após 1920**

Trataremos adiante, em maiores detalhes, da importância das reformulações que ocorreram na teoria freudiana a partir de 1920. Entretanto, é necessário destacar, nesse ponto, que os acontecimentos acidentais e contemporâneos da vida tomarão uma importância muito maior que inicialmente, dando lugar, na teoria, a uma maior esfera de indeterminação.

Como vínhamos tratando da teoria do sonho, vamos abordar essa limitação do papel da realidade psíquica, tal como expressa na teoria dos sonhos.

Examinando os motivos que levam à reformulação de 1920, temos, entre os casos de repetição que não podem ser adequadamente abarcados pelo princípio do prazer, os sonhos traumáticos, que são considerados justamente como os casos menos dúbios, no sentido de exigir a teorização da compulsão de repetição como independente do princípio do prazer e podendo sobrepujá-lo. Freud apresenta, como inteiramente conflitante com a teoria do sonho como realização distorcida de desejo, a observação de que os sonhos tendem a reconduzir o sonhador exatamente para a situação que gerou a neurose traumática. A única forma de preservar a crença nessa teoria seria considerar que a função do sonho foi perturbada pela neurose traumática, e desviada em relação a seu objetivo habitual<sup>25</sup>. A teoria encontra nesses sonhos uma exceção.

Os sonhos traumáticos obedecem ao propósito de obter uma ligação psíquica da impressão traumática, função primordial para o reestabelecimento do princípio do prazer, que foi colocada fora de ação pelo trauma.

A definição do trauma dada em 1920 é econômica, cuja conhecida representação figurada é a efração da camada protetora contra o excesso de excitação que envolve o organismo vivo. Representação bastante simplificadora. Um acontecimento redundante em um transtorno econômico, e isso ocorre não apenas pela intensidade do acontecimento, mas principalmente pela impossibilidade de responder a ele, que é relativa à própria organização psíquica daquela pessoa. A falta de recursos para lidar com o acontecimento, que tem seu protótipo no desamparo infantil, será enfatizada a

---

25 Freud, S., "Beyond the pleasure principle" (1920), S.E. vol. XVIII, ps. 13 e 14

partir de 1926<sup>26</sup> na definição do trauma, que deixará de estar vinculado exclusivamente à gênese da neurose traumática, assumindo um papel mais genérico, e relativo ao desencadear da angústia.

O vazio de razões, a impossibilidade de dar qualquer sentido para um acontecimento é o que o torna traumático. O cunho de impessoalidade do destino, por exemplo, é o que dá conta da angústia "sem sentido"<sup>27</sup>, e leva o homem a tentar humanizá-lo, na busca de romper com esse nível de desamparo caracterizado pela total passividade.

A elaboração psíquica do traumático assume papel tão importante no pensamento freudiano, que podemos considerar que a função de realização de desejo no sonho, colocada em precedência em "*Interpretação dos Sonhos*", pode ser considerada como subordinada à função de domínio e ligação através da simbolização. Em 1927<sup>28</sup> Freud retoma um sonho seu, que analisara em 1900, e o interpreta como uma forma de lidar com o desamparo através de uma representação do desejo. O sonho é causado pelo cansaço e por uma sensação de fraqueza nas pernas que lhe demonstram seu envelhecimento, e trazem um pressentimento da morte que se aproxima. A elaboração onírica se encarrega de transformar esse pressentimento angustiante em uma realização de desejo, em que Freud se encontra em um túmulo etrusco, que um dia visitara em Orvieto, feliz por satisfazer seu interesse na arqueologia. Apesar do trabalho onírico ter conseguido transformar o sentimento de desamparo em uma realização de

26 cf. Freud, S., "*Inhibitions, symptoms and anxiety*" (1926(1925)), S.E. vol. XX

27 Freud, S., "*The future of an illusion*" (1927), S.E. vol. XXI, p. 17

28 idem

desejo, o sucesso foi apenas relativo, e Freud acordou tomado pela angústia.

Curiosamente, a interpretação desse mesmo sonho em 1900, ocasião em que é analisado em maiores detalhes e apresentado como sendo do próprio Freud, detalhe omitido posteriormente, não é muito diferente da que apresentará em 1927. Como é muito frequente no trabalho de Freud, as análises apresentadas de sonhos e atos falhos específicos adiantam em muito o estágio em que está a construção metapsicológica.

Os sonhos chamados de "hipocríticos" em "*Interpretação dos Sonhos*" também apontam para a precedência, no sonho, da função da simbolização como forma de dominar a angústia gerada por um acontecimento traumático, sobre a de realização dos desejos nos sonhos, e ultrapassam o modelo metapsicológico apresentado no mesmo texto, em que a causa última de um sonho seria o desejo inconsciente, apossando-se de restos diurnos para a montagem de uma representação deste desejo. Os repetidos sonhos em que se reconcilia com um amigo (provavelmente Fliess), por exemplo, são considerados como tendo sido incitados por ocorrências que demonstraram a necessidade de se desligar completamente deste amigo, que não merecia mais sua confiança. Generaliza então, afirmando que a análise dos sonhos hipocríticos geralmente desemboca na recordação de alguma experiência, algum acontecimento que deveria levar à conclusão de que o antigo amigo deveria ser tratado como estranho ou como um inimigo. A surpresa é que o conteúdo do sonho, a que se chega a partir das associações e do trabalho interpretativo, não é mais o "desejo do sonho", mas por trás dele oculta-se a impressão causada por um

acontecimento, e um acontecimento mal vindo. O desejo encobre e sinaliza um fato, um significante vindo do real, que desconcerta, que ameaça, e que entretanto insiste exigindo trabalho. O desejo assume a função de um instrumento com que se busca dar conta do desamparo em que algo, vindo do real, colocou o sonhador, recolocando o princípio do prazer em funcionamento.

Encontramos em Weill um desenvolvimento desta nova perspectiva do sonho. A causa do sonho é um significante, chamado por Weill, de "*significante siderante*"<sup>29</sup>, que vem do real e para o qual não se tem resposta, com o qual o saber já adquirido não tem como se haver, e que introduz portanto um momento de "fading", de desubjetivação. O sonho, transformando o vazio de resposta em uma resposta produzida pelo desejo inconsciente, tem o efeito de recolocar em cena o sujeito, driblando o desamparo pela atuação do princípio do prazer. Mas é uma resposta que ainda representa uma evasão do significante siderante, ao mesmo tempo em que o presentifica metaforicamente, na busca de dar conta dele.

A interpretação do sonho é que permite encontrar, sob o seu conteúdo de realização de desejo, o significante incitador do sonho, e extrair dele as consequências devidas, num processo de simbolização que significa o compromisso com a dívida simbólica que a todo o momento pode ser recolocada a partir do real.

Nesse caso o sonho é uma resposta, mas consideramos que nem sempre existe uma possibilidade de resposta ao significante vindo do real que recoloque em jogo o princípio

---

<sup>29</sup> Didier-Weill, A. "*O inconsciente freudiano e a transmissão da psicanálise*", Zahar, R.J., 1988

do prazer. Podemos correlacionar a possibilidade de resposta ao funcionamento da angústia como sinal, uma angústia em estado reduzido e que aponta para um perigo para o ego e para uma preparação. Mas Freud mantém a angústia econômica como um limite, admitindo o desenvolvimento de angústia que não serve à preparação; que, ao contrário, aponta para algo para o qual não havia qualquer preparação, de que o saber anterior não pode dar conta de forma alguma. Algo que podemos caracterizar como traumático e desorganizador, que vem do real e só pode ser vivido em uma perspectiva de passividade.

Em "*Inibição, sintoma e angústia*", Freud lembra que ser adulto não significa uma proteção absoluta contra a volta da situação traumática original. É totalmente provável que cada indivíduo tenha um limite, além do qual seu aparelho psíquico não tenha condições de dominar as quantidades de excitação que precisam ser processadas. Essa situação corresponde à falha do sonho em sua função de manter o sono, que é então interrompido por uma crise de angústia; ou então não se consegue mais dormir.

Podemos então, a partir dessa reinterpretação da função do sonho, que é consequente com a nova perspectiva da pulsão introduzida por Freud em 1920, colocar em destaque dois aspectos que dizem respeito a uma limitação da esfera de atuação da realidade psíquica. O primeiro é que o infantil é deslocado de sua importância no desencadear do sonho, que passa a estar referido a acontecimentos do presente, em oposição à teoria anterior, em que os fatos recentes, como restos diurnos geralmente indiferentes, eram apenas a matéria prima de que o desejo, originário da infância,



lançava mão para para forjar uma representação de sua realização. O segundo, consequência do primeiro, é que a realidade psíquica encontra-se em uma nova posição, constantemente confrontada a acontecimentos fortúitos e encontros inesperados. O real assume um papel decisivo na psicanálise, recolocando sem cessar a necessidade da elaboração psíquica. Fazer face ao que de inesperado pode vir da natureza, do próprio corpo, ou das outras pessoas, provocando um distúrbio econômico e constituindo-se em uma ameaça para o ego, é uma tarefa permanente do psiquismo. A realidade psíquica aponta para um processo permanente de elaboração, é uma realidade operacional, e não uma esfera constituída do psíquico.

### 3 - A PULSÃO: ENTRE O CORPO FALANTE E O CORPO MUDO

A pulsão é um dos conceitos mais embaraçosos da psicanálise, pela ambiguidade com que foi tratado no texto de Freud. Como entender seu estatuto de conceito-limite entre o psíquico e o somático, referência chave para sua delimitação? De que forma está o corpo envolvido no pulsional?

Strachey enfatiza a ambiguidade da pulsão, em sua nota a "Pulsões e suas Vicissitudes", observando que tanto pode significar os representantes psíquicos de forças orgânicas, quanto as próprias forças orgânicas, por oposição às idéias que as representam.

Uma via de entrada nesse terreno escorregadio, é o exame das várias interpretações que sobre a pulsão foram ensaiadas por diversos autores, e dos aspectos insatisfatórios de que padecem, se tomamos como referencial mais valorizável as descobertas a partir da experiência clínica, e o que se fundou e mostrou operativo na prática.

Tentaremos agrupar essas leituras em grandes grupos, tarefa obviamente difícil, na medida em que implica desconsiderar discriminações importantes, enfatizando apenas semelhanças.

A primeira possibilidade interpretativa é a que reduz o alcance e o inédito da problemática da pulsão pelo recurso a um modelo biológico, autorizado por certas passagens do texto freudiano, em que a pulsão é apresentada como uma

realidade orgânica, energia somática pressionando o psiquismo, e a questão da zona erógena é remetida à biologia, como seu campo próprio. Entretanto, como já foi fartamente comentado na literatura, a tradução errônea, na "Standard Edition", de "Trieb" por instinto, com sua conotação de comportamento adaptativo pré-formado, acarretou uma confusão entre conceitos que no texto freudiano estão distintos com clareza.

O modelo evolucionista, inspirado em Jackson, que Freud adota explicitamente como "princípio-guia" no seu estudo sobre as afasias, infiltrou-se em várias de suas grandes sínteses teóricas, se imaginamos que a concepção do aparelho psíquico descende do aparelho da fala apresentado neste texto.

A perspectiva genética com que Freud apresenta o aparelho psíquico, possibilitou uma leitura em que a emergência do psíquico se subordina, em última instância, às necessidades somáticas. Nessa perspectiva, o mundo representacional seria uma simples superestrutura, em continuidade com a finalidade da preservação e adaptação do indivíduo. Mais que isso, a singularidade do sexual, seu papel fundamental na descoberta psicanalítica, não encontra seu lugar neste modelo. A auto-conservação e a sexualidade, dois polos do conflito a que toda a experiência psicanalítica remetia na clínica das neuroses, são colocadas no mesmo plano, e o sexual é o que mal se acomoda nesta concepção.

Essa unificação do modelo, abarcando a autoconservação e a sexualidade, dilui e obscurece especificidade e o relevo que a pulsão sexual ocupa no campo psicanalítico, levando-

nos a valorizar os momentos do escrito freudiano em que essa especificidade é afirmada.

A noção de apoio permite também uma leitura biologizante. Embora coloque-se explicitamente contra uma biologização da pulsão, Laplanche parece ter, em alguns trabalhos, incorrido no erro que aponta, quando entende que a pulsão emerge diretamente a partir do instinto, por um efeito marginal. O instinto, com sua fonte, pressão, fim e objeto, foi tratado por ele como sendo, por sua vez, a fonte da pulsão, como processo que o mimetiza e desloca<sup>30</sup>. Embora enfatizando o defeito de tradução que equaciona pulsão e instinto, Laplanche vai, contraditoriamente, marcar uma analogia entre a pulsão e o instinto, e defender uma "derivação real"<sup>31</sup> da pulsão a partir do instinto. É importante assinalar que essa concepção do apoio que utilizamos para nossa crítica, o próprio Laplanche reformulará posteriormente. Dirá então que:

*"é inconcebível que a sexualidade emergja biologicamente da auto-conservação, ainda que por um distanciamento de fim e de objeto...a única verdade do apoio é a sedução originária"*<sup>32</sup>.

A noção de apoio é forjada por Freud para justificar a emergência da pulsão sexual a partir das experiências de satisfação de necessidades vitais, dos cuidados por parte do adulto, que a prolongada dependência do infante encarrega-se de garantir. A ênfase freudiana na noção de apoio incide nas experiências com o semelhante, e não na idéia de desvio com

---

30 Laplanche, J. "Vida y muerte en psicanálisis", Amorrortu, Buenos Aires, 1970, p. 35

31 idem, p. 18

32 Laplanche, J. "Teoria da Sedução generalizada", Artes Médicas, Porto Alegre, 1988, p. 80.

relação a uma ordem instintual, o que significaria preconizar uma gênese da pulsão sexual a partir do instinto. O instinto, como roteiro pré-formado, inato, de adaptação de uma necessidade a um objeto natural não pode gerar em continuidade a pulsão. Essa é, possivelmente, a leitura criticada de forma pertinente por Garcia-Roza, com base no argumento de que a linguagem e a ordem simbólica implicam em uma "*desnaturalização do corpo, das suas necessidades e dos objetos do mundo*"<sup>33</sup>.

Há entretanto, outra leitura possível do apoio, que não implica em biologizar a pulsão. A que considera que a pulsão sexual emerge em uma interação com o semelhante em que o corpo é erogeneizado. A concepção do apoio visa, aqui, colocar em destaque a função dos orifícios de troca, nos quais os cuidados do adulto se concentram, como "*portas do corpo*"<sup>34</sup> que se oferecem de maneira preferencial e quase necessária à erogeneização, valor sexual sempre delineado pelo desejo no qual está já inscrito o adulto.

Esta leitura não é estranha ao espírito do texto freudiano. Afinal, uma das indicações que nos lega é que qualquer parte do corpo pode ser eleita como zona erógena, desde que ofereça condições de evocar prazer<sup>35</sup>. Desde que alguém nelas evoque prazer, completamos.

O outro contexto em que faz uso do termo "apoio" - designando um tipo de eleição do objeto amoroso - reforça a idéia de que a referência do apoio é o outro privilegiado, e não o traçado instintivo. A eleição por apoio (traduzida

33 Garcia-Roza, L.A., "*O mal radical em Freud*", R.J., Zahar, 1990, p. 16

34 Leclaire, S. "*Psychanalyser*", Paris, Seuil, 1968, p. 70

35 cf. Freud, S. "*Three essays on the theory of sexuality*" (1905), S.E. vol. VII

frequentemente por "anaclítica", embora Freud use o mesmo termo em alemão, "*Anlehnung*") em oposição à escolha narcísica, é a que toma como modelo do objeto amoroso o adulto que desempenhou a função materna<sup>36</sup>. Ou seja, a escolha do amado apoia-se sobre a primeira escolha amorosa.

Na referência à pulsão, a relação entre os corpos é o que está em questão, e não a saciedade da necessidade pelo objeto natural, sendo este encontro o ponto de origem da constituição de fontes, alvos e objeto da pulsão sexual, que não se confundem com as fontes, alvos e objetos naturais de satisfação das necessidades.

O ponto central para o qual convergem as leituras biologizantes, assim como seu principal defeito, consiste na consideração da pulsão sexual e da chamada pulsão de auto-conservação, ou do ego, dentro do mesmo modelo. Esta equiparação resulta em um divórcio relativo entre o plano teórico e o da experiência.

A questão central da psicanálise é a sexualidade, e pela via da clínica psicanalítica das neuroses, desde o início assumiu essa centralidade. Trata-se da primazia de uma descoberta, e não de uma preferência teórica, que se estabeleceu tanto no campo da histeria e das neuroses atuais, como da auto-análise de Freud através de seus sonhos<sup>37</sup>.

Por outro lado, só sobre as representações sexuais incide o recalque, afirmativa encontrada no texto freudiano desde o "Projeto" (1895) até o "Compêndio de

---

36 cf. Freud, S. "*On narcissism: an introduction*" (1914), S.E., vol. XIV

37 Laplanche, J. "*La sexualidad*", Nueva Vision, Buenos Aires, 1980, p. 30

Psicanálise" (1940)<sup>38</sup>, texto escrito em uma época em que já está em cena a pulsão de morte, no discurso freudiano.

Não faz nenhum sentido, a partir da experiência psicanalítica, invocar-se um recalque da fome, protótipo da pulsão de auto-conservação. Podemos apenas falar de uma interferência da sexualidade na função da alimentação, provocadora de distúrbios como a anorexia. Isso nos demonstra que os termos sexualidade-fome, que em algumas sínteses teóricas parecem colocados em uma relação de equivalência, não podem assumir o mesmo nível na psicanálise.

Os distúrbios de uma função ligada à auto-conservação a partir do recalque, só ocorrem quando a pulsão sexual se apropria de um órgão que servia àquela. Este é o modelo apresentado em conexão com a cegueira histérica, fruto de um recalque da pulsão sexual escópica. O olho é zona erógena na escopofilia e no exibicionismo, e só por sua dupla função, por revestir-se de um valor erótico, pode tornar-se o lugar de um sintoma como a cegueira.

Apenas a pulsão sexual é recalçada, podemos afirmar, sem entrar na questão da pulsão de morte neste momento. O recalque é constitutivo do inconsciente, e, portanto, só a pulsão sexual nos fala do inconsciente, através dos sintomas, atos falhos, sonhos e jogos de linguagem.

### **3.1 - Primado da representação e da linguagem**

Contra a leitura biologizante da teoria, levantou-se enorme produção psicanalítica, sustentada pela fascinante

obra de Lacan, e pela valorização da linguagem como dimensão fundamental da experiência psicanalítica que se seguiu a seu trabalho "Função e Campo da Palavra e da Linguagem em Psicanálise", de 1953, considerado por Lacan como inaugural de seu ensino.

Com a proposição do inconsciente estruturado como uma linguagem, Lacan empreendeu a uma retificação das concepções derivadas do modelo biológico, predominantes na psicanálise da época, representadas especialmente pelas idéias do inconsciente como sede dos instintos e das fases da libido culminando em um amor genital como fruto da Natureza, e por vertentes que enfatizavam a adaptação do indivíduo ao meio social. Concepções obscurecedoras do que há de mais vivo na experiência psicanalítica, a linguagem como estruturante de seu campo, o inconsciente e a sexualidade.

Embora refira-se à pulsão sexual ao longo de todo o seu ensino, podemos marcar o seminário 11, de 1964, como o momento em que Lacan passará a dedicar à sexualidade e à pulsão um papel de grande destaque, passagem que é correlativa a um remanejamento da categoria do Real, que passa a ser concebida como central na experiência psicanalítica.

Trata-se de uma retificação imposta pela própria experiência, embora não seja assim apresentada por Lacan, neste seminário. Comenta que embora seu ensino tenha promovido, no que concerne o inconsciente, a questão da constituição do sujeito, com sua fórmula do inconsciente estruturado como uma linguagem, esse ensino teve um fim *transferencial*. Ou seja, buscar em seus ouvintes, os



psicanalistas, certos efeitos a partir do manejo deste conceito, dirigidos à uma revalorização de aspectos fundamentais da psicanálise que estiveram obscurecidos pelos desvios interpretativos já apontados. Conclui que "*a realidade do inconsciente é a realidade sexual*"<sup>39</sup>.

Sem considerar a complexa articulação que propõe a seguir, avançamos que seu ensino anterior a 64 serviu de apoio a leituras que, colocando em grande relevo a questão da linguagem, relegaram a pulsão a um limbo teórico, tratando-a como um substrato último, perfeitamente indeterminado, energia caótica, e empobrecendo o valor do conceito no que se articula com a clínica.

Com o advento da linguagem há a desnaturalização do corpo, perde-se a relação necessidade - objeto natural, e a possibilidade de satisfação. Temos então um corpo simbólico, que não encontra mais a satisfação por estar separado do objeto pelo muro da linguagem. Esta perspectiva resulta em uma indistinção entre pulsão e desejo, por um lado, e pulsão e necessidade por outro. A pulsão sexual não existe, o sexual esgota-se no campo da representação, é indistinguível do desejo. A pulsão de morte é apenas energia dispersa, que resulta da desnaturalização do corpo, não merecendo o estatuto nem de orgânica nem de psíquica.

Quanto a direção a se imprimir ao processo psicanalítico, com o objetivo de reapropriar a força pulsional ao universo da representação, não encontramos, nessa concepção de pulsão, qualquer parâmetro possível. Esse

---

<sup>39</sup> Lacan, J. "*Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*" (1964), R.J., Zahar, 1979, p. 143

objetivo, se é que tem algum sentido, supõe que haja algum real, algo de duro que tenha efeitos na situação psicanalítica, para que a construção com que o analista intervém, distinga-se de um delírio ou de um exercício de poder.

Ao falar em força pulsional, já indicamos a preferência pela idéia de uma direção, já que a força em física se define por ser uma grandeza vetorial, e produzir trabalho.

As indicações de Freud quanto à pulsão, são de que ela possui objetos, embora contingentes, fonte em uma zona erógena, alvo e ainda que "*toda a pulsão é uma peça de atividade*"<sup>40</sup>. Essa atividade implica em uma certa topografia, idéia que reencontramos na noção lacaniana de um circuito da pulsão.

Seria então a pulsão sexual o mesmo que o desejo, por implicar na constituição de um objeto na fantasia ao qual o desejo poderia atar-se? Diz Freud que, na vida anímica, a pulsão não é conhecida senão por sua meta<sup>41</sup>. Ao atingir sua meta, algo da pulsão pode ser representado através de seus efeitos. A atividade da pulsão não implica o pensamento, uma representação prévia da meta ou do objeto, poderíamos interpretar. Sem imaginar essa possibilidade, perderíamos um instrumento precioso de abordagem da questão da psicose e da passagem ao ato, onde ocorrem atos impulsivos na independência de qualquer representação, e dos quais não se tem depois a menor idéia de seu sentido.

Os destinos da pulsão, enumerados por Freud, são quatro, só um deles é o recalque. E o recalque que

40 Freud, S., "*Instincts and their vicissitudes*" (1915), S.E., vol. XIV, p. 122

41 cf. idem, p. 23

constitui os sistemas préconsciente e inconsciente como instâncias separadas. Só no recalque constitui-se o sujeito do inconsciente. Essa indicação completa-se com a de que "a oposição entre consciente e inconsciente carece de toda a pertinência com relação à pulsão"<sup>42</sup>. Se a posição da pulsão em relação ao psíquico é a de um "entre", isso pode indicar que sua atividade passa ao largo de um espaço constituído da subjetividade, o que lhe dá esse cunho de "ser" de transição. Entretanto, o "corpo" pulsional, não é o corpo natural, assim como não é corpo simbólico ou imaginário.

Na constituição do sujeito, um dos passos fundamentais é o ato psíquico pelo qual é dotado de um corpo, imagem de um corpo, que é para ele um objeto libidinal. Esse corpo, supõe a mediação da linguagem para seu advento. O corpo da histeria, nos sintomas em que a paralisia obedece à concepção popular da delimitação de seus membros e não aos pressupostos da neuroanatomia, nos demonstra o quanto esse corpo imaginário é solidário à linguagem.

Antes que houvesse um corpo unificado, que havia? O corpo natural, remetendo à necessidade acoplada a seu objeto natural? Se o discurso da biologia prevalece, a resposta é essa, mas temos de considerá-la inteiramente marginal ao que é do campo da psicanálise. Se concordamos com Freud de que há um momento em que, a partir de um novo ato psíquico, surge a unificação do corpo como objeto, reunindo pulsões sexuais auto-eróticas, temos que supor a existência anterior das pulsões em regime de parcialidade, mas já providas de alvos pulsionais dispersos, a que os

42 Freud, S., "The unconscious" (1915), S.E. vol. XIV. p. 177

objetos permitem o encontro de uma satisfação que supõe traços de experiências, já que se dá sob a égide da repetição.

### 3.2 - A pulsão não é necessidade

Não se fala em pulsão, no "Projeto de uma Psicologia para Neurólogos", e, entretanto, retomando-o a posteriori, o que se encontra de mais fascinante neste texto é o mito da constituição da pulsão sexual.

E como desejo, que Freud descreve como, a partir de uma experiência de satisfação de necessidade que requer a presença do semelhante, vão surgir facilidades, caminhos privilegiados, percepções e movimentos, como o roteiro da pulsão sexual.

Chama facilidades a algum tipo de marca que nada tem de natural. São marcas de uma história que se inicia com o encontro com o corpo do semelhante. Corpo e voz. As pulsões também são o eco, no corpo, da fala materna<sup>43</sup>.

Temos aí uma prefiguração do que seja o apoio do sexual na satisfação das necessidades. Que a pulsão sexual seja absolutamente irreduzível à essa satisfação já se faz claro pela impossibilidade de pensarmos que o papel do encontro entre o corpo e essa voz que a constitui, pudesse subsumir-se à saciedade da fome. Esta se satisfaz completamente com seu objeto natural.

Se o interesse da psicanálise esteve sempre ligado à pulsão sexual, pela sua importância na clínica das neuroses,

---

43 cf. Lacan, "Joyce le symptôme II" (1979), em "Joyce avec Lacan", Paris, Navarin, 1987, p. 42

o abandono das pulsões de auto-conservação não foi tematizado no texto freudiano, embora Freud, em 1914, indique que desde o início a separação entre ambas era radical<sup>44</sup>.

Um dos argumentos para essa distinção, frequentemente invocado em textos anteriores, era o de que as pulsões de auto-conservação imporiam de forma premente ao psiquismo a adaptação (exigindo o objeto natural, indispensável à vida), em contraste com a extrema plasticidade da pulsão sexual, tanto em relação a objetos e fins, quanto em relação às próprias fontes.

A problemática ligada à conservação do indivíduo, a partir de 1914, muda radicalmente de estatuto, e de uma forma que implica no abandono da noção de pulsão de auto-conservação, mesmo se Freud não o reconheceu explicitamente. A introdução do narcisismo é correlativa do abandono de uma energia específica das pulsões de auto-conservação, o interesse, e todo o campo pulsional passa a ter a libido como único substrato energético, com seu cunho sexual reafirmado. O eu, que não existe desde o início, constitui-se, por um novo ato psíquico, numa dialética permeada pelo erotismo, como um objeto. Se é o eu o interessado na conservação, podemos depreender disso que a questão da conservação não é mais referida à pulsão, propriamente; já não é mais um alvo pulsional, transcendendo esse registro. Todo um mergulho na ordem simbólica está implicado na constituição dessa unidade, o eu, que se impõe como objeto libidinal. O eu, como representação, é tributário de

---

44 cf. Freud, S. "On narcissism: an introduction" (1914), S.E. vol. XIV, p. 78

uma estrutura representacional em que o impacto da pulsão, em sua parcialidade essencial, cria um desafio permanente e a possibilidade de impasses, exigindo trabalho.

E significativa, nesse contexto, a preferência, declarada por Freud, pela hipótese biológica de Weismann de que o indivíduo é um mero apêndice temporário de um germe-plasma imortal, à concepção de que o indivíduo é fundamental, e o sexual apenas uma entre suas necessidades. O sexual não é uma necessidade como as outras; como sugere Lacan, foi pelo sexual que o significante entrou no mundo.

A metáfora freudiana, tomada de empréstimo à biologia, coloca em questão a própria especificidade da psicanálise, em que o indivíduo não é mais o centro. A contradição entre a pulsão sexual e o eu, como princípio de uma unidade instaurada a partir da transcendência da ordem simbólica, unidade sempre precária, sob permanente exigência de refazer-se pela pressão das pulsões parciais, é o que aqui está em jogo.

Os primeiros encontros com o semelhante têm repercussões que transcendem seu valor instrumental na satisfação das necessidades iniciais. É impossível pensar o valor da linguagem, veiculada pela fala materna, na constituição do futuro sujeito, sem o recurso ao campo de sexualidade. As pulsões, sugere Lacan, são o "*eco no corpo do fato que há um dizer, mas este dizer, para que ressoe, é preciso que o corpo seja sensível a ele*"<sup>45</sup>. As zonas erógenas, como orifícios de troca, entre as quais os ouvidos assumem importância singular por não poderem se

---

45 Lacan J. "*Joyce le symptôme*"(1979), em "*Joyce avec Lacan*", Paris, Navarin, 1987, p. 42

fechar, constituem condições de possibilidade para a estruturação do sujeito, a partir da sexualidade.

### 3.3 - Pulsão e princípio do prazer

O princípio do prazer tem origem na observação de que a vida psíquica orienta-se pela busca de prazer e a evitação do desprazer. A partir dessa observação, Freud busca precisar em um registro econômico, no modelo do aparelho psíquico, um princípio de regulação automática que dê conta desta direção em que o psíquico parece encaminhar-se.

Difícil percurso, o de se traçar os caminhos que toma este empreendimento, sob a égide do ponto de vista econômico, coalhado de imprecisões e desembocando em vários impasses. O princípio do prazer é abordado de formas diferentes e às vezes contraditórias, nos vários textos freudianos, exigindo um trabalho de interpretação. Várias acepções foram levantadas e discutidas no artigo de Barros "Contribuição à Controvérsia sobre o Ponto de Vista Econômico"<sup>46</sup>.

Embora sujeito a uma abordagem econômica, o princípio do prazer é um enunciado qualitativo<sup>47</sup>. Prazer e desprazer são, desde sua introdução, no "Projeto", qualidades psíquicas, as únicas presentes desde o início da vida. Embora as qualidades do mundo externo possam ser percebidas em sua diversidade, as percepções do mundo interno se

46 Barros, C. "Contribuição à controvérsia sobre o ponto de vista econômico" em "Consciência" no2, Petrópolis, Vozes, 1975

47 cf. Freud, S. "Lectures XXII, XXIII" em "Introductory Lectures on psycho-analysis"(1917), S.E. vol. XVI

reduzem ao prazer e ao desprazer. O diferencial prazer/desprazer, portanto, é o critério de um esboço de organização possível das memórias relativas às primeiras experiências, anteriores à linguagem.

O eu prazer, constituído por uma simbolização primordial, pode ser considerado como a organização que responde a esse critério. Essa relação entre a diferença pura prazer-desprazer, e a suposta simbolização primitiva implicada no eu prazer, justifica a introdução do prazer como princípio.

O princípio de prazer é associado em alguns textos ao princípio de constância, como seu fundamento econômico, e em outros vinculado aos processos psíquicos primários, residindo o prazer na identidade de percepção (satisfação alucinatória de desejo) e a repulsa à memória do objeto hostil correspondendo à evitação do desprazer<sup>48</sup>.

Na primeira concepção, o desprazer é associado ao aumento de tensão e o prazer à redução de tensão (descarga), como percepções de alterações econômicas ocorrendo fora do psíquico, no corpo. A tentativa de encontrar um substrato econômico do princípio do prazer, entretanto, levou a um impasse, tendo sido descartado posteriormente. O prazer não se acomoda bem à correlação com a redução de tensão. A excitação sexual, que representa um aumento de tensão, é sentida como prazerosa. Em 1924<sup>49</sup>, Freud desiste do primitivo modelo, admitindo que há tensões prazerosas e distensões desprazerosas. Deixa no ar a

48 Barros, C. "Contribuição à controvérsia sobre o ponto de vista econômico", em "Consciência" nº 2, Petrópolis, Vozes, 1975, p. 47

49 Freud, S. "The Economic Problem of Masochism"(1924), S.E. vol. XIX



hipótese de que talvez se possa relacionar as sensações de prazer e desprazer ao ritmo nos aumentos e diminuições de tensão, introduzindo um fator temporal.

Em "Interpretação dos Sonhos", Freud focaliza o Princípio do Prazer como "*concomitante dependente dos processos psíquicos primários*"<sup>50</sup>, explorando o que chama de "*ficção de um aparelho psíquico primitivo*"<sup>51</sup>, em tudo semelhante a apresentação que figura no "Projeto" em uma "linguagem" neurológica, embora apresentada de forma menos detalhada. Apoiando-nos no "Projeto", examinaremos essa relação.

Trata-se de um sistema de neurônios psi, que é dotado de capacidade de memória, e que através de seu polo receptor registra estimulações externas e endógenas. Através de facilitações topograficamente determinadas em suas barreiras de contato guarda imagens mnêmicas de objetos externos, acontecimentos internos e estabelece associações entre essas memórias. Nas primeiras experiências de satisfação surgem facilitações entre a memória do objeto de satisfação e a memória do estado de tensão. Quando a experiência é de dor, surgem facilitações entre a memória do objeto hostil e neurônios chamados "chave" que provocam, ao serem ativados, um aumento de tensão. Todo o aumento de tensão em psi é registrado como uma sensação de desprazer pelo sistema perceptivo W.

O que Freud busca representar com as facilitações permanentes são os resíduos dessas experiências, que deixam

---

50 Barros, C. "Contribuição à controvérsia sobre o ponto de vista econômico", em "Consciência" nº 2, Vozes, 1975 p. 72

51 Freud, S. "The interpretation of dreams" (1900), S.E. vol. IV, p. 598

atrás de si motivos para certas passagens "que são de um tipo compulsivo"<sup>52</sup>. Quando se restabelecer um estado de tensão desprazeroso em psi, surge uma força no sentido de se perceber o objeto de satisfação através do investimento alucinatorio de sua memória, reproduzindo-se a experiência de satisfação. Se o objeto hostil for evocado, uma força oposta, repulsão ou defesa primária, busca suprimir sua percepção desinvestindo seus traços mnêmicos, fugindo ao desprazer.

Os processos psíquicos primários são constituídos por essas duas forças, o desejo e a defesa primária, que do ponto de vista econômico correspondem ao regime de livre escoamento da energia pelos caminhos facilitados, levando a uma descarga imediata; entretanto, essa descarga tem efeitos decepcionantes por não eliminar efetivamente a origem do desprazer no corpo.

Surgirá então o ego, uma organização constituída pela extrema facilitação entre certos neurônios, o que lhes permite manter uma energia constante que serve à inibição dos processos primários através de investimentos laterais. Através desses investimentos, o ego forjará facilitações transitórias que servirão para inibir tanto o investimento alucinatorio do desejo quanto o desprendimento de desprazer pelos neurônios-chave. Essa inibição (energia ligada) permite o uso dos sinais de realidade emitidos pelo sistema perceptivo para a diferenciação entre memória e percepção, inaugurando os processos psíquicos secundários. O que surge então é o pensamento. As memórias referentes às experiências

---

52 Freud, S. "Project for a scientific psychology" (1950(1895)), S.E. vol. I, p. 322

de dor podem entrar na cadeia associativa, em vez de serem amputadas pela repulsão ou defesa primária. Por outro lado, o pensamento buscará a situação desejada a partir da percepção real, adiando a descarga até que ocorra o julgamento de que a identidade foi alcançada. A ação específica supõe o julgamento de existência.

Voltemos então à ficção do aparelho psíquico primitivo e seus processos primários. [A experiência de satisfação será retomada em 1900 para definir o princípio do prazer. A consequência da experiência de satisfação é que qualquer acumulação de excitação sentida como desprazer colocará o aparelho em ação para repeti-la. A corrente que se inicia no desprazer e tem o prazer como finalidade é o que Freud chamará desejo. O primeiro desejo foi a alucinação da satisfação. Esse primeiro sistema é o "germe"<sup>53</sup> do sistema Inconsciente de 1900, o que não quer dizer que se equipare a ele.

O "desejo" do sistema psi primitivo, na verdade, também é o germe do desejo, não merecendo, tal como é descrito, a denominação de desejo, já que é apenas presentificação imediata da situação de satisfação e descarga. Desejo e realização são o mesmo, não há qualquer intervalo. [Trata-se de um sistema "incapaz de fazer qualquer coisa senão desejar"<sup>54</sup>. Como o desejo, nessa acepção, é pura presentificação da satisfação, não se pode falar de um princípio que busca o prazer e evita o desprazer. Não pressupõe qualquer constituição de uma subjetividade, nem a operação de um pensamento que leve de uma situação de

53 Freud, S. "The interpretation of dreams" (1900). S.E. vol. IV, p, 599

54 idem, p. 600

desprazer à de prazer, mas obedece a uma pura "compulsão". Não havendo pensamento, essa repetição atua desligada, independentemente de qualquer articulação com outros motivos, nada impedindo que redunde em maior desprazer. Seria mais próprio, então, chamar a esta força que restabelece automaticamente a situação de satisfação de "pulsão", conceito ainda não introduzido por Freud a essa época, mas que veio exatamente responder à necessidade teórica de postular um fundamento de todo o desejo e de todo o pensamento, necessidade que já havia levado à ficção do aparelho primitivo de 1895<sup>55</sup>.

A concepção do princípio do prazer como correlativo dos processos psíquicos primários apresenta certas contradições e desajustes que foram superados pela reformulação teórica de 1920, fundada justamente na necessidade de circunscrever melhor o conceito de pulsão. Apesar disso, na literatura psicanalítica, é a concepção mais difundida, como se a modificação não tivesse ocorrido. O "Vocabulário" de Laplanche e Pontalis<sup>56</sup>, por exemplo, apresenta essa versão sem problematizá-la.

O motivo é que o texto em que é apresentada a versão mais conhecida, "oficial", do princípio do prazer, e que introduz o princípio de realidade, "Formulações sobre os dois Princípios do Sucedor Psíquico", de 1911, responde exatamente à intenção de articular esses dois princípios aos processos psíquicos primários e secundários, respectivamente. Vejamos resumidamente, baseando-nos nesse

---

55 Freud, S. "Project for a scientific psychology" (1950(1895)), S.E. vol. I, p. 361

56 Laplanche, J. e Pontalis J.B. "Vocabulário de Psicanálise", S.P., Martins Fontes, 1970, p. 475

texto, alguns dos problemas suscitados pela equiparação entre princípio do prazer e processo primário, que só foram superados no remanejamento de 1920, que abordaremos a seguir.

Referindo-se aos processos inconscientes, escreve Freud:

*"Tomamo-los como os processos mais antigos, primários, por resíduos de uma fase do desenvolvimento na qual eram o único tipo de processo psíquico. A finalidade à qual obedecem esses processos primários é fácil de reconhecer: aquela que descrevemos como princípio de prazer-desprazer ou, mais brevemente, princípio do prazer"<sup>57</sup>.*

O princípio de realidade visa impor uma modificação ao princípio de prazer, motivada pela decepção com a satisfação alucinatória. Se essa equação entre satisfação alucinatória e repulsa ou defesa primária (utilizando os termos utilizados no "Projeto" para tematizar o processo primário) e o princípio do prazer fosse tomada muito ao pé da letra, várias dificuldades se apresentariam, inclusive dentro do próprio texto que está sendo analisado.

A primeira e mais evidente, é que dentro do regime do processo primário não haveria a possibilidade de instauração do conflito. O que causa desprazer simplesmente não pode ser incluído na atividade psíquica, é totalmente amputado e só pode surgir a partir do real. A defesa primária traduz-se em uma impossibilidade de representar.

*"Esses processos se desenrolam com vistas a um ganho de prazer, a atividade psíquica se retira de todo o evento que seja de natureza a suscitar um desprazer (aqui temos o recalque). Nossos sonhos à noite e nossa tendência de vigília a nos retirar das impressões penosas são os vestígios da dominação desse princípio e provas de seu poder"<sup>58</sup>.*

57 Freud, S. "Formulations on the two principles of mental functioning"(1911), S.E. vol. XII, p. 219

58 idem

Ora, se os sonhos nos poupam das experiências desprazerosas, isso ocorre justamente na medida em que em que se dispõe de uma representação do que causa angústia que possa informar a atuação da censura. O que o sonho elabora são formações de compromisso que conseguem atender à busca de prazer e à evitação do desprazer, prazer e desprazer relativos a um mesmo conteúdo. Por isso mesmo Freud considera os sonhos de angústia como fracassos da elaboração onírica.

E certo que Freud não identifica defesa primária e recalque. A defesa primária faz parte da ficção do aparelho primitivo, e o recalque seria um vestígio dela, um sucessor modificado. Mas, de qualquer forma, resta inexplicada a passagem de prazeres e desprazeres vindos do real a esta elaboração que é o retorno do recalcado e que supõe uma ligação e um conflito entre o que provoca prazer e o que provoca desprazer.

[ A força resultante da experiência de satisfação (que sugerimos ser a pulsão) produz a alucinação, uma presentificação imediata de uma percepção, alheia ao regime do pensamento. A alucinação, como presentificação da situação satisfatória, fica no plano do real.

No texto, ela é apresentada como regida pelo princípio do prazer. A partir dessa satisfação alucinatória, da decepção a que ela conduz, surge o princípio de realidade. Foi pela decepção que:

*"o aparelho psíquico teve de decidir-se a representar as condições reais do mundo exterior e a procurar nelas uma modificação real; a partir disso "já não se representava o que era agradável, mas o que era real, mesmo que devesse ser desagradável"<sup>59</sup> .*

Deduzir o princípio de realidade da decepção com a alucinação primitiva, por si só, seria um tanto difícil. Teríamos primeiro que imaginar uma articulação da representação alucinada com uma representação desprazerosa, e explicar como ela se tornou possível no registro da defesa primária, que justamente se define por repelir qualquer representação desprazerosa.

Como vimos, as percepções e as memórias relativas às experiências de dor são amputadas no processo primário, essa defesa primária correspondendo talvez à expulsão (*ausstossung*). Só do real pode irromper o desprazer, o que não nos autoriza a caracterizar um princípio de evitação do desprazer.

Por outro lado, como bem observa Safouan, não é nada simples definir o que seja um objeto real. Não é suficiente indicar apenas que o objeto existe no exterior, e isso porque, seja esse espaço concebido como uma forma a *priori* da sensibilidade (de acordo com Kant), seja como realidade objetiva, o objeto já está dentro dele de saída, e só então surge a questão de se é ou não real<sup>60</sup>. E claro, então, que essa discriminação é função do julgamento e não se dá no plano perceptivo.

O que tem de intervir para operar a passagem do processo primário ao secundário é a linguagem e o pensamento articulado, negativizando a presença absoluta e pontual que é ilustrada pela alucinação primitiva e permitindo a representação do que causa desprazer.

Conclui Freud que:

---

60 cf. Safouan, M. "O fracasso do princípio do prazer", Papirus, 1988, p. 29

"com a introdução do princípio de realidade, uma espécie de atividade de pensamento foi separada, mantida livre do teste de realidade e ficou subordinada apenas ao princípio do prazer"<sup>61</sup> .

O fantasiar, incluindo as brincadeiras infantis e os devaneios, que não dependem do objeto real, contentando-se com as representações. Essa reserva é o terreno privilegiado da sexualidade.

Essa atividade de pensamento naturalmente pressupõe a linguagem, e não implica necessariamente uma falha no julgamento de existência, não se confundindo em nada com o processo primário, que só pode dizer respeito a prazeres e desprazeres pontuais e desconectados. O princípio de prazer assume aqui um sentido bastante diverso, em que a aparente antinomia inicial com o princípio de realidade é substituído por uma outra perspectiva. Ambos os princípios se constituem em um mesmo momento. Se favorecemos essa versão do princípio do prazer, que admite a representação como a condição de seu funcionamento, a relação entre os dois princípios é de complementação, o princípio de realidade salvaguarda o de prazer. O pensamento e o regime das representações se encarregam desta transformação energética, que temos que admitir ser fundamento tanto do princípio do prazer quanto do de realidade, e a separação dos dois princípios não é tão radical quanto nos parecia anteriormente.

Concluimos que tanto o princípio do prazer quanto o de realidade regem processos secundários, processos de pensamento articulados pela linguagem, e em que o juízo de existência vigora, já que são reconhecidos pelo sujeito como processos de pensamento, produções de sua subjetividade.

---

61 Freud, S. "Two Principles of mental functioning"(1911), S.E. vol. XII, p. 222



As "condições impostas pela realidade" a que o princípio de realidade busca atender na procura da satisfação, indicam uma via que não é a de não se contentar com a representação, que é a via do devaneio, mas a da ação no real. O princípio de realidade se articula com o real a partir da pulsão sexual, da fala e da ação.

Vimos que a distinção entre o que é representado e o que é percebido compete à prova da realidade, aspecto do juízo de existência. Note-se que Freud concede um grande papel, nesta prova de realidade, à ação, que não só permite reconhecer a realidade como também lidar com ela. Na busca de reencontrar um objeto que deu satisfação e foi perdido, saber se ele ainda existe, há um momento em que intervém o julgamento. O julgamento finaliza o adiamento devido ao pensamento, e leva do pensamento ao agir.

Como a perda de um objeto que trouxe satisfação real no passado é pré-condição para o estabelecimento da prova de realidade, o julgamento que leva ao agir não pode se dar a partir de uma identidade, o objeto não será o mesmo, a castração como significante de uma falta já está implicada na decisão envolvida no juízo de existência.

Essas contradições apontam para o espaço que ocupará posteriormente a pulsão na teoria, enquanto diferenciada do desejo. Justifica-se portanto, pensar a pulsão como um tema presente desde o início do pensamento freudiano, embora ainda não delimitado. A elaboração teórica do "Projeto" torna-se mais coerente se for lida como o mito da constituição da pulsão.

A retomada por Freud da questão da pulsão, em 1920, fornece-nos diretrizes que nos permite pensá-

la retrospectivamente em seu *campo próprio*, com maior precisão. Esse passo, de valor fundamental, consiste em desarticular explicitamente a ligação entre processo primário e princípio de prazer.

Temos então que discordar de Laplanche e Pontalis, quando afirmam que a conceituação de eu-prazer e eu-realidade proposta por Freud em 1911 é retomada ao longo de sua obra de uma forma que "*em nada acusa as modificações introduzidas na definição do eu quando da passagem da primeira para a segunda tópica*"<sup>62</sup>. As modificações introduzidas da primeira para a segunda tópica, não dizem respeito apenas a uma diferente concepção de eu, mas principalmente à uma nova teoria das pulsões, que redefinirá de forma decisiva a relação entre os dois eus e os dois princípios, que em 1911 era de perfeita correspondência.

A impressão de que essa correspondência se mantém sempre a mesma poderia ser favorecida pela tradução habitual de "*real-ich*" por eu-realidade, e não por eu-real, levando a uma identificação entre esse eu e o princípio de realidade (*realitatprinzip*).

As pulsões passam a primeiro plano nos textos posteriores em que Freud retoma os termos eu-prazer e eu-real. Em "A negação", artigo que examinaremos posteriormente, o interesse é propor, a partir das pulsões, uma gênese do julgamento de existência e da correlativa constituição de uma subjetividade. Essa gênese mítica é a de um sujeito, e não a do princípio de realidade a partir do princípio do prazer. Por outro lado, a referência a um eu-

---

<sup>62</sup> Laplanche, J. e Pontalis J.B. "Vocabulário da Psicanálise", S.P., Martins Fontes, 1970, p. 191

real do início, introduzido em 1915<sup>63</sup>, sugere justamente um psiquismo funcionando em processo primário na independência da regência tanto pelo princípio de prazer quanto pelo de realidade, puro assento de pulsões, na ausência de qualquer subjetividade constituída. Sobre esse momento de origem, diz Freud, mais tarde, que "*a existência de uma representação é garantia da existência do representado*"<sup>64</sup>. Ou seja, há representações, mas não julgamento de existência, tudo é real.

A reformulação de 1920 não poderia ter deixado de ter consequências em toda a teorização posterior, dada sua centralidade. A necessidade desta reformulação já estava indicada desde "A Interpretação dos Sonhos", quando um núcleo do inconsciente, que lhe dá sua consistência, é postulado. Como vimos, o fato de que este núcleo tenha sido caracterizado como "desejo inconsciente" favoreceu uma certa ambiguidade, a indistinção entre o que é este núcleo e o desejo do sonho, como sua representação. Entretanto, podemos encontrar no texto evidências de que há referência a dois níveis diferentes, como nas considerações de Freud sobre o umbigo do sonho, que remete a "*traços mnêmicos recalçados das experiências vividas dos tempos originários*", e que "*não estão presentes no sujeito em estado ligado e são, de fato, em certa medida, inacessíveis ao processo secundário*"<sup>65</sup>.

A partir de 1920, veremos como esse núcleo é adscrito às pulsões, representantes da energia vinda do interior do corpo que pressionam por descarga, de acordo com o processo

63 Freud, S., "*Instincts and their vicissitudes*"(1915), S.E. vol. XIV

64 Freud, S. "*Negation*"(1925), S.E. vol. XIX, p. 237

65 Didier-Weill, A. "*O inconsciente freudiano e a transmissão da psicanálise*", Zahar, R.J., 1988, p. 75

primário, de energias móveis. Só a ligação dessa energia, de acordo com o processo secundário, impede um transtorno análogo às neuroses traumáticas e permite a dominância do princípio do prazer e de sua modificação, o princípio de realidade<sup>66</sup>.

Os traços resultantes de experiências originárias, em si incognoscíveis, têm na fantasia de desejo um delegado que já se situa na dimensão do princípio do prazer. São esses os traços constituintes da pulsão.

### 3.4 - A Reformulação de 20

As reformulações teóricas propostas por Freud, nos anos vinte, podem ser encaradas como um reordenamento em que o pulsional é colocado em maior relêvo. A postulação de um além do princípio do prazer a partir da experiência, da descoberta na clínica, evidencia a pulsão como operando diretamente, e não como um substrato último ou fundamento, na prática psicanalítica cotidiana. O isso, como o espaço do pulsional, é a construção nova com que Freud responde a essa descoberta da clínica.

Em "Além do princípio do prazer", Freud aborda perturbações económicas originárias das pulsões como sendo as fontes mais importantes de excitações internas: representantes de todas as forças originárias do interior do corpo e transmitidas pelo aparelho mental.

Os impulsos advindos das pulsões pertencem aos "processos de energia livre que pressionam por descarga",

---

<sup>66</sup> Freud, S., "Beyond the Pleasure Principle" (1920), S.E. vol. XVIII, p. 35

processos psíquicos primários. As pulsões tem "os sistemas inconscientes como ponto de impacto", e "não chega a ser uma novidade dizer que obedecem aos processos psíquicos primários"<sup>67</sup>.

A excitação pulsional deve ser ligada para que não se dê uma perturbação:

"análoga à neurose traumática, e apenas após a ligação ter sido efetuada seria possível para a dominância do princípio do prazer (e de sua modificação, o princípio de realidade) prosseguir desimpedida. Até então a outra tarefa do aparelho mental, a tarefa de ligar as excitações, teria precedência- na verdade não em oposição ao princípio do prazer, mas independentemente dele, e até certo ponto desconsiderando-o"<sup>68</sup>.

No parágrafo seguinte, Freud prossegue,

"As manifestações de uma compulsão à repetição (que descrevemos como ocorrendo nas atividades primitivas da vida mental infantil assim como entre os eventos do tratamento psicanalítico) exibem em alto grau um caráter pulsional e, quando agem em oposição ao princípio do prazer, têm a aparência de alguma força "demoníaca" operando".

[ Se a pulsão atua na experiência analítica em oposição ao princípio do prazer, isso significa que não se trata de um mito de origem, de uma construção referida a um momento em que ainda não se constituíram as instâncias psíquicas, mas sim de uma atividade pulsional permanentemente em busca de satisfação, e que ameaça irromper em sua face mais crua a qualquer momento, dependendo apenas de condições econômicas apropriadas para que isso se dê.

De acordo com o ponto de vista econômico, se o tomarmos como o estudo das magnitudes em conflito, a constituição do psiquismo representa um trabalho constante. Há sempre um limite a partir do qual o aparelho psíquico falha em sua

67 idem, p. 34

68 idem p. 35

função de dominar as quantidades de excitação. A situação traumática pode se estabelecer a qualquer momento<sup>69</sup>.

Os fatores que devem ser levados em consideração, dentro desta perspectiva do ponto de vista econômico, são de grande complexidade. Os transtornos econômicos ligados à pulsão não podem ser considerados dentro de um modelo simples como o da constância de uma intensidade, que vigorou na teoria do trauma como afeto estrangulado gerando sintomas neuróticos. As forças em conflito devem ser avaliadas em sua magnitude relativa. O perigo pulsional é perpassado pela linguagem e pela significação.

O processo defensivo busca evitar um perigo pulsional, que pode conjurar a perda de amor e a castração. Ora, perda de amor e castração são perigos tão externos quanto um lobo que possa nos atacar, e não um perigo pulsional. A resposta dada por Freud a essa possível objeção é que o lobo nos ataca independente do que façamos, enquanto que a perda de amor do ser amado e a castração não nos ameaçariam se não fossem certos sentimentos e intenções que abrigamos. O perigo não pode ser definido como externo ou como interno.

A compulsão à repetição é uma manifestação da própria pulsão, sua característica, e portanto não depende do recalque. Já encontramos no trabalho "O Estranho"<sup>70</sup>, de 1919, referências à compulsão à repetição atuando independentemente do princípio do prazer, mas a elaboração metapsicológica desse mecanismo só aparece no "Além", onde a compulsão à repetição é considerada como uma característica das pulsões. A pulsão opera dentro do regime econômico do

69 cf. Freud, S., "Inhibitions, symptoms and anxiety" (1926(1925)), S.E. vol. XX, p. 148

70 Freud, S. "The Uncanny" (1919), S.E. vol. XVII

processo primário, e este regime não mais estará, a partir desta discriminação, confundido com o domínio do princípio do prazer.

A importância dessa autonomia concedida à pulsão será sedimentada na segunda tópica, com a noção de Isso que atende exatamente à necessidade da referência ao pulsional, em sua independência do recalque.

[ O recalque obedece ao princípio do prazer, mas a compulsão à repetição, como característica pulsional, operará uma espécie de "fixação" da pulsão recalçada<sup>71</sup>, exigindo um trabalho constante de manutenção do recalque, e atuando em contradição com seus objetivos. ]

[ As relações entre a compulsão à repetição, como manifestação da pulsão sob recalque e o princípio do prazer, aparece como sendo uma relação de antagonismo. Na verdade, a repetição como expressão da pulsão recalçada, produz desprazer. As pulsões buscam satisfação, e são rebeldes a aprender, com a experiência, que suas manifestações passadas só trouxeram desprazer. Por outro lado, é a compulsão à repetição que está em jogo na permanente ameaça do retorno do recalcado, o que exige um trabalho constante para a manutenção do recalque.

A partir disso Lacan defende que a repetição não se poderia deduzir do princípio do prazer, porque a manutenção da tensão a um mínimo não pode implicar a repetição. Essa manutenção requer uma utilização da memória, para que não se reaja da segunda vez como da primeira, aproveitando-se a experiência. A insistência no fracasso e na doença é o oposto disso.

71 idem p. 153

A insistência pulsional não é dominada de uma vez por todas pelos princípios do prazer e da realidade. [O recalcado não cessa de retornar e, nos casos citados por Freud a partir de sua experiência clínica, a manifestação pulsional escapa do que possa ser concebido como abrangido pelo princípio do prazer.] Imaginar o aparelho psíquico constituído de uma vez por todas equivaleria a pensar um ego forte, imóvel, imutável, que desse conta de qualquer circunstância de vida sem qualquer processo de reformulação, e sem correr risco de submergir na angústia traumática. Longe disso, o recalque é uma operação que requer constante trabalho, já que o ego está para sempre sujeito a golpes desestruturantes advindos das circunstâncias da vida e das pulsões, na verdade inseparáveis em termos de seus efeitos.

Por outro lado, essa perspectiva nos adverte contra uma rígida demarcação e diferenciação entre estruturas neurótica, psicótica e perversa, com base nos operadores repressão, recusa e rejeição, como propõe certos autores recentes da psicanálise francesa, como por exemplo Joel Dor, cedendo à tentação da facilidade que representa lidar com categorias diagnósticas análogas às da psiquiatria, embora recaindo no vício da simplificação excessiva.

Se a repetição é colocada em relação ao pulsional, a certos traços ou caminhos preferenciais, se não é fruto do recalque, mas característica da pulsão, abre-se para nós a tarefa de investigar as diferentes formas que pode tomar sua manifestação.

Quando o recalque atua, as pulsões insistem, mas de alguma forma articuladas a formações substitutivas, o que permite que sejam reconhecidas pelas produções como algo do



sujeito e lhe remetam perguntas, enigmas aos quais buscará responder pelo trabalho psíquico. Por isso retorna o recalçado, "...o que permaneceu incompreendido retorna, como uma alma penada, não tem repouso até encontrar resolução e libertação"<sup>72</sup>.

[ Os sintomas neuróticos, como formações que permitem uma satisfação pulsional substitutiva, ao mesmo tempo em que evitam o desprazer que ocasionaria a satisfação original, constituem uma das formas que assume a manifestação da pulsão quando sob recalque, e que ainda está abarcada pelo princípio do prazer.

Mas não é apenas nesse âmbito do recalque que a pulsão deve ser pensada. [ Nas psicoses, a pulsão pode assumir manifestações que não se dão através da construção de uma formação substitutiva. Temos então uma ocorrência maior de passagens ao ato, que representariam uma forma de manifestação mais direta da pulsão.

As alucinações auditivas, em que ocorre como se o "inconsciente" falasse de fora, indicam uma falha do recalque. Vivências de modificações e despedaçamento do corpo, ligadas à parcialidade das pulsões, fazem-se presentes na esquizofrenia; poderiam ser compreendidas como a manifestação bruta da pulsão em sua face auto-erótica, que Lacan chama de gozo do corpo, em oposição ao gozo fálico, coordenado à falta, e que seria o propriamente sexual<sup>73</sup> ]

A pulsão tem uma ligação privilegiada com o terreno da ação. Recordemos a conhecida imagem do cavalo e de

72 Freud, S., "Analysis of a phobia in a five-year-old boy" (1909), S.E. vol. X, p. 122

73 Quinet, A., "Clínica das psicoses", Salvador, Fator, 1990, p. 70

seu cavaleiro com que Freud aproxima-se das relações entre o isso e o eu. Diz ele que, embora normalmente o eu detenha o controle da motilidade, ele é um cavaleiro que não tem força própria para dominar a de seu cavalo. Prossegue:

*"Muitas vezes um cavaleiro, se não quer ser expelido de seu cavalo, é obrigado a guiá-lo para onde ele quer ir; do mesmo modo que o eu tem o hábito de transformar a vontade do isso em ação, como se ela fosse sua própria"<sup>74</sup>.*

A ação é o ponto de interseção entre a pulsão e a linguagem, já que, como vimos, diferencia-se da pura descarga pela intervenção desta, enquanto estruturando o pensamento. A valorização da pulsão no campo psicanalítico indica uma perspectiva do pensamento e do julgamento, em que este é sempre interessado, visando estabelecer uma situação de satisfação.

### 3.5 - A nova complexidade do princípio do prazer

Quando, a partir da clínica e da observação de que as experiências penosas da existência são repetidas, Freud postula um além do princípio do prazer, retoma esse princípio em uma dimensão mais empírica e qualitativa, em que toda a complexidade da atividade psíquica é considerada.

Em *Mal Estar na Civilização* a perspectiva empírica do princípio do prazer é enunciada com toda a clareza. O que

---

<sup>74</sup> Freud, S. *"The ego and the id"* (1923), S.E. vol. XIX, p. 25

"as homens mostram pelo seu comportamento como sendo o propósito e a intenção de suas vidas"<sup>75</sup> é que buscam a felicidade. Nessa busca há um aspecto positivo e um negativo. Além da felicidade como alvo, busca direta de sentimentos intensos de prazer, a atividade humana visa a ausência de dor e de desprazer. Freud conclui "*Como vemos, o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer*"<sup>13</sup>.

Entretanto esse programa é fadado ao fracasso. O corpo, com sua vulnerabilidade à dor e à decadência, o mundo externo, com os perigos que apresenta, e as relações com os outros homens, são fontes permanentes de sofrimento e desprazer. A busca de felicidade é coalhada de obstáculos e exige tentativas de soluções, as mais complexas.

O paradoxo que se apresenta é que as duas faces do princípio do prazer entram em oposição. A busca de satisfação pulsional expõe a perigos, a própria pulsão em estado não inibido é fonte de sofrimento quando não é satisfeita<sup>76</sup>. Entre as formas de evitar o desprazer, de contornar a frustração imposta pelo mundo à satisfação pulsional, Freud arrola desde a sublimação, até a fantasia, que nos libera das exigências do teste de realidade.

O amor é, ante os paradoxos do princípio do prazer, a posição que os esclarece por tocar os extremos. Desconsiderando a busca da segurança quanto à evitação do desprazer, modela-se no prazer mais intenso que se pode experimentar, o do amor sexual, expondo o amante ao pior sofrimento e desamparo, o da perda do amor.

75 Freud, S. "*Civilization and its discontents*"(1930), S.E. vol. XXI, p. 76

76 idem p. 79

A complexidade do programa do princípio do prazer comporta soluções individuais em que a felicidade encontrada é sempre relativa, os desejos não encontram sua completa satisfação. A felicidade possível é um "*problema da economia da libido individual*"<sup>77</sup>, em que entram em questão tanto a satisfação que se pode encontrar no mundo externo, quanto a capacidade de tornar-se independente dele ou de modificá-lo no sentido reclamado pelos desejos.

O programa do princípio do prazer, portanto, é um programa que inclui em sua atuação a questão da consideração da realidade, a representação do que é desprazeroso e fonte de conflitos e o teste de realidade, em que o que é desejado e o que o destino estabelece são suficientemente discriminados. O programa do princípio do prazer supõe portanto o princípio de realidade, o que significa que só como correlativos dialéticos, os princípios de prazer e de realidade podem ser pensados.

As várias soluções individuais para os irreduzíveis conflitos com que o homem é confrontado na procura da felicidade, apresentados em termos económicos, por Freud, como o problema da economia libidinal do individuo, supõem a ligação, elaboração psíquica dos fatores em jogo, ou, em termos lacanianos, a simbolização. O fracasso na busca de felicidade, que é a de um equilíbrio, é que se traduz na rejeição dos aspectos intoleráveis da realidade, na psicose. Fracasso que Lacan justamente apontou como incidindo na simbolização, pela forclusão de um significante privilegiado.

---

77 idem, p. 83

O princípio do prazer tem de se haver com obstáculos de monta, colocados pela realidade, na implementação de seu programa, mas esses obstáculos não o colocam em questão; obrigam apenas a rodeios no caminho que conduz ao prazer.

São os sonhos que ocorrem nas neuroses traumáticas, a repetição na transferência e a insistência nos caminhos desprazerosos para o sujeito, o veio central dos fenômenos da clínica que sugeriram a Freud a necessidade de invocar um mais além do princípio do prazer; fenômenos que sugeriram uma tendência da vida psíquica irredutível às exigências do prazer e da auto-conservação. Inaugura-se então a compulsão à repetição, colocada em relação à pulsão de morte, mas que é, como vimos, uma característica essencial de toda a pulsão.

### 3.6 - O Princípio do Prazer e a Linguagem

Deleuze<sup>78</sup> valoriza "Além do Princípio do Prazer", como o texto em que Freud entra em uma reflexão propriamente filosófica. Parte da idéia de que o que Freud aborda neste texto não são exceções ao princípio do prazer, mas apenas um resíduo irredutível a ele. Se há processos que complicam a aplicação do princípio do prazer, como as exigências da realidade e das fantasias, isso não implica que contradigam esse princípio.

Baseia-se na afirmativa de Hume, de que há prazeres e dores na vida psíquica, o que não conduz ao princípio de que buscamos o prazer e evitamos a dor. A questão de Freud é

---

78 Deleuze, G., "Apresentação de Sacher-Masoch", R.J., Taurus, 1983, p. 120

a mesma: como dos prazeres e dores em estado não ligado, passamos a um princípio organizado de forma a que o prazer seja sempre procurado e a dor evitada. Para Deleuze, o prazer não pode dar conta do advento desta princípio; sua fundação e o reinado sobre a vida psíquica requerem uma explicação de outra ordem: a descoberta de um princípio transcendental, e esse é o papel de Eros como princípio de ligação.

A essa exigência, invocada por Deleuze, da intervenção de algo que transcenda os prazeres e dores desligados, para que se torne possível o advento de um princípio, sugerimos que é a linguagem que pode responder. E a linguagem, como princípio transcendental de ligação, que permite a instauração do princípio do prazer. Freud localizou o pensamento, desde seus primeiros escritos, como correlato da ligação dos processos primários. Eros e a linguagem podem ser considerados como aliados na introdução de algo transcendente ao individual. Adotamos então a perspectiva de que, antes da instalação do tecido, da estrutura representacional que está em jogo no par princípio de prazer e realidade, o que temos em anterioridade são os gozos e dores desligados, não organizados e, portanto, não temperados por um princípio que tome em consideração os conflitos e contradições, o que corresponde à caracterização das pulsões, polimorfos e parciais.

As pulsões de alguma forma se organizam no eu, mas sempre podem cindir-se. Freud invoca a oposição construção-dissolução como correspondente ao par Eros e pulsão de morte, na busca tomar um apoio na biologia para sua teoria das pulsões. Mas a construção no âmbito psicanalítico só

pode ser pensada a partir da linguagem, e a dissolução como o fracasso das integrações ancoradas na linguagem a partir da atividade pulsional.

A pulsão de morte pode então ser aproximada das pulsões parciais e de sua tensão desorganizadora do eu e da esfera das representações.

Se o princípio do prazer é o encarregado da evitação do desprazer e do recalque, trata-se de imediato de um princípio que visa o equilíbrio ou "homeostase", como sugere Lacan, o que só se torna possível pela ligação do processo primário, que não poderia ocorrer sem a intervenção da linguagem.

O princípio de Nirvana, ao qual Freud refere a pulsão de morte, aponta para o prazer absoluto, mais além do princípio do prazer, que implica em uma rede, um sistema, uma homeostase em que o prazer é sempre relativo. A pulsão, visando uma anulação de todas as tensões, apontaria o caminho para algo da ordem de um prazer absoluto; incompatível, portanto, com a vida e com a preservação de um eu organizado.

E nisso que a pulsão de morte pode ser considerada um resíduo em relação à articulação das pulsões à estrutura representacional. Não estaria esta perspectiva justificada pela afirmativa freudiana de que "*as pulsões de morte são por sua natureza mudas*"<sup>79</sup>? Mudanças na medida em que não nos falam do inconsciente, a partir dos sonhos, dos atos falhos, dos compromissos, das formações do inconsciente. O que não implica que não tenham efeito na

---

79 Freud, S., "*The ego and the id*" (1923), S.E. vol. XIX, p. 46

experiência psicanalítica. Não foi a partir de fenômenos da clínica, como a reação terapêutica negativa que Freud as teorizou?

Se tomamos as neuroses de destino como paradigma, a atuação das pulsões de morte se esclarece. Diz Freud que a pulsão de morte se subtrai à percepção quando não amalgamada com Eros<sup>80</sup>. Se a pulsão, como pura atividade, faz o curto circuito do campo das representações, só de seus efeitos no real a percepção pode dar conta. Esse talvez seja o caminho pelo qual Lacan chega a considerar que a pulsão tem no real seu maior aliado.

[Só as combinações entre Eros e as pulsões de morte nos são dadas na experiência psicanalítica. Assim, a repetição como fenômeno clínico já se fizera notar no âmbito da transferência, dos sintomas, de formas que puderam ser consideradas como incluídas pelo princípio do prazer. Mas há fenômenos em que a repetição do desagradável é especialmente marcante, e que foram os que indicaram a necessidade da reformulação teórica, da promoção da repetição como característica da própria manifestação pulsional, independente da ligação e do recalque.

A partir deste questionamento de Freud sobre o mais além do princípio do prazer, Lacan introduziu a noção de gozo na psicanálise situando-o como uma espécie de horizonte em relação ao prazer<sup>81</sup>, para delimitar com maior rigor o que se prestava a ambiguidades, o abismo entre o princípio do prazer, e a satisfação pulsional. O gozo é o

---

80 Freud, S., "Civilization and its discontents"(1930(1929), S.E. vol. XXI, p. 120

81 Leclaire, S. "O Corpo erógeno", R.J., Fon-Fon e Seleta, 1979, p. 98



que não foi integrado em um tecido simbólico e imaginário, e portanto não pode levar a vida em consideração. Por "transgressões ao que são considerados os limites normalmente designados ao princípio do prazer, tomando o princípio de realidade como critério"<sup>82</sup> podemos nos aproximar do que é o campo da pulsão, que não se satisfaz numa temperança. Assim, Lacan ironiza o argumento kantiano de que seria impossível que alguém escolhesse entregar-se ao desejo pela dama de seus sonhos, se, como consequência, o esperasse uma força na saída do aposento. Diz ele que é possível imaginar casos em que o peso da razão não se faria valer, se houvesse a sublimação do objeto feminino, ou se o prazer fosse friamente matar a dita dama, na perversão.

### 3.7 - Pulsão de Morte

Na história do pensamento freudiano, costuma-se distinguir duas teorias pulsionais, tomando como operador desta transformação o conceito de narcisismo; este conceito justificaria a passagem da oposição entre pulsões sexuais e de auto-conservação para aquela entre pulsões de vida e de morte. O principal dos motivos da mudança seria que o narcisismo marcou um momento de fracasso na perspectiva dualista, tornando necessária a virada que reconstitui o dualismo de forma diferente.

Se, com a introdução do narcisismo, a questão da auto-conservação passa a ser adscrita ao âmbito da libido do eu, Freud, na opinião de muitos autores, teria evitado recair no

---

<sup>82</sup> Lacan, J., "L'Étique de la psychanalyse" (1959-60), R.J., Zahar, 1986, p. 131

monismo junguiano, recuperando um dualismo através de uma nova oposição, agora entre a libido e a pulsão de morte. Através desse expediente, Freud teria evitado que a libido passasse a ocupar todo o campo pulsional.

As pulsões de auto-conservação, na verdade são reinterpretadas, reintegradas em um outro nível na construção teórica. O eu, investido libidinalmente como objeto, é que se encarregará da conservação. A pulsão sexual investe tanto os objetos como o eu, ambos são objetos de amor e se constituem no mesmo movimento como objetos, com o cunho de reversibilidade que foi desenvolvido com felicidade por Lacan em sua construção sobre o estágio do espelho. Esse é, portanto, um momento em que só existe pulsão sexual; só a sexualidade está no registro pulsional.

Entretanto, este momento, apesar de subsumir todo o pulsional à sexualidade, como observa Laplanche, significa também um empobrecimento no papel concedido à pulsão sexual, através de sua absorção pelo amor. A sexualidade é reduzida a este "*aspecto ligado, investido, calmo, quiescente*"<sup>83</sup>.

A virada de 1920 visa a recuperação de aspectos da pulsão sexual não ligada, a pulsão em sua parcialidade essencial, buscando satisfação e descarga imediata dentro do regime do processo primário. A compulsão à repetição visa reintroduzir os aspectos que ficaram negligenciados durante a fase da teoria caracterizada pela construção do narcisismo: a dimensão demoníaca da sexualidade, que não é temperada como no amor.

---

83 Laplanche, J. "*A Pulsão de morte na teoria*" em Green et al. "*A pulsão de morte*", S.P., Escuta, 1988, p. 23

Poderíamos então identificar Eros com o amor, com a tendência a preservar tanto o eu quanto os objetos, ligando a pulsão de morte à parcialidade pulsional?

A ausência, no texto freudiano, de uma nova energia que servisse como fundamento energético da pulsão de morte, é um indício de que são dois aspectos da pulsão sexual que estão representadas no par Eros e pulsão de morte, tendo como substrato energético a libido, dentro de um monismo no plano energético.

Essa versão é corroborada pela observação de que Freud introduz, junto com a pulsão de morte, Eros como o princípio oposto, designando o conjunto das pulsões de vida. Porque substituir a pulsão sexual por Eros, no novo dualismo, se as duas noções fossem estritamente assimiláveis?

Freud efetivamente não confundia o sexual com Eros:

*"Em grande parte, o que sabemos de Eros, quer dizer, sobre seu expoente, a libido, foi adquirido pelo estudo da função sexual, que, na verdade, na opinião prevalente, mesmo que não de acordo com nossa teoria, coincide com Eros"<sup>84</sup>.*

A versão de Laplanche de que Eros corresponde ao amor, ou seja à dimensão da constituição e preservação do objeto, deixa de incluir o que é, dentro da metapsicologia freudiana, uma referência fundamental quanto à ligação da pulsão. O que opera a ligação, verdadeira condição de possibilidade dessa constituição de objeto, é o pensamento.

Em 1900, por exemplo, diz Freud:

*"...com o controle progressivo exercido sobre nossa vida pulsional pela nossa atividade de pensamento, ficamos mais e mais inclinados a renunciar à desvantajosa formação ou retenção de desejos tão intensos como os que as crianças conhecem"<sup>85</sup>.*

84 Freud, S. "An Outline of psycho-analysis" (1938), S.E. vol XXIII, p. 151

85 Freud, S., "The Interpretation of dreams"(1900), S.E. vol. V, p. 552

A linguagem é condição do pensamento; consideramos, portanto, que o acesso à linguagem, nas experiências com os adultos, é o fator essencial na caracterização de Eros, como o princípio de ligação.

A constituição de uma imagem do corpo é tributária do simbólico. Esta é a dimensão que Lacan preocupa-se em acentuar na versão do estágio do espelho que apresenta em 58, em relação à sua primeira formulação desse estágio, de 36, que acentuava a dependência do pequeno homem à imagem.

O esquema ótico, que agora é de dois espelhos, distingue dois narcisismos, um imaginário, centrado na imagem corporal, e correspondente ao eu ideal de Freud, e o outro simbólico, apoiado num traço significativo tomado do Outro, correspondente ao ideal do eu freudiano<sup>66</sup>.

Demarcando essa distinção, essa construção valoriza o papel do Outro, mostrando a dependência em que se encontra a identificação imaginária, a imagem corporal  $i(a)$ , em relação à identificação simbólica  $I(A)$ . Esta última constitui o ponto de observação de onde o sujeito poderá ver, ou não, sua própria imagem formada no primeiro espelho.

A constituição de uma imagem do corpo como raiz da identidade unificada do sujeito depende do ideal do eu, apoia-se sobre um traço simbólico que Lacan chama de "traço unário", espécie de significante mínimo que o sujeito apanha no Outro para ancorar sua identidade<sup>67</sup>.

Não há uma anterioridade do imaginário sobre o simbólico, o que nos permite considerar as experiências com o Outro, estruturadas pela linguagem, como o fator

86 cf. Andre, S. "O que quer uma mulher?", R.J., Zahar, 1987, p. 110

87 idem p. 195

primordial em operação na ligação pulsional, atribuição de Eros.

Numa sintética exposição da teoria da libido, escrita em 22 para figurar como um artigo de enciclopédia, Freud apresenta "*Duas Classes de Pulsões na Vida Mental*". Explica que busca "*uma base para a teoria das pulsões na biologia*", e que as duas classes de pulsões correspondem aos processos contrários de "*construção e dissolução no organismo*"<sup>88</sup>. O cunho metafórico, analógico do recurso à biologia, é explícito neste trecho, pulsões de vida e de morte estão no plano mental, e correspondem aos processos de construção e dissolução no plano biológico.

As especulações que constituem os "*paralelos biológicos*"<sup>89</sup>, devem ser entendidas como um modelo que é utilizado para a construção da ficção teórica com a qual Freud busca organizar a experiência psicanalítica, e não como implicando uma continuidade entre os fenômenos biológicos e os psicanalíticos. O plano de aplicação dos processos de construção e dissolução é retomado a um nível inteiramente diverso pela psicanálise. A "construção" como atividade pulsional não se confunde com a do organismo, porque seu campo é o meio social, o da cultura. Eros busca combinar indivíduos, famílias, povos, em uma unidade, "*a cultura é um processo a serviço de Eros*"<sup>90</sup>.

Eros é portanto o princípio "transcendente", que se pode identificar com o ingresso na cultura e na linguagem, que imprimirá uma diferenciação no regime de circulação

88 Freud, S., "*Two encyclopedia articles*" (1923(1922)), S.E. vol. XVIII, p. 258

89 Freud, S., "*Civilization and its discontents*"(1930(2929)), S.E. vol. XXI, p. 118

90 idem, p. 122

pulsional, que não se limita apenas à esfera do amor, mas que responde ao recalque, a toda a ligação do processo primário pelo pensamento verbal, à elaboração ou trabalho psíquico, às sublimações, etc. Em suma, à diferenciação topográfica e dinâmica do aparelho psíquico, correlata à constituição de uma subjetividade.

A pulsão de morte, correspondente à dissolução do organismo na metáfora biológica, encontra seu assento privilegiado no Isso. Não se trata de pulsão de morte como pura energia, como a imagem do Isso como reservatório das pulsões poderia sugerir, levando a uma espécie de organicismo grosseiro<sup>91</sup>. A pulsão também é articulada ao significante e marcada pela linguagem. A metáfora em questão sugere uma atividade permanente que tende à dissolução da subjetividade, correlata ao funcionamento do aparelho psíquico em processo primário.

Essa descrição, entretanto, não deve sugerir algo que se daria como um tudo ou nada, como duas situações diversas e oponíveis. A desvantagem dessa leitura seria obscurecer que pulsões de morte e de vida estão sempre combinadas, que é sempre numa complexidade que se pensa a relação entre ambas, e que a linha entre o que tem lugar dentro ou fora de uma possibilidade de subjetivação é oscilante e mutável. O trabalho do eu em "domar", ligar as pulsões é permanente e estas sempre podem vir a buscar sua satisfação independentemente. Tanto a capacidade do eu quanto a força pulsional são inteiramente variáveis de acordo com diferentes situações de vida. Recorrendo à perspectiva

---

91 cf. Lacan, J., *Remarque sur le rapport de Daniel Lagache* (1960) em *Écrits*, Paris, Seuil, 1966, p. 659

econômica, a antítese entre processos primários e secundários é permanente.

## 4 - SIMBOLIZAÇÃO PRIMORDIAL E FUNDAÇÃO DO SUJEITO

### 4.1 - Topologia da Pulsão

A tentativa de delimitar a topologia da pulsão já se justifica, tanto em seu interesse quanto em seus eventuais tropeços, pela reflexão freudiana de 1924: "*A teoria das pulsões é a parte mais significativa, mas também a menos completa da teoria psicanalítica*"<sup>92</sup>.

A localização da pulsão como um conceito-limite entre o anímico e o somático lhe dá um lugar *sui generis*, por isso mesmo importante, mas de circunscrição nada fácil.

O que é o anímico? A definição de Lalande, fala da alma como "*princípio da vida, do pensamento, ou das dois ao mesmo tempo, enquanto considerado como uma realidade distinta do corpo pelo qual manifesta sua atividade*"<sup>93</sup>.

Na definição freudiana de pulsão, a distinção entre o corpo e o anímico é mantida, mas o corpo é alçado a uma posição central na determinação dos caminhos psíquicos da pulsão. A pulsão é o "*representante psíquico*" das excitações oriundas do corpo, que chegam ao psíquico, e uma "*medida da exigência de trabalho que é imposta ao psíquico em consequência de sua ligação com o corpo*"<sup>94</sup>. A solidariedade entre corpo e psiquismo toma maior relevância do que a oposição.

---

92 Freud, S., "*Three Essays on sexuality*" (1905), S.E. vol.VII, p. 168

93 Lalande, A. "*Vocabulaire technique et critique de la philosophie*", Paris, PUF, 1988, p. 41

94 Freud, S., "*Instincts and their vicissitudes*" (1915), S.E. vol. XIV, p. 122



O que tomar como critério do que é psíquico? O que gira na esfera das representações, o pensamento, a subjetividade, a memória? O critério só poderá ser definido a partir do campo psicanalítico, considerando sua especificidade e sua irredutibilidade em relação à psicologia, e da pesquisa sobre o próprio conceito de pulsão, que é o aparato conceitual através do qual Freud introduz algo de original em relação ao dualismo cartesiano.

Nesse campo, só é teorizado o que produz efeitos na situação psicanalítica. A pulsão, mesmo a de morte, não pode ser inócua neste campo, ou não entraria em nossas considerações. Algo do corpo pressiona. A exigência de trabalho se manifesta na busca de satisfação libidinal, que possui alguns contornos que são, para nós, parâmetros. Podemos anteciper, portanto, que alguma forma de simbolização está implicada no funcionamento pulsional. Caso contrário, a pulsão se situaria como pura exterioridade ao que tem lugar na experiência, e dificilmente seria sustentável em sua importância como um conceito fundamental da psicanálise, lugar que lhe concedeu Freud.

Nas construções metapsicológicas freudianas, deveríamos, então, encontrar indicações sobre o processo de simbolização que fundamenta a atividade pulsional.

Na carta 52, num modelo topológico que antecede o do capítulo 7, são descritos 3 registros de memória (poderiam ser mais, diz Freud). A memória não se faz presente de uma só vez, mas é registrada em vários tipos de indicações. Os registros são sucessivos, e implicam que haja uma "tradução" do material psíquico a cada nova fase, para que ele recaia sob novas leis de funcionamento. As

psiconeuroses seriam anacronismos, correspondendo a *fueros*, sobrevivências de registros anteriores.

Percepção e memória são funções radicalmente distintas. A memória, por definição, exige que toda a percepção crie modificações permanentes. Já a percepção, exige que haja permanentemente o retorno ao estado original, para que as novas percepções sejam acolhidas. Já que essas condições são irreconciliáveis, podemos concluir que consciência e memória se excluem. A consciência liga-se às percepções.

O primeiro registro de memória, constituído de signos de percepção (*Wahrnehmungszeichen*), é a primeira inscrição das percepções, totalmente inacessível à consciência, e organizado por associações por simultaneidade. Os dois outros registros são o Inconsciente e o Préconsciente, o "ego oficial", ligado às representações de palavra.

A consciência secundária do pensamento está ligada à ativação alucinatoria das representações de palavra, já que a consciência, em si mesma, é desprovida de memória.

Essa relação entre percepção, consciência e memória, retoma em certa medida aspectos avançados anteriormente no "Projeto". Imprimindo a mesma diferenciação entre o sistema de percepção e os de memória, Freud indica que toda a percepção externa excita W (sistema perceptual), mas que inicialmente isso não tem significação para P (sistema mnêmico). A rede de facilidades diferenciadas em P figura a memória, representando as influências sofridas nas experiências passadas. Só encontrando o registro das memórias ativado, as percepções dão o sinal de qualidade. E quanto à passagem de Q, é a associação das imagens mnêmicas com as imagens de som e de palavra que permite o surgimento

da informação de descarga e torna a consciência do pensamento possível.

Desenvolvendo uma gênese do pensamento e do julgamento em que tudo se dá na relação com o semelhante, cujo interesse se justifica por ter sido tanto o primeiro objeto de satisfação quanto o primeiro objeto hostil, causador de sofrimento, Freud prenuncia o tema desenvolvido em "A Negação".

O aspecto a destacar é a distância entre a inscrição dos traços mnêmicos na "máquina", e a possibilidade de rememoração, que já supõe a linguagem.

Assim, encontramos a apresentação de uma concepção de memória, nesta construção, inteiramente diferente da que é utilizada habitualmente. A memória, tal como geralmente definida, se refere ao conhecimento do passado ou à utilização das recordações de uma forma adaptativa. Freud lida aqui com uma outra idéia de memória, concebendo-a como traço de um acontecimento. A forma de memória que descreve no "Projeto", atribuindo ao tecido nervoso a faculdade de sofrer, a partir de um fato único e isolado, uma modificação permanente, abre uma concepção de memória bastante original, que não é de ordem cognitiva, e que, segundo Dayan, diz respeito a *"uma intuição nova, a de um simbolismo biológico unindo diretamente a excitação impressiva ao trabalho somático expressivo"*<sup>95</sup>. Temos neste caso a impressão, um tipo primário e pré-cognitivo de memória. O traço está representado nos primeiros signos de percepção e, ao longo de toda a obra de Freud, a noção de traço esboçada nesses

---

95 Dayan, M. *"Freud et la trace"*, Topique 11-12, PUF, 1973, p. 17

primeiros trabalhos foi desenvolvida, embora a terminologia neurofisiológica tenha sido abandonada.

A pulsão, segundo Lacan, não é redutível à tendência no sentido energético, pois ela

*"comporta uma dimensão histórica... Essa dimensão se marca pela insistência com a qual se apresenta, enquanto se refere a algo de memorável, porque memorizado"<sup>96</sup>.*

A pulsão de morte, como noção introduzida para dar conta de que fora da cadeia significante existe um além que *"não pertence ao mundo da natureza"*, o *"ex-nihilo sobre o qual ela se funda e se articula"*<sup>97</sup>, supõe alguma forma de simbolização.

Para abordarmos a constituição da pulsão, que pode ser aproximada desta *memorização fundamental* que permite substituir um sujeito à natureza, enquanto ponto de ignorância limite, é preciso supor uma memorização que constitua um campo do não recuperável, enquanto tal, pelo pensamento. Entretanto não se poderia, a não ser recaindo num biologismo, considerar essa memória fundamental como totalmente independente da linguagem. Com efeito, desde o primeiro grito se entra no campo da significação e da relação com o Outro, que será fundamental na estruturação das memórias, desde a camada dos signos de percepção.

A camada dos signos de percepção, de medida em que funda a memória e a história do sujeito, supõe a imersão em um meio de linguagem. Antes que se aprenda a falar, já há certos significantes estruturando o campo da relação com o adulto.

---

<sup>96</sup> Lacan, J., *"L'Étique de la psychanalyse"* (1959-60), Paris, Seuil, 1986, p. 248

<sup>97</sup> idem p. 252

Esses significantes primitivos, para Lacan, darão conta da constituição da organização da esfera perceptiva. O dia, seu exemplo, não é um ser que esteja em algum lugar, mas implica um elemento simbólico, a alternância da presença e ausência, que Freud aborda pela alternância vocálica *Fort* e *Da*, em "Além do Princípio do Prazer". O dia empírico, concreto, é um correlativo imaginário de significantes que se instalam muito cedo, "antes de que a criança aprenda a articular a linguagem"<sup>98</sup>, mas que supõe a eficácia da linguagem. Podemos considerar esses significantes primários, estruturantes do imaginário ou da esfera perceptiva, como a primeira organização de memórias, por signos perceptivos.

Retomemos a concepção de memória introduzida por Freud no Projeto, discutida acima, ou seja, os traços mnêmicos de uma impressão. A memorização fundamental constitutiva da pulsão poderia ser aproximada a essa forma de memória, que sobrevive apenas na repetição e é inacessível à recordação.

A necessidade de figurar a pulsão é o que justifica o registro mnêmico das primeiras experiências de satisfação com o corpo materno, no "Projeto". O primeiro registro mnêmico, o dos Signos de Percepção, da Carta 52, referido a uma forma de inconsciência que é diferenciada da inconsciência relativa ao registro das lembranças conceituais (*Unbewusstsein*) que supõem a linguagem articulada, parece responder à mesma necessidade teórica.

A memória representada pela camada de signos de percepção, corresponde às facilitações residuais às experiências de satisfação. Não supõe uma subjetividade

---

<sup>98</sup> cf Lacan, "As Psicoses" (1955-56), R.J., Zahar, 1981, p. 172

constituída e é compatível com a característica de parcialidade da pulsão, já que a linguagem articulada só parece intervir nos registros seguintes. Entretanto não é que esses traços mnêmicos constituintes da pulsão tenham que ser considerados apenas como um relato da origem, que explicasse a constituição do psiquismo ou da subjetividade. A experiência de satisfação é um relato de uma gênese mítica, é verdade. Mas podemos retomá-la a partir das contribuições freudianas sobre a pulsão na elaboração da chamada "segunda tópica", que é quando fica explicitado que a experiência clínica requer a consideração de um além do princípio do prazer e de seu prolongamento, o princípio da realidade. De um limite em que o pulsional se manifesta em sua parcialidade, em um circuito além da subjetividade, e que a pulsão, embora inapreensível enquanto tal, por manifestar-se em um campo significativo pode ter, por essa via, seus efeitos nesse campo inscritos de alguma forma na esfera da subjetividade, *a posteriori*. Essa inscrição que põe em cena o sujeito, é na relação com o analista que ela pode ter lugar, a partir do trabalho interpretativo.

Embora não possa haver dúvidas de que a pulsão é histórica (caso contrário estaríamos tratando de instintos e não de pulsão), há uma dificuldade relativa à idéia de apoiar a pulsão em algum tipo de traço mnêmico. Efetivamente, há um certo paradoxo em se falar de uma memória que não seja passível de rememoração. Por outro lado, a memória implica em modificações adaptativas. Nem mesmo um micro-organismo reage, na segunda vez em que está em uma situação, da mesma forma que reagiu na primeira.

A repetição, que é a característica pulsional por excelência, é, portanto, o oposto da adaptação; é exatamente o que nunca se adapta. Lacan propõe, então, ligar a pulsão a um traço que retira do texto freudiano, acentuando seu cunho simbólico e nele apoiando a repetição:

*"A repetição não quer dizer - o que acabou recomeça, como a digestão ou qualquer outra função fisiológica. A repetição é uma denotação precisa de um traço que retirei para vocês do texto de Freud, como idêntica ao traço unário, ao pequeno bastão, ao elemento da escrita, de um traço enquanto ele comemora uma irrupção de gozo. O traço unário, uma referência simbólica que apoia a identidade significante em jogo na repetição, implica coordenadas que não são de mais ou menos tensão, mas de mais ou menos como signos do que deve ser repetido. Não é a primeira situação de satisfação que fornece esse signo. É a própria função do objeto perdido, que Freud coloca no metabolismo da pulsão, que instaura a lei constitutiva do sujeito, que é a repetição"<sup>99</sup>.*

Ao abandonar, juntamente com o modelo neurológico, tanto o traço marcado no tecido nervoso do "Projeto", quanto as várias camadas superpostas de signos, inspiradas em Jackson, da Carta 52, já Freud havia apoiado o traço mnêmico constitutivo do inconsciente em uma escrita indelével, recorrendo à metáfora do bloco mágico. Esta escrita, como significante, já inclui a perda do objeto em seu advento.

#### 4.2 - A Origem Mítica do Sujeito e do Real

Em "Die Verneinung", Freud considera que a oposição entre objetivo e subjetivo não existe inicialmente, mas se constitui a partir de uma diferenciação, na qual é dado um importante papel à função do julgamento.

---

<sup>99</sup> Lacan, J., "L'Envers de la psychanalyse" (1969-70), Paris, Seuil, p. 89

Pelas oposições bom e mau, e existente ou inexistente, Freud articula duas repartições entre interior e exterior, anteriores logicamente à função de julgamento, que apontam para a constituição do sujeito.

O julgamento de atribuição, como proposição que afirma ou nega uma qualidade a algo, é referido por Freud a uma coisa (*ding*) e não a um sujeito. O termo "julgamento" funciona, na primeira repartição, apenas como metáfora. A linguagem está envolvida apenas como imagem, quando Freud menciona a "linguagem" das pulsões orais, que julgam: *"Gostaria de comer isso ou gostaria de cuspi-lo"*. O que resulta na introjeção do que é bom e na expulsão do que é mau, fora de um eu primordial. Não existe a esse nível, nem um sujeito, nem a linguagem. O julgamento é expresso apenas como atividade pulsional, que entretanto implica em algum nível de simbolização.

Só no plano do juízo de existência, pode-se falar de um sujeito, posto em cena pela distinção entre o que é mera representação e subjetivo, e o que é real e pode ser reencontrado também no exterior, já que inicialmente representação e percepção são indistinguíveis. O juízo de existência opera na busca de reencontrar um objeto de satisfação que foi perdido e que é presentificado no pensamento. A perda do objeto é condição para o advento de um sujeito.

Freud conclui que apreendeu a origem do julgamento a partir da interação das pulsões primárias. O julgamento resulta do processo original pelo qual o eu incluiu ou expeliu as coisas de si mesmo, de acordo com o princípio do prazer. A afirmação, substituta da união,



pertence a Eros. A denegação, como sucessora da expulsão, pertence à pulsão de destruição.

A esse propósito, Hyppolite sugere que essa assimetria entre a afirmação, como substituta da união, e a negação, como sucessora da expulsão, indica que não é apenas a destruição o que intervém na denegação.

Na verdade, a função do julgamento só se torna possível com o advento do símbolo da negação, que "*dota o pensamento de uma primeira medida de liberdade das consequências da repressão, e com isso, da compulsão do princípio do prazer<sup>100</sup>*".

Em seu comentário sobre o texto, Hyppolite distingue a negação como algo interno ao julgamento, e a denegação como condição da função intelectual. A denegação seria o que Freud descreve como uma suspensão (*Aufhebung*) do recalçado que não significa sua aceitação. E ela, como atitude fundamental, que permite a utilização do símbolo explícito da negação, e com isso a aceitação intelectual do recalçado junto com a manutenção do recalque.

Para Hyppolite, a denegação permite que a função intelectual se torne independente do processo afetivo. A denegação, como suspensão do conteúdo, permitiria o nascimento do pensamento. Por ser filósofo, a leitura que faz Hyppolite do texto, nele valoriza uma gênese do intelectual. A "*aufhebung*", separando o intelectual do afetivo, apoiaria um certo ideal de autonomia da inteligência e do pensamento, ligando o juízo ao intelectual

---

100 Freud, S. "*Negation*"(1925), S.E. vol.XIX, p. 239

e ao pensamento, enquanto que em Freud o juízo é ligado às pulsões<sup>101</sup>.

Voltando ao primeiro momento da repartição dentro e fora, a expulsão fora do eu (*Ausstossung*), que poderia ser aproximada da repulsão ou defesa primária do "Projeto" de 95, pode ser compreendida como o ponto de origem do real. De um real que não é concebido como algo pré-existente, uma exterioridade idêntica a si mesma, mas de um real que se constitui como um campo correlativamente ao próprio processo de simbolização.

Lacan, apoiando-se no conceito de "*Verwerfung*", tal como apresentado por Freud na análise do caso do Homem dos Lobos (conceito já introduzido no trabalho sobre as Neuro-psicoses de Defesa), identifica-o à "*Ausstossung*" originária.

O "Homem dos Lobos" rejeita a realidade genital e a castração, de uma forma que nada tem a ver com o recalque. Diz Freud, sobre a rejeição da castração, que ela "*na verdade não envolveu qualquer julgamento sobre sua existência, mas ocorreu como se jamais tivesse existido*"<sup>102</sup>. Lacan nomeia essa ocorrência de abolição simbólica. Entretanto, o que tem sua inclusão em uma rede simbólica (*bejahung*) rejeitada, é exatamente um símbolo, que por não participar do imaginário é como se não existisse para o sujeito, e que pode surgir no real, como na alucinação, cujo caráter inteiramente simbólico é acentuado por Lacan.

---

101 cf. Vidal, E. "Comentários sobre "*Die Verneinung*" em "*Letra Freudiana*, nº5, ano VIII.

102 Freud, S. "*From the history of an infantile neurosis*" (1918(1914)), S.E, vol. XVII, p. 84

No primeiro tempo da dialética construída em "A Negação", a "Verwerfung" corresponde ao que foi expulso, em oposição à "Bejahung" primária, à qual o discurso só poderá voltar pela negação da negação.

Se, para Freud, o julgamento de atribuição tinha sua origem na oposição introjeção/expulsão, Lacan funda esse julgamento na "Bejahung", um primeiro nível de simbolização que é "condição primordial para que algo do real se ofereça à revelação do ser"<sup>103</sup>. A "Verwerfung" constitui, portanto, o real enquanto o que se mantém fora da simbolização e inacessível a uma articulação com a palavra.

Voltemos ao juízo de existência, como interessado na relação entre representação e percepção. A percepção inicialmente é uma presentificação absoluta, o que surge no espaço perceptivo é aceito como real sem qualquer julgamento. A isso substitui-se a prova de realidade, fundada na possibilidade de reencontrar o objeto na realidade. Realidade construída pelo pensamento e o julgamento sobre a denegação da "Bejahung". É apenas na defasagem entre a presentificação imaginária do objeto e a questão de se pode ser reencontrado que existe algo que escapa ao princípio do prazer.

O real, entretanto, como o que foi rejeitado da simbolização primordial, "já está lá", no campo da realidade. Subtraído às possibilidades da palavra, podendo surgir disruptivamente no campo que o princípio de realidade construiu como mundo externo<sup>104</sup>.

103 Lacan, J., "Réponse au commentaire de Jean Hyppolite sur la "Verneinung" de Freud" em "Ecrits", Paris, Seuil, p. 388

104 cf idem

A concepção do real que encontramos em Lacan, em 1954, é a do real como *o que causa sozinho*, que se manifesta como algo que não se relaciona à intencionalidade do sujeito. É o domínio além do princípio do prazer. Está além da simbolização, mas de que forma? Não é no sentido de que não estejam envolvidos significantes. O que é rejeitado é um símbolo<sup>105</sup>. A partir da rejeição, este símbolo não entra mais no imaginário. Ao topar com ele, o sujeito o atribui ao real. Logo, esse símbolo não pode ser integrado como tal em sua subjetividade.

Depois de equacionar "*Ausstossung*" e "*Verwerfung*", em 55-56, conceitos que no texto freudiano aparecem em contextos radicalmente diferentes, Lacan volta à questão da "*Verwerfung*" como caracterizando a psicose, no seminário sobre a psicose.

A "*Verwerfung*" é abordada novamente como em oposição à "*Bejahung*" primitiva, determinando um inconsciente que não é apenas recalçado, i.e., "*desconhecido pelo sujeito após ter sido verbalizado.*"

A "*Verneinung*", da ordem do discurso, só atua na articulação com o que foi recalçado, mas não em relação ao que de não-simbolizado reaparece no real. O que equivale a dizer, o que se furta à interpretação e à verbalização. A alucinação do Homem dos Lobos é acompanhada de total mutismo e impossibilidade de pedir ajuda.

Na psicose, a categoria do real é fundamental. O que não entra na simbolização primordial, e manifesta-se no real é caracterizado como algo do "ser do sujeito".

---

105 cf. idem 392

A expulsão fora do eu é interpretada como a expulsão fora de um primeiro corpo de significantes dentro do qual se constitui a realidade. Na psicose é rejeitado o significante primordial "Nome do pai".

Isso nos coloca uma questão. Trata-se da mesma coisa a expulsão mítica constitutiva do real e a expulsão do significante primordial que dá conta da psicose?

Não podemos tratar teoricamente da mesma forma as duas acepções de expulsão. A diferença terá que ser especificada, já que o fenômeno central, na caracterização da psicose, é o uso peculiar da linguagem. Afinal a característica da psicose é que as palavras são tratadas como coisas, ou que todo o simbólico é real.

Lacan abre uma trilha para estas considerações quando afirma que,

*"Nada indica que a rejeição tenha se dado de forma apropriada, nem saberemos seus motivos, porque isso se situa além de todo o mecanismo de simbolização. Com o que resta da "Verwerfung" o sujeito compõe um mundo e se situa dentro"<sup>106</sup>.*

Manter a terminologia freudiana, com a distinção entre "Ausstossung" e "Verwerfung", parece-nos útil na medida em que é necessário manter a especificidade do mecanismo em operação na psicose frente à "Ausstossung", o que não impede utilizarmos as contribuições de Lacan referentes à categoria de real como fundamental à abordagem da questão da psicose. Trataremos adiante de especificar, dentro do quadro da metapsicologia, essa diferença.

#### 4.3 - Rejeição (Verwerfung)

---

106 Lacan, J. "As Psicoses" (1955-56), R.J., Zahar, 1985, p. 99

Freud introduz o conceito de *Verwerfung* já em 1894, na tentativa de delimitar um mecanismo de defesa que interviesse especificamente na psicose, situando sua psicogênese diferencial em relação às neuroses.

No artigo "As Psiconeuroses de Defesa", a origem dos sintomas nas fobias, obsessões e histeria é situada na forma pela qual o eu soluciona um conflito que sustenta com uma idéia incompatível, geradora de um afeto penoso, quando não consegue resolver essa contradição por meio do pensamento. Depois de desenvolver a questão da defesa nas neuroses, em que ela consiste na separação entre a idéia incompatível e seu afeto, Freud introduz um tipo de defesa "*muito mais enérgico e bem sucedido*":

*"Aqui o eu rejeita a idéia juntamente com seu afeto e comporta-se como se a idéia não tivesse jamais ocorrido ao eu. Mas do momento em que isso foi realizada com sucesso, o sujeito está numa psicose, que só pode ser classificada como "confusão alucinatória"<sup>107</sup>.*

Para ilustrar esse ponto, é apresentado o caso de uma jovem apaixonada que mantém a ilusão, apesar de todas as evidências que indicariam o contrário, de que seu amado corresponde a seu amor. A psicose irrompe no dia de uma celebração familiar, em que ele, esperado, não comparece. Ela ouve sua voz no jardim, e passa a viver um "*sonho feliz*" em que ele está sempre a seu lado.

Conclui Freud que o conteúdo da psicose alucinatória é precisamente a acentuação da idéia desejosa, que foi colocada em cheque pelo acontecimento que desencadeou a psicose. Em consequência de uma disposição patológica, que

107 Freud, S. "The Neuro-psychoses of defence"(1894), S.E. vol. III, p. 58

Freud não examina ainda neste texto, o eu rejeita a idéia incompatível. Mas como esta está "inseparavelmente ligada a algo da realidade" o eu "cortou seus laços inteiramente ou em parte com a realidade"<sup>108</sup>.

Já estão aqui indicados dois eixos centrais do pensamento de Freud sobre as psicoses, em seu desenvolvimento posterior. É sobre uma representação da realidade que incide a rejeição, porque a realidade representada, em si, é o que se torna incompatível com o eu, à diferença das neuroses, em que a incompatibilidade é com um desejo.

Essa tentativa de adscriver a questão da psicose a um embate que se dá no terreno da realidade é retomada nos artigos "Neurose e Psicose" e "A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose", de 1924, em que é promovida a noção de *perda da realidade*.

Essa noção reflete a preocupação de Freud de levar em consideração a referência à "perda do real" na psicose, discutida por vários autores de seu conhecimento, como Griesinger, Meynert, Janet e Jung, reunindo essas observações no objetivo de integrá-las em uma interpretação psicanalítica<sup>109</sup>.

Mas, ao tentarmos integrar essa contribuição na metapsicologia freudiana, é fácil percebermos que não se trata de um afastamento da realidade perceptiva propriamente, mas de uma falha quanto ao julgamento de existência.

---

108 Freud, S. "The Neuro-psychoses of defense"(1894), S.E. vol.III, p. 59

109 cf Dayan, M., "Les relations au réel dans la psychose", Paris, PUF, 1985,, p. 62

Na verdade, não é possível distinguir com rigor entre uma representação da realidade e uma representação do desejo, a não ser através do juízo de existência. Afinal, o sonho é uma cena articulada pelo desejo, mas em que este já se encontra realizado, e não representado como desejo. A representação do desejo é uma representação da realidade em que ele se encontra realizado. Temos uma presentificação de cunho perceptivo inicial, fantasia ou realidade, que só o julgamento de existência pode "suspender", dando-lhe o estatuto de imaginação do sujeito ou de realidade.

E em torno de um conflito envolvendo a realidade que irrompe a psicose, mas mais do que falarmos em uma rejeição da representação da realidade intolerável, poderíamos abordar essa dinâmica como uma paralização do juízo de existência, envolvendo uma desubjetivação. As produções da realidade psíquica deixam de ser assim reconhecidas pelo sujeito e tudo passa a ser real.

Ao abordarmos os fenômenos psicóticos como correspondendo a falhas no julgamento de existência, que implicam a diluição das fronteiras da realidade psíquica para o sujeito, aproximamo-nos com mais segurança do desenvolvimento que fará Freud posteriormente valorizando a clivagem do eu ou clivagem psíquica, a "*ichspaltung*", como uma manifestação da psicose, assim como de outros quadros. Observando que o afastamento da realidade nunca é total, que o psicótico ao se recuperar relata que observava o que ocorria, Freud propõe que ocorreu uma clivagem psíquica<sup>110</sup>.

---

110 cf. Freud, S., "*An Outline of Psychoanalysis*" (1938), S.E. vol. XXIII



As falhas no julgamento de existência caracterizam melhor os fenômenos psicóticos do que a perda da realidade, que sugere um acontecimento em bloco, não dando conta desse caráter molecular das ocorrências em que o sujeito não pode se assenhorar de suas produções, tomando-as como do real.

Freud, em 1894, deixa em aberto a questão de caracterizar a disposição que fundamenta o recurso à rejeição. Ao levantá-la, entretanto, já está anunciando a necessidade de delimitar condições estruturais na abordagem da especificidade dos mecanismos psicóticos.

Se a "Verwerfung" é introduzida tão cedo, seu estatuto de mecanismo específico da psicose permanece pouco delimitado e flutuante em alguns textos, em que se confunde com uma operação do recalçamento<sup>111</sup>, embora seja mantido o campo de problemas a que busca responder com alguma nitidez.

Em 1915, por exemplo, Freud reclama a necessidade de delimitação da psicose por oposição à neurose, sem recorrer à rejeição como operatória nesta discriminação:

*"Pode-se duvidar se o processo chamado recalque nas psicoses, tenha ainda algo em comum com o recalque nas neuroses de transferência"*<sup>112</sup>.

Uma inflexão diferente e decisiva sofre a noção de "Verwerfung", na análise do caso do Homem dos Lobos, afastando-a do registro do mecanismo de defesa, em que ficava inserida em um campo comum ao das neuroses de defesa.

O complexo de castração é o terreno em que a "Verwerfung" é retomada, o que permite conceder-lhe um valor estrutural. Na passagem em questão, Freud refere-se

111 Laplanche, J. e Pontalis "O Vocabulário da Psicanálise", S.P., Martins Fontes, p. 572

112 Freud, S., "The Unconscious"(1915), S.E. vol. XIV

a duas atitudes contraditórias e coexistentes, uma que abominava a ideia de castração, enquanto a outra a aceitava. A terceira, "*mais antiga e profunda*", que não havia nem mesmo levantado a questão da "*realidade da castração*"<sup>113</sup>, corresponde à rejeição da castração. Pela reativação dessa corrente, Freud justifica o surgimento da alucinação relatada pelo Homem dos Lobos, na qual viu seu dedo mínimo cortado pelo canivete com o qual entalhava o tronco de noqueira.

O passeio por esses momentos em que a "*Verwerfung*" é tematizada permite concluir:

1. E no campo das investigações sobre os processos psicóticos que essa noção se inscreve.

2. A realidade é presentificada para o sujeito por representações. Trata-se da realidade constituída pelas representações, de uma idéia "*inseparavelmente ligada a um fragmento de realidade*"<sup>114</sup>.

3. Se, em 1894, algo da realidade torna-se inaceitável, resultando na rejeição de representações das quais o sujeito anteriormente dispunha, em 1914 trata-se de um processo que não chegou a ocorrer, de uma corrente que não havia ainda "*nem mesmo levantado a questão da realidade da castração*". Entretanto, na análise do Homem dos Lobos, é apenas "*uma corrente*", que coexiste com uma outra que apenas a recusa (*verleugnung*), recusa que supõe a simbolização da castração, paralelamente à atitude de não levar suas consequências a sério.

---

113 Freud, S., "*From the history of an infantile neurosis*", (1918(1914)), S.E. XVII, p. 85

114 Freud, S., "*The Neuro-psychoses of defence*" (1894), S.E. vol. III, p. 59

4. A "*Verwerfung*" é retomada na análise do Homem dos Lobos em torno da castração. Ao articular a rejeição ao complexo de castração, Freud situa a *Verwerfung* em um âmbito que transcende o de mecanismo de defesa contra um acontecimento da realidade insuportável, assim como supera a questão de delimitar uma disposição para a psicose. A castração remete à função do Complexo de Edipo como eixo central em torno do qual, em função das várias posições que pode assumir, especificam-se as diferentes estruturas patológicas, e a psicose aí se define por algo que é da falha, do advento insuficiente ao Edipo.

A "realidade da castração" rejeitada, que inexistia como questão para o Homem dos Lobos, não é da mesma ordem que a realidade insuportável que se rejeita, realidade do acontecimento, realidade tornada presente pela percepção. A castração não tem outra realidade que a realidade psíquica. É mesmo pela impossibilidade de apoiar em acontecimentos da história individual a universalidade de certas fantasias, entre elas a da castração, que Freud recorre à noção de fantasia originária como estrutura pré-subjetiva, herança filogenética. Um pai, no passado da humanidade, teria efetivamente punido com a castração seus filhos, sendo esse o traço de realidade que fundamenta a fantasia.

No pequeno artigo de 1923, "A Organização Genital Infantil", inaugurado com a afirmação da necessidade de abordar fatos importantes e de "ocorrência geral", que haviam sido negligenciados pela pesquisa psicanalítica até então, Freud introduz a fase fálica da sexualidade infantil,

numa rede conceitual que imprime um remanejamento importante da significação do complexo de castração.

Em suas palavras "a significação do complexo de castração só pode ser corretamente avaliado se sua origem na fase da primazia fálica for levada em consideração"<sup>115</sup>.

Lembrando artigo em que Ferenczi apresenta a cabeça da Medusa, como símbolo mitológico do horror, ligando-o à impressão causada pelo genital feminino desprovido de um pênis, Freud vai apresentar a castração como um mito que defende contra o real da diferença sexual. O genital feminino não existe, especialmente o da mãe. A realidade da castração, portanto, funda-se no real da diferença sexual que não tem existência no inconsciente, assim como a morte. E portanto o real irredutível, a impossibilidade de subjetivação.

#### 4.4 - A Coisa

Lacan deu relevo, no seminário 7, à noção de "Coisa", tal como ocorre em alguns momentos do Projeto de Freud. Sobre ela muito se tem discutido na psicanálise brasileira, embora Lacan tenha raramente mencionado novamente o tema em seus trabalhos posteriores. Só o faz rapidamente no artigo sobre Lagache e em "Subversão do sujeito".

Como o "Projeto" já anuncia nesse contexto os temas desenvolvidos em "A Negação," retornaremos à Coisa, para esclarecer sua relação com a constituição do real. E em

---

115 Freud, S., "The infantile genital organization" (1923), S.E. vol. XIX, p. 144

relação ao julgamento que Freud define a coisa. Afirma que o que chamamos de coisas são resíduos que escapam de serem julgados.

Naquilo em que a catexis perceptual e o investimento desejante coincidem, em que há semelhança entre o núcleo do eu (de catexis constantes) e o percebido, temos o que a linguagem designa como "coisa". O julgamento é evocado pela diversidade entre o investimento desejoso da memória e o percebido. A identidade entre memória e percepção significa a interrupção do pensamento e o início da descarga motora.

Na relação com o semelhante enquanto objeto de percepção é que tem origem o julgamento, pela importância que ele adquiriu por estar envolvido nas primeiras satisfações, assim como na dor. O complexo do semelhante divide-se em duas partes: uma de estrutura constante que fica junto como uma coisa, inassimilável, enquanto a outra, variável, pode ser referida a informações do corpo do sujeito e compreendida pela memória. As partes resultantes dessa divisão são o complexo-sujeito e o predicado.

O eu, como organização, é definido por um componente variável, composto das facilitações, resíduos das experiências de satisfação e dor que representam virtualidades, e um núcleo, componente constante, que influencia todas as passagens de Q. Essas passagens de Q, pelo enlace com a fala, darão origem ao pensamento. A percepção que se associa ao próprio grito, permite a memória consciente do objeto caracterizado como hostil. As memórias dos objetos que falam, pela imitação, tornam-se também acessíveis à consciência.

Voltando ao juízo de existência, esse é claramente o momento de constituição do sujeito. Se o juízo de atribuição está em anterioridade lógica a ele, concluímos que não é exatamente um julgamento. O que o juízo de atribuição, que não é um juízo senão em termos metafóricos, porque não se dá no nível discursivo, pode indicar, é a constituição do próprio circuito pulsional, marcado pela singularidade da história individual. Essa perspectiva estabelece um corte tanto com uma tentativa de conceituação a nível biológico da pulsão, que não traz qualquer contribuição ao campo propriamente psicanalítico, como com uma concepção da pulsão que a caracterize simplesmente em termos negativos, como pura energia dezorganizada, pressionando por ser representada.

Diz Freud, que a linguagem aplicará posteriormente o termo julgamento para a semelhança existente entre o núcleo do eu e o componente perceptual constante, chamando-a de "a coisa", e entre as catexis variáveis do eu e o componente perceptual inconstante - o predicado<sup>116</sup>. É importante lembrar que o julgamento tem sua origem no interesse em restabelecer a situação de satisfação.

Mas para que o julgamento o faça, a précondição é a dissimilaridade relativa entre as representações e a percepção. O que se apresenta à percepção não é idêntico à representação que é ativada pelo desejo. A representação não mais garante a existência do representado. Uma ausência, uma diferença, instala o juízo de existência, correlativo à

---

116 Freud, S., "Project for a scientific psychology" (1895), S.E. vol. I, p. 328

possibilidade dessa oposição. O objeto perdido está no cerne do funcionamento do juízo de existência.

A Coisa então, frequentemente aproximada de um objeto, nada tem a ver com ele porque indica um resíduo do que é a constituição do subjetivo e do objetivo. O que Freud designa como Coisa é um resíduo que se subtrai à atividade judicativa. Está, portanto, fora do campo das representações, é "*condição de toda a representação*"<sup>117</sup>.

A Coisa, tomada nesse sentido, é a tradução do termo alemão *Ding*. No alemão temos também a palavra *Sache*, que se opõe a *Ding* como sendo uma coisa que é produto da ação humana.

A Coisa, em torno da qual o sujeito fará a primeira orientação subjetiva<sup>118</sup>, é o que se separa de tudo o que ele começou a articular e nomear<sup>119</sup>.

Na tentativa de definir o campo de *Das Ding*, como além da organização do eu-prazer, Lacan afirma:

*"E como o pensamento de Freud progrediu de um ponto de partida terapêutico, podemos tentar definir o campo do sujeito enquanto ele não é apenas sujeito intersubjetivo, o sujeito submetido à mediação do significante, mas o que há atrás de tal sujeito"*<sup>120</sup>.

Esse paradoxo de um ponto ao mesmo tempo central e exterior atravessará toda a topologia de Lacan, como "*exclusão interna*", ou "*extimidade*"<sup>121</sup>. Lacan resgata a Coisa visando esse ponto, que seria o lugar das pulsões<sup>122</sup>.

---

117 Vidal, "*Comentários sobre "Die Verneinung"*" em "*Letra Freudiana*", nº 5, ano VIII, p. 26

118 Lacan, J., "*L'Éthique de la Psychanalyse*" (1959-60), Paris, Seuil, 1986, p. 68

119 Idem, p. 100

120 Idem, p. 124

121 Miller, "*La topologia en la enseñanza de Lacan*" em "*Matemas I*", Buenos Aires, Manantial, 1987

122 Idem, p. 131

Na verdade é ao sujeito do desejo que ele identifica a Coisa:

*"o sujeito do desejo , tanto na iluminação do fantasma quanto em sua guarida ignota, não é outro senão a Coisa, que sendo a que tem de mais próximo, é também a que mais lhe escapa"*<sup>123</sup>.

Por outra vertente, é à busca de reencontrar o objeto que Lacan articula a Coisa. Todos os objetos aos quais a pulsão se articula representam a Coisa, e nessa medida ela é suposta como a estrutura incognoscível que dirige a escolha desses objetos.

Não se poderia falar propriamente de um sujeito da pulsão. Não foi por outro motivo que Freud não o fez, mantendo uma ambiguidade necessária na abordagem da questão da subjetividade. Afinal, *"as pulsões... existem lado a lado sem serem influenciadas umas pelas outras, são isentas de contradições"*<sup>124</sup>. A pulsão é exatamente o campo das forças que nos movem sob um aspecto de impessoalidade, destronando a idéia de uma autonomia ou de uma unidade do sujeito.

Entretanto o campo da pulsão é o que sustenta a função sujeito tal como a define a psicanálise. Freud, em "Além do Princípio do Prazer" indica o campo onde está o sujeito, ainda que seja *"incontestavelmente um sujeito enquanto não se sabe, em um ponto de ignorância limite, senão absoluto"*<sup>125</sup>, campo que responde à necessidade de postular, além da cadeia significante, o *ex nihilo* na qual ela se funda, e que não pode ser identificado em nada ao que é da Natureza.

---

123 Lacan, J., *"Remarque sur D.L."*, p. 656

124 Freud, S. *"The unconscious"*(1915), S.E. vol. XIV, p. 186

125 Lacan, J., *"L'Éthique de la psychanalyse"*(1959-60), Paris, Seuil, 1986, p. 252



#### 4.5 - *Ausstossung* do Sujeito

Em Nasio encontramos a idéia de uma rejeição (*Verwerfung*) fundamental na origem da constituição do sujeito da psicanálise, ponto para onde converge a interpretação que desenvolvemos. O sujeito pertence ao real e "*nada mais é do que a constelação de efeitos da repetição significante*"<sup>126</sup>

Nasio busca formalizar em dois momentos a história do sujeito. Identificando, como Lacan, "*Verwerfung*" e "*Ausstossung*", diz ele que a expulsão de um significante do espaço simbólico para o real representa a própria constituição do real como lugar. Esse real é concebido como um primeiro tempo no advento do sujeito do inconsciente, que é esse sujeito foracluído.

O espaço do real, ao mesmo tempo em que é constituído no exterior, é a referência interna da organização do discurso. Ao contrário do que ocorre na psicose, o significante foracluído não se perde, mas constitui o real como o espaço sobre o qual o discurso se apóia, fundando-o como estrutura.

O que trabalha na produção de um sujeito é a negação. No primeiro momento uma negação foraclusiva, a foraclusão da "*Bejahung*" que constitui um espaço do real que no momento seguinte será reencontrado através da negação discordancial, no julgamento de existência<sup>127</sup>

---

126 Nasio, J.D., "*A criança magnífica da psicanálise*", R.J., 1988, Zahar, p. 147

127 Esses dois tipos de negação foram diferenciados por Pichon e Damourette no "*Essai de grammaire française*". A negação foraclusiva incide sobre os fatos que o locutor não aceita como fazendo parte da realidade, e a negação

O Outro seria o próprio juízo de atribuição como conjunto dos atributos possíveis, conjunto que se identifica a um real pré-existente. A *Bejahung* já significa a inscrição de um limite nessa virtualidade e a exclusão de um sujeito ideal. A negação discordancial, correlativa do julgamento de existência, inscreve uma fronteira entre o discurso e o real. O ato de dizer, através da repetição dos significantes, instaura o sujeito como algo fora de seus ditos, e que constitui a repetição enquanto série, atingida por uma marca, e garante a consistência discursiva. O sujeito como um suporte inexistente, determina causalmente a repetição, mas para isso é preciso que ele tome a palavra.

E no momento da negação discordancial, que Nasio estabelece a diferença entre a forclusão como constituinte do real, fundadora da estrutura, e a forclusão psicótica, em que a deriva da linguagem não é interrompida pelo juízo de existência, que é o testemunho da existência do sujeito.

Isso nos sugere que a "*Verwerfung*", como operador característico da psicose, não deve ser situada como correlativa à "*Bejahung*" na constituição do primeiro dentro e fora, como a "*Ausstossung*". A "*Verwerfung*" corresponderia a uma falha no processo que caracteriza o segundo momento, o da denegação pela qual a "*Bejahung*" primária seria "posta em suspensão" no juízo de existência.

#### 4.6 - A Razão Prática e a Pulsão

---

discordancial marca a incompatibilidade de um fato com os fatos que ele conhece.

A lei moral de Kant, fundada na rejeição de todo o objeto patológico, é valorizada por Lacan exatamente por abrir o campo para o sujeito como fundamento do desejo. Este paralelo encontra sua justificação exatamente a partir da importância maior dada à pulsão, quando Freud admite a repetição como essência da pulsão, podendo operar independentemente do princípio do prazer.

E justamente a propósito da discriminação entre o princípio do prazer, o conforto que ele busca, e a satisfação pulsional, que Lacan vai invocar a "Crítica da Razão Prática".

Todo o seminário sobre a Ética, assim como o artigo dedicado a "Kant com Sade", nos "Escritos" são permeados pelas referências à "Crítica da Razão Prática".

Lacan considera que a novidade, verdadeira subversão empreendida por Kant ao desvincular "Bem" e "Felicidade", que desde a filosofia grega eram equiparados, foi uma condição de possibilidade para o advento do campo freudiano.

Kant investiga se há uma faculdade de desejar superior. Quando uma representação determina a vontade por meio do prazer ligado ao objeto que ela representa, temos a faculdade de desejar na forma inferior. Essa síntese resulta da experiência, é a posteriori. Nesse caso, a vontade é determinada de modo patológico (de patos, inclinação, tendência).

No que Deleuze chama de "forma de desejar superior", a representação não é de um objeto mas de uma pura forma;

*"Se de uma lei se retira por abstração toda a matéria, todo o objeto de vontade como princípio determinante,*

*nada mais resta que a simples forma de uma legislação universal*"<sup>128</sup>.

A vontade aqui não é mais determinada pelo PRAZER ligado a determinada representação de objeto, mas pela simples forma da lei. Nesse caso, temos uma "vontade autônoma".

Para Kant o desejo é sempre relativo aos objetos empíricos e visa o bem estar do sujeito em suas inclinações e, portanto, não pode ser puro (o que significa universal, a priori e relativo à razão<sup>129</sup>). É Lacan quem introduz a idéia do desejo puro.

A representação da forma da lei, independente de qualquer condição sensível e dos sentimentos, é obra da razão, razão pura prática. O fundamento racional da moralidade está expresso no imperativo categórico, que é a priori, e que se formula assim: age como se a máxima de sua ação devesse ser erigida em lei universal da natureza.

Essa é uma prova à qual a máxima da ação tem que resistir, e no plano puramente racional, isto é, não cair em contradição lógica. Por exemplo, se o depositário pensa em se apropriar do que lhe foi confiado, ao testar essa ação como um princípio universal, descobre que a partir desse princípio todos se apropriariam do que lhes foi confiado, e portanto não haveria mais nem depósito nem depositário. Há uma contradição entre aproveitar-se da condição de depositário e visar anulá-la.

Toda a ação que se dirige para algo que possa proporcionar prazer, inclusive tudo o que se funda no amor e na simpatia, rege-se pelo empírico, pelo objeto e recai fora

---

128 Kant, I. na "*Critica da Razão Prática*", Analítica, teorema 3, citado por Deleuze, G. "*Para ler Kant*", R.J., Francisco Alves, p. 16

129 Cf. Baas, B. "*O desejo puro*" em "*Falo*" 4/5, 1989, p. 136

do registro da moralidade. Visa apenas o "WOHL", o bem estar do sujeito.

"GUTTE" é o Bem moral, que se confunde com a própria lei que rege a ação moral, à revelia de qualquer inclinação do sujeito por algum objeto. Seu valor moral resulta da própria lei que rege a ação, e não de seus resultados empíricos.

Ao submeter-se à lei que se deu através da razão, unicamente por dever, a vontade é livre, e não dependente do objeto. O sujeito é tanto o legislador quanto quem se subordina à lei, o legislador faz parte da natureza sobre a qual legisla.

E então na lei moral que se afirma a autonomia do sujeito. Se Lacan aproxima a lei moral

*"do desejo em estado puro, aquele que termina no sacrifício ... de todo objeto de amor em sua ternura humana..., não somente na rejeição de todo o objeto patológico, mas também em seu sacrifício e assassinato"<sup>130</sup>*

é porque a pulsão tem como causa um campo do sujeito além da representação, e não os objetos com os quais se satisfaz. É isso o que o funda como desejante.

A desvinculação radical estabelecida por Kant, a antinomia entre o bem do prazer e o bem moral, abre o caminho para o passo dado por Freud ao admitir um além do princípio do prazer, em que este princípio, como o vigia da vida psíquica que age evitando o desprazer e garantindo o prazer, é ameaçado pelo bem pulsional. O bem pulsional, o gozo, está correlacionado com a crueldade e tanto faz sofrer os outros quanto o próprio sujeito.

---

<sup>130</sup> Lacan, J., "Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise" (1964), R.J., Zahar, 1979, p. 260.

Podemos considerar que a oposição entre o princípio do prazer e o desejo, entretanto, já estava presente em forma embrionária, em toda a teoria do recalque, já que é em nome de uma evitação do desprazer que o recalque opera, deslocando a satisfação do desejo para uma nova forma de satisfação que se dá no retorno do recalcado.

O princípio do prazer aproxima-se à felicidade em Kant, que significa um acordo do sujeito com sua vida. O desejo é o que vem a imprimir um desacordo e por isso é recalcado. O bem moral, a forma pura da lei em Kant está no lugar em que a psicanálise colocará o desejo, enquanto desconsidera o prazer.

A autonomia da vontade em relação ao objeto, constitutiva de um bem além do prazer, é o que pode dar conta do advento de um sujeito. O sujeito, enquanto é ele mesmo o legislador quanto ao Bem moral, encontra no super-eu, voz interior que lhe dita uma lei, o ponto de aproximação com o imperativo categórico.

Em duas ocasiões diferentes, Freud invocou o imperativo categórico kantiano a propósito do supereu e da crueldade que pode assumir. No texto "O Problema Econômico do Masoquismo", afirma o seguinte:

*"O super-eu, a consciência moral que se elabora nele, pode então se mostrar dura, cruel, inexorável quanto ao eu que tem sob sua guarda. O imperativo categórico de Kant é assim o herdeiro direto do complexo de Édipo"<sup>131</sup>.*

observação retomada em "O Eu e o Isso".

Embora esse super-eu seja situado como herdeiro do Complexo de Édipo, não se trata do super-eu em seu aspecto

---

131 Freud, S. "The Economic problem of masochism", (1924), S.E. vol. XIX, p. 167

apaziguador dos conflitos, refletindo uma "solução" satisfatória do conflito edípico por obra e graça da simbolização. Não parece se tratar disso, pois é justamente em sua face de crueldade, de um imperativo impossível de atender e que sempre redunde na culpabilidade do sujeito, por maior que seja sua obediência, que o super-eu é aproximado do imperativo categórico.

A introdução por Melanie Klein, de um super-eu arcaico e perseguidor corresponde à necessidade de pensar um super-eu com essas características, e por isso essa idéia foi retomada por Lacan. Este toma em consideração duas dimensões do super-eu; um super-eu que é herdeiro do Complexo de Edipo, que se articula à regulação do desejo pelo Nome-do-Pai, e um super-eu aliado aos objetivos da pulsão de morte<sup>132</sup>.

A abordagem de Lacan ao tema se faz pela oposição marcada entre o mito do Edipo e o de Totem e Tabu, do pai da horda. Há uma culpabilidade que não pode ser abordada com coerência dentro do mito do Edipo. O que o mito de "Totem e Tabu" introduz de singular é a culpa anterior ao advento da lei, portanto uma falta que não se caracteriza por resultar da transgressão à lei; a falta e a culpa são absolutas. Além disso, Lacan enfatiza que esse pai da horda nada tem de representante de uma lei, pelo contrário é um pai "ilegal" que dispõe de todas as mulheres e não se vê limitado por nada.

Na verdade, foi a partir do texto freudiano que essas duas faces do super-eu puderam ser discriminadas. O super-eu

---

132 cf. Cottet, S., *"O paradoxo da gozo"*, Fator, Salvador, 1989

arcaico é o responsável pelo que Freud chama em "Mal Estar na Cultura" de "paradoxo da consciência moral"; quanto mais se renuncia às satisfações pulsionais, mais severo se torna o super-eu e maior o sentimento de culpa. São os virtuosos os que mais sofrem de culpa.

A consciência moral resulta da superação e dessexualização do Complexo de Edipo, sendo nesse sentido que Freud localizará o imperativo categórico como herdeiro do complexo de Edipo. O eu sofre de angústia quando não corresponde aos ideais que lhe são prescritos pelo super-eu. Entretanto essa consciência moral está sujeita a uma sexualização regressiva, em que a crueldade do super-eu encontra como contrapartida a satisfação masoquista do eu, e essa satisfação pulsional pode implicar uma degradação da moralidade.

Se a crueldade do super-eu é o que aparece com maior clareza nessa regressão, a contrapartida, a satisfação masoquista do eu mediante os castigos a que se submete, é oculta, tem que ser inferida.

O desejo expresso em fantasias de ser espancado pelo pai, estreitamente ligado ao de ter uma relação sexual passiva com ele, tem uma estreita relação com o masoquismo moral. Embora o sofrimento, no masoquismo moral, seja causado por poderes impessoais e não pelo ser amado, preserva um valor erótico. E pela via do masoquismo que o super-eu pode se aliar ao gozo, à satisfação pulsional masoquista, tornando-se esse super-eu cruel que ordena: "goza"!

A força que, em "Análise Terminável e Interminável", Freud identifica como a maior fonte de resistência ao



tratamento, é uma força que luta contra a cura, "absolutamente resolvida a manter-se na doença e no sofrimento"<sup>133</sup>, e que o levou a concluir que o psíquico não é exclusivamente governado pela busca de prazer. O sentimento de culpa e a busca de punição inconscientes que puderam ser localizados na tensão entre eu e super-eu representam a parte desta força que pôde ser reconhecida, porque é a porção que foi "*psiquicamente ligada pelo super-eu e assim tornou-se reconhecível*"<sup>133</sup>.

Identificamos então uma dupla face do super-eu que, como aliado do Isso, está envolvido na satisfação pulsional masoquista, enquanto, por outro lado, representa uma primeira via de ligação do processo primário, permitindo uma certa elaboração psíquica da pulsão.

O super-eu, em sua função de ligar a pulsão, fundamentalmente masoquista, é a construção que permite uma aproximação da pulsão de morte como se apresenta na experiência psicanalítica.

#### 4.7 - Masoquismo

O masoquismo, presente desde os "Três Ensaios" como componente pulsional, assume um papel central na conceituação da pulsão a partir da introdução da noção de pulsão de morte, que o trabalho sobre "O Problema Econômico do Masoquismo" tratará de desenvolver.

O estatuto do masoquismo se transforma. O masoquismo originário, fundamento de toda a esfera do pulsional, não se

---

133 Freud, S., "*Analysis terminable and interminable*" (1937), S.E. vol. XXIII, p. 242

reduz a um aspecto de uma pulsão parcial, a pulsão sado-masoquista. Ora, o masoquismo tem que ser promovido, quando Freud começa a se dar conta, em sua clínica, que a dor e o desprazer nem sempre são sinais de alarme, funcionando de acordo com o princípio do prazer, mas que "*podem ser alvos em si mesmos*", chegando nesses casos a paralisar o funcionamento do princípio do prazer: "*o vigia de nossa vida anímica é narcotizado*"<sup>134</sup>.

Em "Pulsões e seus Destinos", o par sadismo e masoquismo corresponde, em suas relações mútuas, a duas vicissitudes da pulsão, a transformação de ativo em passivo, e o retorno contra o próprio sujeito, em um circuito que se dá em três tempos:.

1. O sadismo constitui um primeiro momento, consistindo no exercício da violência ou poder contra outra pessoa. É importante observar que o objetivo desse momento do circuito pulsional não é causar dor, mas apenas o domínio.
2. Desiste-se desse objeto, e o próprio sujeito fica em seu lugar; isso significa tanto o retorno contra o próprio sujeito quanto a modificação do alvo de ativo para passivo.
3. Uma pessoa estranha é buscada como objeto, e tomará o lugar do sujeito, como agente.

Esse é o caso do masoquismo, e só nesse momento ocorre a erotização da dor, que "retrogressivamente" pode vir a erotizar também o alvo sádico de causar a dor. Temos então a erotização do alvo advindo apenas no terceiro momento do

---

134 Vidal, E. "Masoquismo originário: ser de objeto e semblante", em "Letra Freudiana", nº 10/11/12, p. 119

circuito, quando a "voz ativa transformou-se não na passiva, mas na reflexiva"<sup>135</sup>.

Esse circuito remete ao papel do Outro na constituição do alvo pulsional. E apenas quando o alvo passivo é erotizado, a partir do desejo do Outro, que podemos falar de uma pulsão sexual. Entre o primeiro e o terceiro momentos do circuito, o objeto da experiência de satisfação é perdido, e o objeto a partir daí, uma pessoa estranha, é o objeto pulsional propriamente dito, com a contingência que o caracteriza. Qualquer um desde que apropriado a que, através dele a satisfação no corpo possa ser alcançada.

O sadismo nesse circuito fica referido à atividade inerente à pulsão. É importante frisar que falamos de atividade e passividade como alvos pulsionais, mas que a pulsão é, em si mesma, atividade: "*pois um gasto de energia é necessário para conseguir chegar também a um alvo passivo*"<sup>136</sup>.

Se no texto de 1915 Freud defende que o masoquismo é sempre derivado do sadismo, adverte em pé de página de 1924 que em "O Problema Econômico do Masoquismo" expressou a idéia oposta. Entretanto essa oposição não é tão marcada, já que de qualquer forma a erotização entra em jogo sempre quando o alvo passivo é constituído. Talvez só se possa falar de pulsão propriamente no terceiro momento, quando o objeto se perdeu, e o circuito se completa envolvendo o objeto estranho e chegando à satisfação no próprio corpo.

Em 1924, Freud recapitula sua posição inicial de que o masoquismo erotogênico resultava da possibilidade de

135 Freud, S. "*Instincts and their vicissitudes*" (1915), S.E. vol. XIV, p. 128

136 Freud, S., "*Lecture XXXII*", S.S. vol. XXII, p. 96

erotização da dor ou do desprazer, já que tudo o que ocorresse no organismo poderia contribuir para a excitação sexual, e propõe uma nova derivação do masoquismo, que "entretanto não está em contradição com a anterior"<sup>137</sup>, a partir da pulsão de morte. O masoquismo corresponderia a um resto de pulsão de morte que não foi desviada para fora pela libido, através do aparelho muscular, como pulsão de destruição, domínio ou poder.

Nesta condição masoquista originária, que tem o próprio ser por objeto, pode ser encontrada a ação do significante<sup>138</sup> sobre o corpo, o papel do Outro da linguagem na erotização. Essa perspectiva é compatível com o masoquismo com que lidamos na clínica: o sentimento de culpa inconsciente e a reação terapêutica negativa, os maiores obstáculos ao tratamento. Entretanto, nesses casos o masoquismo é intermediado e ligado pela faceta do super-eu que mergulha no isso. O super-eu como introjeção de coisas ouvidas é o resquício de um Outro primordial.

Essas manifestações, entretanto, não abarcam a pulsão em sua dimensão essencial de atividade (que fica evidenciada na voz reflexiva), que envolve o objeto contingente, a pessoa estranha. A busca do objeto estranho não se dá, mas o sujeito fica no lugar de objeto, como no segundo momento referido acima, e predomina a passividade. É assim que podemos entender as inibições da atividade nas melancolias e em todos os quadros de auto-punição.

---

137 Freud, S., "The economic problem of masochism"(1924), S.E. vol. XIX, p. 163

138 cf. Vidal, E. "Masoquismo originário: ser de objeto e semblante", em "Letra freudiana, nº 10/11/12, p.139.

Há ainda um outro registro que podemos aproximar das três formas de masoquismo, erotogênico, feminino e moral, e ao qual não se tem dado muita importância, o da compulsão de destino. A compulsão de destino sugere uma questão, em relação à afirmativa de que só através da atuação do supereu se pode reconhecer a manifestação da pulsão de morte. Em certas observações referentes à compulsão de destino, não parece haver a internalização de qualquer instância punitiva; quem promove o sofrimento parece ser o destino inesperado como uma instância do real.

#### 4.8 - A Compulsão de Destino e a Pulsão no Registro da Passividade.

Freud poucas vezes referiu-se à compulsão de destino, e nelas sempre especificou que observara essa compulsão em pessoas que não estavam em análise. O que é suficiente para justificar que não tivesse dedicado muito espaço a essa questão; não poderia aprofundar-se muito em sua dinâmica, já que não se tratava de uma investigação analítica, sob transferência, desses fenômenos. Parece entretanto, pela impressão profunda que suas observações a respeito lhe causavam, que a compulsão de destino foi escolhida como um caso limite, um paradigma da compulsão à repetição. Justifica-se portanto um exame da compulsão de destino no texto freudiano, com o objetivo de extrair disso o que se pode depreender do funcionamento da pulsão.

O termo usado por Freud é "*Schicksalzwang*", que como indica Laplanche, em sua sempre proveitosa preocupação com a

correta tradução dos termos freudianos, significa "compulsão de destino", embora posteriormente a expressão "neurose de destino" tenha prevalecido<sup>139</sup>.

Embora divertida em seu cunho paradoxal, a expressão "neurose de destino" não poderia advir do rigor freudiano. Com efeito, Freud adverte que essas pessoas que parecem perseguidas por um destino maligno, não são neuróticas. São pessoas "normais", "que parecem possuidoras de um poder demoníaco"<sup>140</sup>. Em suma, são pessoas que não lidam com conflitos pela produção de sintomas neuróticos.

Não há, portanto, sintomas como formações de compromisso que permitem uma satisfação substitutiva da pulsão sob recalque, ou como metáfora do recalcado, numa "linguagem" lacaniana. Isso, a par com a indicação de que se trata de uma expressão da compulsão à repetição em sua face mais demoníaca, nos leva a concluir que estamos lidando com a satisfação pulsional em seu aspecto mais brutal e direto, assim como menos temperado pelo amor de transferência.

A oposição entre uma repetição do destino que parece ativamente procurada, e outra que parece ser vivida de uma forma completamente passiva é acentuada nas duas ocasiões em que o tema da compulsão de destino é elaborado mais longamente; Freud divide os "repetidores" em duas categorias diferentes.

Em 1920, por exemplo, cita inicialmente os que obtêm o mesmo resultado em todas as suas diferentes relações, mas em

139 Laplanche, J. e Pontalis, J.-B., "Vocabulário da Psicanálise" S.P., Martins Fontes, p. 390

140 Freud, S. "Beyond the pleasure principle" (1920), S.E. vol. XVIII, p. 21 e "Lecture XXXII" (19 ), S.E. vol. XXII, p.106

que essa "*recorrência perpétua do mesmo*" é passível de ser relacionada a algum comportamento ativo, ou a algum traço de caráter que encontra expressão nessas experiências. Dá como exemplos o benfeitor que sempre encontra raiva e ingratidão por parte dos seus mais diferentes protegidos, aquele que é sempre traído por seus amigos, etc. No outro caso, mais surpreendente, é repetida uma experiência que parece ser *passiva*; o sujeito não tem qualquer influência nessa repetição, que só pode ser atribuída ao destino. Aqui, o exemplo apresentado por Freud é o de uma mulher que por três vezes se casou e, nas três, o marido caiu doente logo após o casamento tendo que ser cuidado por ela no leito de morte.

Novamente, em 1932, na conferência sobre "Angústia e Vida Pulsional", estabelece essa distinção:

*"Há pessoas em cujas vidas as mesmas reações estão sendo perpetuamente repetidas sem correção, em seu detrimento, e outras que parecem perseguidas por um destino implacável"*<sup>141</sup>.

Na verdade essa distinção entre uma aparente atividade e uma aparente passividade frente ao destino é relativa, mesmo as grandes vítimas da recorrência perpétua do mesmo estão inadvertidamente trazendo esse destino para si mesmos. A psicanálise demonstra que "*esse destino é na maior parte arranjado por eles mesmos e determinado por influências infantis precoces*"<sup>142</sup>.

Como expressão da pulsão, que é atividade em si mesma mesmo tendo um alvo passivo, em ambos os casos o destino resulta de uma atividade do sujeito.

Entretanto a ênfase na distinção dos dois casos limite não é gratuita, temos que interpretar seu motivo. No

141 Freud, S., "Lecture XXXII", (1933) S.E. vol. XXII p. 106

142 Freud, S., "Beyond the pleasure principle" (1920), p. 21

primeiro deles, em que é mais fácil reconhecer que o destino é consequência e expressão dessa atividade, o que está em jogo é a possibilidade de subjetivação, de que o próprio sujeito possa eventualmente reconhecer-se nessa atividade. No caso que merece mais plenamente o adjetivo de "demoníaco", essa possibilidade é muito mais remota. A pulsão empreende por conta própria, é puro Isso agindo em completo silêncio, e as consequências dessa atividade, séries repetidas, são recebidas pelo sujeito como acontecimentos vindos do real abater-se sobre ele. Destino repetido e malvindo, que contraria todas as expectativas e desejos, pura maldição.

Se o destino repetido é inteiramente desligado de tudo o que o sujeito pensa e pode esperar, assim como de todas as maneiras pelas quais pode ver a si mesmo, ainda assim é um destino arquitetado por seus atos, e trata-se de atos que não podem ser vistos como sem implicar uma certa sabedoria e habilidade, já que conseguem consequências e efeitos tão semelhantes, que são identificados pelos envolvidos, assim como o foram por Freud, a uma sina. Nesses atos, entretanto, o sujeito não se reconhece, seu malfadado destino é vivido em uma pura passividade.

Não se poderia pensar atos tão exatos em conseguir as mesmas consequências, que implicam em toda uma destreza no manejo de um ambiente social, sem que a linguagem estivesse envolvida nisso. Não existe, apesar disso, representações que guiem esta atividade para o fim que ela atinge, assim como não existe qualquer representação do sujeito que, a posteriori, o articule, como desejante, ao alvo atingido.



Um ponto que merece atenção ao abordarmos a compulsão de destino, é a possibilidade de que se interprete essa dinâmica de uma forma excessivamente global, como se Freud quisesse propor a idéia de que todo o destino é articulado pelo sujeito e de que o acaso não intervém no destino, recaindo-se em um super-determinismo.

Não se trata disso. Freud aborda o destino quando trata do super-eu, de forma inteiramente diversa. A constituição do super-eu é apresentada como uma linha evolutiva que tem sua origem na introjeção das figuras parentais, e que cada vez mais se distanciará tanto dos pais quanto das outras pessoas que foram importantes na veiculação de valores. Nessa série, a última figura é o destino, que pode preservar traços que o liguem às pessoas importantes do passado, ou, o que é apresentado como um ideal, atingir a impessoalidade. Assim, Freud se refere ao *"escura poder do destino, que apenas uns poucos entre nós podem olhar como impessoal"*<sup>143</sup>. O correlato desta posição em que o destino é visto como impessoal, é a aceitação de uma limitação no poder do simbólico de esgotar o real, de dar sentido. A desistência da onipotência do pensamento, um dos aspectos da castração, permite olhar o destino como impessoal, admitindo uma esfera do fora de sentido, do puro acaso, como o que não pode ser controlado por nossos desejos e por nossas armas.

Retornando às indicações freudianas de que a compulsão de destino pode ser encontrada nos que não estão em análise e de que é uma forma limite de manifestação da compulsão à repetição, concluímos que a experiência analítica de alguma

---

143 Freud, S., *"The Economic Problem of Masochism"* (1924), S.E. vol. XIX, p. 68

forma interfere nesse destino compulsivo. Podemos, então, investigar como intervém a experiência analítica na compulsão à repetição.

Como vimos, a repetição é a própria manifestação do retorno do recalcado. Em 1914, por exemplo, o que o paciente repete ou atua é

*"tudo o que já emanou das fontes do recalcado para sua personalidade manifesta, as inibições, as atitudes inadequadas, os traços de caráter patológicos. Também repete seus sintomas no curso do tratamento"*<sup>144</sup>.

A atuação (*agieren*), como repetição do recalcado, vem, como é bem sabido, em lugar da recordação. O paciente não lembra o que recalçou, mas atua, reproduz não como memória, mas como ação. A compulsão à repetição, expressão que surge pela primeira vez em "Lembrar, Repetir e Elaborar" é apresentada, nessa época, como estreitamente ligada à transferência, de forma a que quase se confunde com ela, *"...a repetição é uma transferência do passado esquecido não apenas para o médico mas também para todos os outros aspectos da situação atual"*<sup>145</sup>. E a própria regra fundamental, na medida em que é uma demanda ao paciente que se lembre, que o induz à transferência como resistência, ou seja, a atuar sem saber que repete em vez de recordar.

Se atuar e lembrar são duas maneiras alternativas de manifestação do recalcado, não são de forma alguma consideradas formas equivalentes. E o que não pode ser lembrado e falado que é atuado. A atuação dramatiza algo que não é dito, mas que tem para o analista um valor de informação.

---

144 Freud, S., "Remembering, repeating and working-through" (1914), S.E. vol. XII, p. 151

145 idem p. 151

Por outro lado, a atuação deve se manter dentro de certos níveis. Não deve, por exemplo, transbordar para fora da análise. O que a torna útil na análise é sua função de tornar presente uma versão "visível" dos conflitos do analisando, permitindo uma elaboração que passa sempre pela palavra. Verbalizar é o destino a que o que é presentificado na atuação é levado pela análise. (Verbalizar corresponde nessa época a lembrar, mas a construção é outro modo pelo qual a verbalização pode dar um novo destino à atuação, que Freud introduzirá a partir de seu desencanto com a possibilidade de rememoração).

Portanto, o limite a que a atuação deve estar restrita é o próprio limite a que a função analítica deve destiná-la, à elaboração psíquica. Por este motivo Lacan dá ao *acting out* o estatuto de transferência selvagem. A atuação que se repete sempre da mesma forma, ou que assume dimensões que põem em risco a continuidade da análise, indica uma insuficiência da função analítica.

Introduzindo a compulsão à repetição e seus efeitos no tratamento analítico, Freud observa que afinal não está trazendo algo de tão novo com essa expressão, mas apenas chamando a atenção para que não se lida com os sintomas (que são na verdade metáforas do recalcado) como algo do passado, mas sim como forças do presente, atuantes na relação transferencial.

A transferência é como um palco onde pode ser encenada a repetição, assim como é o instrumento para lidar com a compulsão à repetição e mantê-la no plano psíquico. Freud chega a falar da transferência como o que põe "os freios"<sup>146</sup>

nas pulsões não domadas, que de outra forma se manifestariam em ações repetitivas.

Existe portanto uma certa antinomia entre repetição e transferência. A neurose transferencial é que cria as condições para que a repetição possa ser transportada para um novo espaço onde seu destino de compulsão se modifica. A nova significação transferencial (*übertragungsbedeutung*) que ganham os sintomas na constituição da neurose transferencial que substitui a neurose comum, possibilita transformar a compulsão a repetir, através da elaboração, em motivo para recordar. Vale notar que o manejo da transferência já se vê promovido a um fator fundamental intervindo na repetição. Apenas dentro de um campo transferencial pode ser significado o que se repete, constituindo história. O campo de interlocução suposto pela neurose transferencial circunscreverá a repetição, permitindo a elaboração.

A principal consequência da introdução da questão da repetição para a clínica é imprimir uma direção ao tratamento analítico: dentro de uma ligação transferencial que se tornou operativa, lidar com os impulsos que levam às ações repetitivas como material para o trabalho analítico, mantendo-os, através da elaboração, no plano psíquico. Quando fracassamos nesse empreendimento, resta o recurso à regra da abstinência: exigir do paciente que prometa adiar decisões importantes para depois do tratamento.

Podemos encontrar um antecedente desse papel concedido à elaboração já nos primeiros trabalhos de Freud, em que se mantinha a teoria do trauma como afeto estrangulado e da cura pela abreação.

O trauma estava ligado a um acontecimento que provocou um aumento na soma de excitação. Se uma reação motora ou verbal foi impossível, esse acontecimento poderia dar origem ao sintoma, sintoma considerado como um representante de um incidente traumático esquecido. Entretanto, trabalhando associativamente a memória do ocorrido, eventualmente a memória "...perde intensidade e finalmente a rememoração, tendo perdido seu afeto, cai vítima do esquecimento e do processo de desgaste"<sup>147</sup>.

Já nos momentos de surgimento da psicanálise, podemos encontrar a linguagem valorizada como o que pode intervir na repetição envolvida no sintoma, e exatamente em sua dimensão de ato. Recusando a hipótese de que o que interviria no sintoma fosse a sugestão inconsciente, Freud enfatiza que é a enunciação verbal, a descrição tão rica de detalhes quanto possível do incidente traumático, que elimina o sintoma, concedendo a essa descoberta um grande interesse "prático". Se a memória do trauma, como um verdadeiro corpo estranho, continua a agir como o próprio acontecimento quando ocorreu, pela fala o sujeito é extraído de sua posição de vítima desse acontecimento, e o que era destino pode transformar-se em ato.

Tomando o arco reflexo como um modelo, excessivamente simplificado, de uma topografia dotada de um polo sensorial e um polo motor, e superpondo a ela o princípio econômico de constância, Freud chega a um uso paradoxal do termo "reflexo adequado", para se referir a algo tão complexo e significativo quanto a revelação de um segredo:

---

147 Freud, S., "The Mechanism of hysterical phenomena" (1893), S.E. vol. III, p. 37

*"em outros casos são as próprias palavras que constituem o reflexo adequado, por exemplo as lamúrias, a revelação de um segredo"<sup>148</sup>.*

Algo que pode almejar a toda a dignidade de um ato.

O trauma psíquico e sua memória agem como um corpo externo encrustado no psiquismo e, nessa economia rudimentar, o princípio de constância exige uma descarga para liquidar o nível de tensão elevado correspondente ao afeto estrangulado. Apesar do uso do modelo do arco reflexo, indicando que uma reação deve se seguir à excitação, nada do automatismo que caracteriza o reflexo está presente no tipo de reação abordada por Freud. A reação "reflexa" em questão é, na verdade, a possibilidade de uma resposta que envolve dar uma significação ao acidente traumático, e que constitui uma abertura para o ato:

*"O apagamento de uma lembrança ou a perda de seu afeto depende de vários fatores. Em primeiro lugar é preciso saber se o acontecimento desencadeante provocou ou não uma reação enérgica. Falando de reação pensamos em toda uma série de reflexos voluntários e involuntários graças aos quais, como demonstra a experiência, há descarga de afetos, desde as lágrimas até o ato de vingança"<sup>149</sup>*

Voltando à compulsão de destino, admitimos que nela pulsão atua em um campo significante, sem que o sujeito possa se sentir de alguma forma representado por sua atividade. A ilustração de várias formas de articulação entre a atividade pulsional e a subjetividade pode ser encontrada no texto "Dostoievski e o Parricida"<sup>150</sup>.

Edipo, Hamlet e os irmãos Karamazov são aproximados quanto ao desejo parricida de que são joguetes. Entretanto,

---

148 Freud, S., "On the psychical mechanism of hysterical phenomena: Preliminary communication"(1893), S.E. vol. II, p. 8

149 idem

150 Freud, S. "Dostoievsky and parricide"(1928(1927)), S.E. vol. XXI

a relação de cada um deles com esse desejo é diferente. Edipo efetivamente assassina seu pai, mas sem qualquer intenção ou conhecimento, na forma de uma compulsão de destino, em que seu desejo inconsciente está "projetado" na realidade. Hamlet vê seu voto realizado por seu tio. Dmitri leva um outro a levar a cabo o que deseja, o assassinato do pai. O próprio Dostoevsky, em suas crises de letargia e sonolência estaria, segundo Freud, identificado com o pai encenando sua morte.

Essas são formas de gozo pulsional obtido em seu alvo passivo, masoquista. Entretanto, embora o sujeito não se reconheça na atividade, na mão que se armou para o assassinato, esta atividade é suposta pelo psicanalista, que implica nela o sujeito<sup>151</sup>. Na verdade,

*"pouco importa quem efetivamente realizou o ato. A psicanálise preocupa-se somente em saber quem o quis em seu coração e quem o acolheu, uma vez realizado"*<sup>152</sup>.

Mas há um abismo entre assumir o ato, como Edipo, implicando-se nele, e não assumi-lo. Se o ato é assumido, cria-se uma dívida para com a elaboração, a produção simbólica. Caso contrário, o acontecimento em que se satisfaz a pulsão é vivido apenas como trauma. Os significantes que testemunham sobre um elo possível entre o sujeito e o real são os que possibilitam o advento do sujeito onde o isso trabalhava sozinho.

A possibilidade de produção desses elos que dizem da implicação do sujeito com algum destino repetido é função analítica fundamental, e que dá todo o valor à indicação

---

151 Nasio, J.D., *"Os olhos de Laura"*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1991, p. 70

152 Freud, S. *"Dostoevsky and parricide"*(1928(1927)), S.E. vol. XXI, p. 189

freudiana de que a compulsão de destino é algo que se observa nos que não estão em tratamento psicanalítico. E a partir da repetição que pode advir o sujeito. Essa é uma referência fundamental para o tratamento psicanalítico.

Pensar a pulsão apenas enquanto referida a um momento originário de constituição da subjetividade, ou como alheia ao significante, significa empobrecer o alcance do conceito de pulsão em sua referência à clínica. A pulsão trabalha sem que o sujeito se represente. A preferência por pensar as manifestações da pulsão como acontecimentos que se produzem no limite da subjetividade, mais do que como um momento originário, tem a vantagem de nos evitar raciocínios em bloco, em que esses acontecimentos não sejam abordados dentro do campo transferencial, como envolvendo o analista em sua produção, e sim como falhas localizáveis na história do sujeito em análise.

Por outro lado, também nos evita uma confortável mas empobrecedora volta à delimitação de estruturas clínicas de uma forma excessivamente rígida e tipificada, influência das categorias diagnósticas da psiquiatria. Afinal neuróticos podem alucinar, como nos recordam as histéricas de Freud, assim como passar ao ato (e há ainda os "normais" que se tornam vítimas de um destino recorrente).

Em um de seus últimos trabalhos, Freud traz observações que não apoiam uma delimitação muito precisa entre psicose, perversão e neurose. O afastamento da realidade (e que poderíamos melhor traduzir, conforme justificamos, por uma falha no juízo de existência) no psicótico sempre deixa preservada uma parte do eu. Em um caso de paranóia, após cada ataque de ciúmes, um sonho transmitia ao analista as



razões da causa precipitadora, e sem sinal de delírio. O sonho corrigia o delírio, o que indicava a presença de uma cisão do eu. Freud termina por reconhecer que uma cisão do eu também está presente na perversão e na neurose, atenuando a distinção entre os vários quadros<sup>153</sup>

A própria idéia de cisão do eu, presente nos trabalhos dos anos 30, reforça essa perspectiva. O eu se toma como objeto, se trata como trata aos outros objetos, se cliva em várias de suas funções, representa-se no sonho em vários personagens, sujeitos ou objetos, e na psicose se quebra, como um cristal, em fragmentos cujas divisões "*embora invisíveis, estavam determinadas pela estrutura do cristal*"<sup>154</sup>. Dentro desse mosaico, só na referência da pulsão, trazendo à baila o sujeito de um ato que sua vontade consciente não pode abarcar, podemos localizar o sujeito.

---

153 cf. Freud, S. "An Outline of psycho-analysis" (1938), S.E. vol XXII, ps. 201 a 204

154 Freud, S., "Lecture XXXI" em "New introductory lectures on psycho-analysis"(1933(1932)), S.E. vol. XXII, p. 59

## 5 - A LINGUAGEM NA PSICANÁLISE

### 5.1 - A Linguagem na Teoria Freudiana

Apenas em 1915, no artigo "O Inconsciente", Freud dedica-se a explicitar de forma mais detida o papel da linguagem na metapsicologia. Em conhecida passagem, a delimitação entre os processos inconscientes e pré-conscientes é operada tomando como critério a linguagem. A ligação com representações verbais é o que caracteriza o pré-consciente, e o recalque é o desligamento entre as representações de palavra e as representações de coisa correspondentes. Esta perspectiva havia já sido mencionada brevemente em 1900 e 1911<sup>155</sup>. Entretanto, embora a centralidade da linguagem na concepção do aparelho psíquico já estivesse implicada em todos os principais trabalhos freudianos, a tardia integração na metapsicologia do que Felsser chega a chamar do "ponto de vista linguístico-semiótico"<sup>156</sup>, permitiu, a uma leitura mais superficial, ignorar que o modelo linguístico acompanhou todas as etapas do pensamento de Freud.

Para Birman, a leitura de Lacan foi "uma retomada no fundamental da lógica da metapsicologia freudiana"<sup>157</sup>. A

---

155 "Interpretação dos sonhos" e "Formulações sobre os dois princípios do suceder psíquico"

156 Felsser, R. "Le point de vue linguistique-sémiotique", em "Psychanalyse à l'université", no 26, 1982

157 Birman, J. "A Prosa da psicanálise", em "Tempo Psicanalítico", no 25, 1990

linguagem, no discurso freudiano, não tem seu papel reduzido à função da palavra na experiência psicanalítica. Freud inaugurou uma concepção do psiquismo fundada na linguagem. O estudo sobre as afasias é considerado como "*texto inaugural do saber psicanalítico*", por apresentar o psiquismo como um aparelho de linguagem.

Também Forrester<sup>158</sup>, em seu cuidadoso estudo do papel da linguagem no discurso freudiano a partir de uma abordagem histórica, afirma a importância do trabalho sobre as afasias para a posterior constituição da teoria e experiência psicanalíticas. Desde a influência de Jackson no trabalho de Freud sobre a afasia, com uma concepção de linguagem contrastante com a visão atomista e nominalista dos localizacionistas, até a filologia do século XIX, Forrester percorre a relação entre a teoria freudiana e os modelos linguísticos da época.

O texto "Sobre a Afasia", de 1891, que lastimavelmente não figura nas obras completas de Freud, tem entretanto o inestimável valor, além de nos introduzir à concepção de um "aparelho da fala" cuja arquitetura esclarece a construção do aparelho psíquico que Freud começará a desenvolver a partir do "Projeto de uma Psicologia para Neurólogos", de fornecer um acesso para o estudo da concepção da linguagem com que Freud trabalhava nesta época.

Só recentemente o texto sobre a Afasia passou a ser mais conhecido, a partir do alentado trabalho de Nassif e, no Brasil, do recente estudo apresentado por Garcia-Roza em seu livro "Introdução à Metapsicologia Freudiana 1".

---

158 Forrester, J. "*A linguagem e as origens da psicanálise*", R.J., Imago, 1983

A tradução proposta por Nassif para "*Spracheapparat*" é "*appareil à langage*", e os autores brasileiros geralmente utilizam "aparelho de linguagem". Escolhemos a tradução "aparelho da fala". O termo "fala", por referir-se à dimensão da linguagem enquanto ato, envolve a questão do sujeito, o sujeito do ato, definido apenas como quem fala. Este sujeito assumirá, na psicanálise, uma centralidade que não está presente nas abordagens da linguagem próprias ao campo da linguística. A fala é a mensagem contextualizada, uma utilização singular de um sistema pertencente a uma comunidade linguística, onde Saussure localiza o aspecto criador da linguagem.

"*Sprache*" tem um sentido bastante amplo, significa tanto língua, idioma, linguagem, quanto fala ou voz. A tradução por "*speech apparatus*" já foi utilizada por Strachey no apêndice ao trabalho "O Inconsciente", chamado "Palavras e Coisas", em que uma passagem de "Sobre a Afasia" é apresentada em razão das raízes que a distinção entre as representações de coisa e de palavra, presente no texto de 1915, parece ter na monografia de 1891. Também E. Stengel, numa tradução de uma parte do texto publicada em uma coletânea de artigos na área de neuropsicologia, editada por K.H.Pribram, adota a tradução "*speech apparatus*". O inglês admite a diferenciação entre "*speech*", fala, e "*language*", linguagem, portanto essa tradução indica uma determinada escolha, uma interpretação do texto.

Na verdade, os distúrbios afásicos aos quais Freud busca dar uma inteligibilidade, através da construção teórica que é esse aparelho, são distúrbios da comunicação verbal que podem incidir não apenas na emissão dos signos

verbais, mas também na recepção, na compreensão destes, e envolver tanto signos falados quanto escritos. Aspectos que parecem ultrapassar os que habitualmente são adscritos à fala. Entretanto a dimensão da atividade do sujeito, mesmo na compreensão do que é ouvido ou lido, é absolutamente predominante na concepção apresentada neste trabalho, como veremos a seguir. A palavra "fala", como substantivação de um verbo, evoca essa dimensão da atividade, fundamental na perspectiva sustentada por Freud em "Sobre a afasia".

A dimensão da atividade é indispensável para a compreensão da teoria da linguagem que podemos depreender do ensaio. Freud aborda as representações como fatos emergentes em processos que ocorrem nas situações concretas de fala. A representação verbal intervém como um elemento envolvido no processo de falar ou de compreender, sendo que a compreensão também é considerada como um processo ativo. Seu interesse não é na linguagem enquanto sistema, mas nos processos envolvidos nas atividades de falar e compreender e, como consequência, só levando essa perspectiva em conta poderemos localizar adequadamente suas definições com relação ao que são as representações de objeto e de palavra.

Outro aspecto importante a ser levado em conta para uma leitura que se pretenda rigorosa do ensaio, é o objetivo deste escrito. Se podemos utilizar suas contribuições com um olhar que parte das descobertas da psicanálise, identificando certas configurações teóricas que foram aproveitadas posteriormente para dar conta de um campo de experiência distinto, a leitura só poderá se mostrar infrutífera se buscarmos referências à pulsão, quando Freud visava dar uma inteligibilidade nova ao campo das afasias.

Nosso objetivo, portanto, é apenas depreender de "Sobre a afasia", a concepção de linguagem em questão.

O principal interlocutor de Freud na elaboração deste trabalho é Wernick. Discutindo a teoria localizacionista empregada por ele na abordagem dos distúrbios afásicos, Freud contrapõe-se à perspectiva de que se poderia articular os vários distúrbios de linguagem a lesões cerebrais localizadas. Assim, recusa a distinção de Wernick entre centros que guardariam as impressões e tratos encarregados da associação, com o argumento de que percepção e associação são partes de um único processo indivisível. Nessa posição contra o localizacionismo, está implicada uma recusa a uma perspectiva elementarista da linguagem. A ela, Freud contrapõe uma perspectiva holista, com sua concepção de aparelho da fala<sup>159</sup>.

Freud adota a hipótese funcional das perturbações da linguagem, apoiando-se no modelo Jacksoniano, adotado como "princípio-guia", para questionar a tradição localizacionista da neuropatologia, e com isso seu estudo das afasias envolve uma teoria da linguagem, assim como adianta algo sobre a relação entre representações de palavras e de objetos, e sobre o papel do referente extralinguístico, que permite o esclarecimento, em alguns aspectos, do lugar que assumirá a linguagem no aparelho psíquico que construirá posteriormente.

Não abordaremos em detalhes o conteúdo da monografia, especialmente seu alcance no campo da neuropatologia, até mesmo porque o texto já foi bem explorado nos trabalhos dos

---

159 cf. Birman, "Ensaio de teoria psicanalítica", R.J., Zahar, 1993, ps. 55 a 58

comentadores acima citados e outros. Vamos nos limitar a sublinhar alguns aspectos importantes relativos à concepção de linguagem presente no texto e que têm consequências para o esclarecimento do modo como os trabalhos psicanalíticos de Freud podem ser interpretados no tocante ao papel da linguagem.

Freud se apoia nas noções de representação de palavra e representação de objeto para propor uma classificação das afasias em três tipos, verbais, agnósicas e asimbólicas, segundo as perturbações do aparelho da fala incidam, respectivamente, sobre as representações de palavra, as de objeto, ou sobre as relações entre ambas.

A representação de objeto é um complexo aberto de associações composto de impressões as mais variadas, visuais, auditivas, táteis, cinestésicas. A imagem visual é prevalente na representação de objeto. Esse complexo é aberto porque é composto tanto de imagens passadas e presentes do objeto, quanto de imagens futuras possíveis. O afluxo das impressões novas é permanente. Esse conjunto de associações provém das impressões sensoriais fornecidas pela coisa. Entretanto, como observa Nassif<sup>160</sup>,

*"como o visual, o tátil, o cinésteico, etc., são registros de representância e não elementos do representado, e desde que o objeto é um complexo dessas associações que permitem especificar tal ou tal representação em função de tal ou tal registro de representância, não há mais lugar para considerar que a coisa é dada em "carne e osso", mas sim que ela só pode inserir-se, como objeto, na cadeia das associações de objeto".*

Essas associações, para se agruparem formando a representação de objeto, dependem de uma articulação com uma

---

160 Nassif, J., "Freud - l'inconscient", Paris, Galilée, 1977, p. 375

representação de palavra<sup>161</sup>. Portanto, o objeto surge nas redes da significação, pela ligação das associações de objeto com a representação de palavra, e isso no próprio processo da fala ou do pensamento, considerado como fala mitigada.

A representação de palavra é também um complexo de associações em que entram predominantemente os elementos acústicos, mas também os visuais e cinestésicos. Freud distingue quatro elementos na composição da palavra: a imagem sonora, a imagem visual da letra, a imagem motora da fala e a imagem motora da escrita. Diferentemente da representação de objeto, trata-se de um complexo fechado, limitado.

Se apenas a ligação com a palavra permite que as associações vindas das impressões sensoriais se organizem em uma representação de objeto, como vimos, a palavra só adquire sentido por sua ligação com a representação de objeto<sup>162</sup>. Isso significa, portanto, que a articulação entre os dois tipos de representação é necessária à constituição da significação. Mas não se trata de uma articulação estabelecida de uma vez por todas. Freud se refere a processos. Essa articulação se forja dentro do próprio processo de falar e compreender.

Para Assoun, a união da palavra com o objeto aponta para o *"encontro de duas nebulosas complexuais - donde uma notável consonância com a concepção exposta por Saussure, pela mesma época, no seu Curso de Linguística Geral"*<sup>163</sup>. O

161 cf. Garcia-Roza, L.A., "Introdução à metapsicologia freudiana I", R.J., Zahar, 1991, p. 48

162 idem, p. 49

163 "Introduction à la metapsychologie freudienne", Paris, PUF, 1993, p. 69.



paradigma da metáfora seria comum a Freud e a Saussure. Entretanto o problema da significação não deixa de incluir para Freud o referente, como o que deslança o processo associativo, não é função apenas dos signos verbais e do sistema da língua.

A articulação entre os dois complexos associativos, seu ponto de interseção é a imagem sonora da palavra, não como um componente da representação, mas como polarizador do processo associativo.

Essa articulação, como vimos, é essencial para a organização das associações em uma representação de objeto e para que a representação de palavra adquira sua significação. Entretanto, não se trata de uma relação estabelecida em algum momento, e que se preserve da mesma maneira para todo o sempre. Trata-se de processos de articulação entre as diversas associações, que ocorrem na situação específica de fala ou de compreensão do que é ouvido, compreensão concebida como um processo ativo como a fala.

A relação entre representações de palavra e de objeto é qualificada por Freud de simbólica. E sobre essa relação, considerada como o ponto mais frágil da operação da linguagem, que atuam os distúrbios característicos da afasia asimbólica.

Na afasia verbal, o que se acha perturbado são as associações constituintes das representações de palavra e, na afasia agnósica, o distúrbio é nas associações que compõem as representações de objeto.

A concepção da constituição simultânea e articulada de representações de palavras e objetos no processo da fala,

tendo como operador a imagem sonora da palavra, aponta para a importância da linguagem no pensamento. O pensamento depende da linguagem. Essa perspectiva, já presente na monografia sobre a afasia, permeia toda a teoria dos sonhos elaborada posteriormente. Se a predominância visual do sonho encontra uma analogia nas representações de objeto, que têm no elemento visual seu aspecto primordial, todas as relações existentes em nosso pensamento verbal ou na fala já estão implicadas em sua constituição, no que Freud isola como o pensamento do sonho. No que chama de "considerações sobre a representabilidade" do sonho, as relações lógicas são expressas por meios visuais. Uma contradição entre dois pensamentos pode ser expressa por algo que se transforma em seu oposto, uma conexão lógica pela aproximação no tempo ou no espaço, uma relação causal por uma sequência de imagens, etc.

Outra consequência dessa concepção da linguagem para o esclarecimento da metapsicologia freudiana, é que o princípio do prazer, tendo como seu território privilegiado a fantasia e o devaneio, com a predominância do cunho visual que caracteriza a esfera das representações de objeto, não poderia operar com independência da linguagem. Nem mesmo a constituição de um eu como imagem corporal unificada, uma representação de objeto de excepcional importância, poderia prescindir dela. Portanto a linguagem está já implicada em toda a regulação pelo par princípio do prazer/princípio da realidade, por ser essencial para qualquer estruturação de um universo de representações.

Outro aspecto a ressaltar no texto sobre a afasia, é a extensão e a importância concedida por Freud à discussão da

aprendizagem da linguagem, discussão em que a centralidade do social, da relação com as outras pessoas na aquisição da linguagem, é enfatizada. O aparelho da fala não existe ao nascer; será constituído através da relação com o adulto, com sua mediação. Como observa Nassif,

*"longe de exprimir em palavras algum saber sobre as coisas do mundo, a linguagem é feita para permitir ao sujeito situar o saber de que dispõe em sua relação com esse outro do qual lhe vem a linguagem"*<sup>164</sup>.

Essa idéia é ratificada pela exposição do "Projeto"<sup>165</sup>, em que Freud afirma que a aquisição da fala baseia-se na identificação com o adulto que captou o interesse da criança por ser seu primeiro objeto de satisfação, e que é na relação com o semelhante que o ser humano aprende a conhecer.

Nessa prioridade dada à relação social na própria constituição do aparelho, a atividade é colocada em absoluto relevo. Não se trata de uma aprendizagem passiva, a partir de impressões que se inscrevem.

A compreensão das palavras faladas, por exemplo, não é simples transmissão dos elementos acústicos às associações de objeto, mas transmissão da fala ouvida para os tratos que servem à execução motora da língua. A estimulação das associações verbais a partir do elemento acústico, implica uma espécie de repetição do que é ouvido. A compreensão do que é lido depende também da fala, das imagens sonoras e das impressões cinestésicas produzidas ao falar.

Na valorização do elemento cinestésico, da imagem motora da fala, podemos reconhecer a importância que é

164 Nassif, J., "Freud - l'inconscient", Paris, Galilée, 1977, p. 339

165 cf. "Project for a scientific psychology" (1950(1887-1902)), S.E. vol.I, p. 331

concedida à relação com o outro na constituição do aparelho da fala, destacando a fala como endereçada a alguém. Essa importância será elaborada em mais detalhes no "Projeto", com a descrição de como a significação que é dada aos primeiros gritos do neném, provocando no adulto uma resposta, é o que dará origem à comunicação. Poderíamos dizer que é nesse momento que começa a se organizar e diferenciar o aparelho da fala, dependendo para isso de uma estrutura simbólica que é pré-existente, e da qual o adulto é o portador. Esse processo corresponde à organização das experiências no simbólico.

Na parte III do "Projeto de uma Psicologia Científica", de 1895, Freud retoma a linguagem valorizando o aspecto motor através de sua articulação com a percepção e a consciência. As percepções excitam a consciência, através de um sistema  $w$ , postulado no texto, cuja descarga é uma indicação de qualidade que provoca a atenção. Entretanto, os processos psíquicos são em princípio incapazes de percepção, de provocar indicações de qualidade. Para isso eles precisam associar-se a imagens sonoras e motoras da fala. As imagens de palavra, por formarem um sistema fechado e permitirem a indicação de qualidade através de uma descarga motora, possibilitam a consciência do pensamento. As indicações de descarga-fala tornam possível uma memória do pensamento, emprestando-lhe "realidade"<sup>166</sup>.

Curiosa topologia, este pensamento nos sugere, em nada semelhante à topologia do "saco", do sujeito fechado em si mesmo. Só o que é externo ao aparelho psíquico pode ser percebido, esse externo abrangendo corpo e mundo. Da mesma

166 idem p. 366

forma todos os afetos, dentre eles a angústia como o que mais nos interessa, são percebidos apenas como eventos externos ao psíquico, descargas (sudorese, palpitações) no corpo, tão externas quanto os terremotos ou tempestades. O acesso consciente ao pensamento só se dá porque o pensamento, por ser fala mitigada, torna-se ação desse corpo, e envolve um interlocutor.

A inervação da fala é originalmente uma via para a descarga. Mas como essa descarga, gritos e choro, chama a atenção do adulto para o mal-estar do infante, adquire secundariamente a função de comunicação que terá daí em diante. Assim, o que era descarga torna-se ação específica, e essa especificidade da ação, cuja primeira forma deve ser chamar o adulto em socorro, inclui de saída a significação. O adulto é necessário em sua função de interpretar e atender à criança em seu sofrimento, introduzindo-a assim à questão da significação.

O aparelho da fala depende do adulto para sua constituição. Ele não poderia se organizar autônomo, porque tem de haver uma máquina simbólica que lhe dê o impulso inicial<sup>167</sup>.

Voltando à tradução de "*spracheapparat*" por aparelho da fala, seu valor é o de destacar que as representações só se constituem no próprio ato de falar, no campo transindividual e contextual. Assim, não teríamos correspondências unívocas e constituídas de uma vez por todas entre representações de palavras e objetos, mas um deslizamento permanente dessas relações. As palavras não têm significados que lhe

---

167 Nassif, j, "*Freud - l'inconscient*", Paris, Galilée, 1977, p. 402

correspondam univocamente, sedimentadas em um sistema abstrato, mas criam significações mutáveis nas situações concretas de fala.

Já frisamos que a metodologia utilizada por Freud em "Sobre a afasia", que é anterior à construção metapsicológica e visa dar conta de distúrbios afásicos e ordená-los dentro de certa lógica, não poderia ser transportada com simplicidade para a metapsicologia.

Entretanto, o termo "representação" (*vorstellung*), apresenta uma singular permanência, ao longo do tempo, na obra de Freud, embora utilizada em contextos bastantes diferentes. Utilizamos, os psicanalistas, essa categoria como se tivesse uma significação relativamente unívoca, quando, na verdade, esse não é o caso.

Há duas conotações habituais, diferentes e até opostas, que se ligam ao termo representação. Uma delas remete a uma presença atual e sensível ao espírito, o conteúdo de um ato de pensamento. A outra remete à idéia de uma substituição; algo, uma pessoa ou coisa, é presentificada por um representante.

Naturalmente, a utilização por parte de Freud do termo "*vorstellung*", só poderá ser esclarecido a partir de uma análise do papel que desempenha em sua construção teórica. Entretanto, talvez algum apoio em outros pensadores nos ajude a articular qual a relação entre as representações e a linguagem. Estará o papel da linguagem na metapsicologia freudiana subsumida ao papel que Freud adscrive às representações verbais? Qual o sentido em que Freud utiliza o termo representação? Dedicaremos a próxima seção à

discussão da noção de representação, e sua utilização na metapsicologia freudiana.

## 5.2 - Linguagem e Representação

O texto sobre a Afasia, se nos permite uma aproximação da concepção de linguagem e de representação utilizada por Freud, trata-se de uma concepção que não pode ser imediatamente transportada para a obra psicanalítica. A intervenção da pulsão e do desejo, nos textos propriamente psicanalíticos, tem consequências substanciais para a noção de representação que está em jogo. Em "Interpretação dos sonhos", por exemplo, fica evidente que a representação a que Freud se refere é à representação do desejo como realizado, uma representação articulada pelo desejo. A pulsão é a condição da representação de palavras e objetos que, embora não intervenha no nível da construção do aparelho da fala, tomará posteriormente o lugar de conceito fundamental na teoria psicanalítica.

Tomando, então, como ponto de referência a importância da pulsão como decisiva na caracterização do que é a representação na metapsicologia freudiana, resta-nos questionar a relação entre a linguagem e a representação.

Para Foucault, na idade clássica, a linguagem não tem um ser próprio, mas esgota-se em sua função representativa. A gramática geral estudava o discurso como uma sucessão de signos verbais que, em relação aos pensamentos representados, têm como única diferença o fato de que estes são imediatos. O privilégio que é dado à denominação indica esta homogeneidade, este chão comum concedido a palavras e

coisas. A denominação seria exatamente fornecer uma representação verbal a uma representação.

A partir do século XIX, surgem profundas mudanças que afetam o ser das representações limitando-o, o que se reflete no estudo da linguagem. São mudanças introduzidas pela crítica kantiana, e que nos interessam por privilegiarem o lugar do sujeito e da função simbólica.

Diz Foucault que Kant, para abordar a relação entre as representações, abandona o próprio terreno das representações e seus conteúdos, questionando suas condições de possibilidade. Vai interrogar o que funda e justifica a relação entre representações, o que torna possível sua generalidade. Só os juízos empíricos podem depender do conteúdo das representações. *"Qualquer outra ligação, para ser universal, deve fundar-se, para lá de toda a experiência, no "a priori" que a torna possível. Não que se trate de um outro mundo, mas das condições indispensáveis à representação do mundo em geral"*<sup>168</sup>. Interrogando a representação a partir de seus limites de direito, Kant teria sancionado *"esse acontecimento da cultura que é contemporâneo dos fins do século XVIII: a retirada do saber e do pensamento para fora do espaço da representação"*<sup>169</sup>.

A limitação do domínio da representação permite, a partir da Crítica, um *"desnívelamento do ser em relação à representação de que o kantismo é a primeira atestação filosófica"*<sup>170</sup>. Ou seja, o sujeito como suporte da função simbólica e das representações é posto em primeiro plano.

---

168 Foucault, M. *"As palavras e as coisas"*, S.P., Martins Fontes, p.318

169 idem p. 319

170 idem p. 322



O transcendental em Kant, aplica-se ao conhecimento e se refere ao que neste é condição *a priori* e não dado da experiência. Os princípios transcendentais, por exemplo, são as leis do entendimento enquanto regras do conhecimento<sup>171</sup>.

Foi essa abertura de um campo transcendental por Kant que possibilitou o estudo da linguagem como objeto. O nascimento da filologia marca a ruptura com a consideração da palavra apenas por seu valor representativo e de ordenação das coisas representadas. No lugar do estudo das palavras no discurso, em seu valor de representação, estuda-se as línguas e seus mecanismos internos. A linguagem, separada do que representa, aparece em sua legalidade própria como uma organização autônoma. Passa a se ancorar mais no sujeito e em sua atividade do que nas coisas percebidas e na memória que redobra a representação.

Esse movimento significa, para Foucault, não apenas a constituição da linguagem como objeto, mas também sua instauração como um "transcendental", já que ela fica instituída como condição de todo o conhecimento, constituindo a ordem e o nexos do objeto de conhecimento<sup>172</sup>.

Quanto à representação, categoria que fundamentava todo o saber clássico, ela também passa por uma modificação de estatuto na modernidade. Deixa de ser o lugar de origem da linguagem, passando a ser um efeito da linguagem e suas leis<sup>173</sup>. Perde sua posição como conhecimento para tornar-se fenômeno e aparência, do qual as coisas estão expulsas. A historicidade e leis próprias que a linguagem adquire na

---

171 Lalande, A "Vocabulaire technique et critique de la philosophie", Paris, PUF, 1988, p.1145

172 "As palavras e as coisas", S.P., Martins Fontes, p. 321

173 Machado, R. "Ciência e saber", R.J., Graal, 1982, p. 144

modernidade têm como correlato a limitação do conhecimento humano.

Freud, nas definições que oferece do que entende por representação, apresenta a representação como a reprodução da percepção. No artigo "A negação", por exemplo, diz que *"todas as representações provem de percepções, das quais elas são repetições"*, subscrevendo aparentemente à concepção clássica da representação. Entretanto, se levamos em conta a complexidade de sua teoria, o uso que faz da representação não se adequa a esta definição. No próprio artigo "A negação" a famosa afirmativa de que *"a oposição entre subjetivo e objetivo não existe desde o início"*, já desqualifica a concepção da representação como repetição das percepções, já que não pode existir, nesse nível, qualquer diferença entre representação e percepção. O espaço da subjetividade ou "realidade psíquica" não se constituiu ainda.

A linguagem, na construção teórica freudiana, assume desde o início o lugar de **condição** das representações, um lugar similar ao que Foucault delimita como sendo o papel da representação na modernidade.

Mas, além da linguagem como condição formal, quando a teoria do aparelho psíquico é posta em jogo, a pulsão é introduzida como uma nova condição determinante, que prioriza a atividade do sujeito na constituição das representações, abrindo um novo espaço para o que existe de **singular** nesta atividade representativa.

É importante ter em mente que a introdução da pulsão na passagem do aparelho da fala para o aparelho psíquico, nos obriga a um cuidado maior ao ensaiar qualquer transposição

das concepções iniciais de representação de palavra e objeto para os textos metapsicológicos. Na metapsicologia, todas as representações são representantes ou delegados da pulsão. **O representado não é nem a palavra e nem a coisa, mas a pulsão.** Por isso, para evitar ambiguidades quanto a esse ponto, já se levantou a conveniência de se traduzir "*wortvorstellung*" e "*sachvorstellung*" ou "*dingvorstellung*" por "representação-palavra/representação-coisa", ou mesmo por "representação por palavra/representação por coisa". Não apenas a representação, mas também o afeto, têm esse papel de representantes psíquicos da pulsão (*triebrepresentanz*), o que modifica substancialmente a noção de representação em relação à que estava anteriormente em jogo, no trabalho sobre as afasias, assim como em relação ao que Foucault abordou como a concepção clássica de representação. Posta essa ressalva, vamos abordar agora as representações de palavra e coisa tal como são apresentadas em 1915, em "O inconsciente".

Vimos como Freud busca caracterizar a diferença entre uma representação inconsciente e uma representação préconsciente em termos metapsicológicos. Para resolver o problema, apresenta inicialmente uma hipótese topográfica, em que haveria a mesma inscrição em duas localidades diferentes, e uma hipótese funcional, em que seriam dois estados diferentes da representação em uma mesma localidade. A solução que finalmente apresenta é descartar essas duas hipóteses em favor de uma terceira: defende que a representação de objeto consciente se compõe da representação de coisa mais a representação de palavra, enquanto a representação inconsciente é a representação de

coisa apenas, desligada da representação de palavra. O sistema préconsciente surge quando a representação de coisa é hipercatetizada através da ligação com representações de palavra, o que torna possível uma organização psíquica mais elaborada, em que o processo primário é sucedido pelo processo secundário, que é o dominante no préconsciente.

Há uma mudança de nomenclatura de "Sobre a afasia" para "O inconsciente", cuja significação merece uma consideração. Em "Sobre a afasia" tínhamos o par representação de objeto e representação de palavra. Em 1915, temos representação de coisa e representação de palavra. Ora, vários autores acham que representação de objeto e de coisa são a mesma coisa. Felsser, por exemplo, em seu trabalho "O ponto de vista linguístico-semiótico", diz:

*"...o que Freud chama de representação de objeto no ensaio sobre a afasia equivale à representação de coisa no artigo sobre o inconsciente. Essa ligeira diferença de terminologia poderia acarretar alguma confusão; para evitá-la adaptaremos o texto para a presente ocasião"<sup>174</sup>.*

A adaptação em questão é simplesmente re-batizar as representações de objeto, chamando-as de representação de coisa, quando está tratando do ensaio sobre a afasia.

Essa correspondência, entretanto, não é nada óbvia. Mesmo porque o que Freud afirma em "O inconsciente" é que veremos "o que podemos chamar a representação de objeto consciente se cindir em representação de palavra e representação de coisa"<sup>175</sup>. Agora temos três termos diferentes (representação de objeto, de palavra e de coisa) na caracterização da dinâmica em que as representações estão

---

174 Felsser, R, "Le point de vue linguistique-sémiotique", em "Psychanalyse à l'université", no 26, 1982, p. 258

175 Freud, S. "The Unconscious"(1915), S.E. vol. XIV, p. 201

envolvidas, quando antes, no estudo das afasias, tínhamos apenas dois, e temos que tentar interpretar o porque desta modificação.

Adiantamos que o que Freud chama de "representação de objeto" no trabalho sobre a afasia poderia encontrar uma correspondência, ainda que grosseira, com o que, no trabalho de 1915, continua a chamar de "representação de objeto", mas jamais com a "representação de coisa", que é algo de inteiramente diverso. A diferença que marca a irreduzibilidade de um campo teórico ao outro, embora os termos sejam conservados, é exatamente a introdução da representação de coisa. Se o primeiro trabalho está interessado primordialmente na linguagem e nos distúrbios afásicos, no trabalho metapsicológico a questão é a relação da linguagem com a pulsão. A introdução das representações de coisa corresponde ao papel da pulsão na construção metapsicológica, e é correlativa ao novo enfoque da linguagem, enfoque que é o propriamente psicanalítico. Examinaremos melhor as duas concepções para precisar esse ponto, não sem antes chamar a atenção para que, naturalmente, a representação de objeto também se vê modificada por sua transposição para esse novo campo.

Como vimos anteriormente, em "Sobre a afasia", a relação entre a representação de palavra e a de objeto é chamada de "simbólica", e as perturbações nessa relação de afasia asimbólica. Poderíamos aproximar esse par do signo linguístico saussureano. A representação de palavra, como imagem predominantemente sonora, corresponde ao significante, enquanto a representação de objeto corresponde ao conceito, ou seja, ao significado.

A questão da arbitrariedade do signo, reafirmada com insistência por Saussure, como o que permite unir as duas faces do signo numa unidade convencional, não entra em contradição com a perspectiva freudiana. Não há nada, senão a imersão do infante em um meio de linguagem, que garanta a ligação entre as duas faces. A solidariedade entre representações de palavra e de objeto não indica qualquer semelhança natural entre os dois complexos, mas apenas que as várias associações que têm origem nas impressões, não poderiam se organizar em uma representação de objeto sem ter a linguagem como uma condição para que isso ocorra.

Em "O inconsciente", a representação de objeto é préconsciente ou consciente, é o que se dá à percepção se as ligações entre as representações de palavra e as de coisa se mantêm articuladas de forma adequada. A rede das representações de objeto encontra uma correspondência no que Lacan chama de "imaginário", acentuando insistentemente a dependência do imaginário em relação ao simbólico.

O valor dado por Lacan ao narcisismo é o de estruturar todas as relações do homem com seu mundo. Se nos animais a apreensão do mundo é dominada de saída por certas imagens fundamentais, no homem, devido a seu estado primário de descoordenação, esfacelamento e anarquia, a relação com as percepções é construída de forma que supõe uma permanente tensão. *"A imagem do corpo é o princípio de toda a unidade que ele percebe nos objetos"*<sup>176</sup>. Ora, essa imagem unificada do corpo ele só a percebe como externa e de forma antecipada, o que a constitui como um ideal que lhe escapa a

176 Lacan, J., *"Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique de la psychanalyse"*, sem. II, Seuil, Paris, 1978, p. 198

todo o momento. Todos os objetos do mundo se estruturam a partir da precariedade do ego, possuem um caráter "egomórfico"<sup>177</sup>. A estabilidade do mundo perceptual, do quadro oferecido pela percepção, depende da imagem especular do sujeito estar representada em seus elementos.

A representação de coisa, ao contrário, não pode ser dada em si mesma à consciência. Se separada das palavras, não pode dar origem a uma representação de objeto. Como interpretar seu estatuto? A carta 52, que já comentamos, nos trará algumas sugestões.

Voltemos à estratificação de diversas camadas do aparelho psíquico, em que os traços mnêmicos sofrem retranscrições ou traduções sucessivas. Em cada camada os traços mnêmicos estão representados em signos de tipo diferente. A tradução em signos verbais é a que permite uma "consciência secundária do pensamento"<sup>178</sup>. Nas neuroses, a tradução em signos é interrompida exatamente no caso de traços mnêmicos de experiências sexuais, e a memória não inibida se comporta como se a experiência fosse atual, dando origem a uma *compulsão* ou ao recalque. Quando o processo é resolvido pelas leis das organizações de signos mais primitivas, em vez de representações temos uma "*darstellung*", termo usado em "Interpretação dos sonhos", que significa "apresentação", algo que se dá diretamente à percepção como uma experiência atual, tal como a colocação em cena onírica.

As representações de coisa de 1915 encontram uma correspondência nos traços mnêmicos representados em signos

---

177 idem

178 Freud, S., "Letter 52" (1896), S.E. vol. I, p. 235

perceptuais (*wahrnehmungszeichen*), derivados das experiências de satisfação, aos quais poderá ou não ser concedida a tradução em signos verbais e conceituais. Essa alternativa nos remete à pulsão em suas duas faces: ou integrada no processo secundário, funcionando de acordo com o princípio do prazer, ou em sua face de compulsão e parcialidade, sob o regime do processo primário. Quando a tradução não se dá, a ativação desses traços mnêmicos não se integra na consciência secundária do pensamento e seus efeitos não podem ser reconhecidos como produção da subjetividade; são considerados como da esfera do real.

Existe uma oscilação nos próprios textos freudianos em relação a esses termos, uma indeterminação que se manifesta no fato de que, algumas vezes, os termos representação de objeto e de coisa são apresentados de modo equivalente; termos que em nossa interpretação da questão, tal como formulada em 15, opusemos como conceitualmente distintos. Mas na retomada do tema em 1923<sup>179</sup>, no anúncio da chamada segunda tópica, Freud apresenta uma formulação que corrobora a interpretação aqui ensaiada.

Mantém-se o papel das representações de palavra como a mediação necessária para que os processos de pensamento tornem-se conscientes, já que, através dessas representações, o pensamento é percebido como se viesse de fora, como percepção externa: "*E como uma demonstração do teorema de que todo o conhecimento tem sua origem na percepção externa*<sup>180</sup>". Delimitando a diferença entre a representação inconsciente e a préconsciente, que constitui

---

179 Freud, S. "*The ego and the Id*" (1923), S.E. vol. XIX  
180 *idem* p. 23



o pensamento, diz Freud que a primeira "se efetua sobre um material qualquer que permanece não reconhecido<sup>181</sup>", enquanto que a segunda se liga à representação de palavra. O trabalho analítico visa exatamente fornecer, através das interpretações, elementos verbais como membros intermediários de ligação (*miettelglieder*) préconscientes que entrem em contato com as representações de coisa. É claro que não se trata de tornar as representações de coisa conscientes, mas de obter uma articulação entre traços que são irredutivelmente inconscientes - as representações de coisa - com as palavras, permitindo sua integração ao processo secundário, e destituindo-as do cunho de compulsão. Só assim poderá ser produzida uma representação de objeto préconsciente, que não se confunde com seu material anônimo e incognoscível que é a representação de coisa.

E através da linguagem articulada que o pulsional, originalmente "isso", é incluído na esfera do eu. Entretanto, pode acontecer que a ligação com as palavras seja posteriormente perdida, constituindo-se assim o inconsciente recalçado. A perda da ligação com as palavras não implica em que essa ligação não tenha tido um papel estruturante nesse inconsciente recalçado.

No Esboço da Psicanálise (1938), o tema da linguagem na metapsicologia é retomado, com esclarecimentos sobre as reformulações introduzidas pela segunda tópica. Freud indica que a conexão com imagens de palavras é uma condição necessária para caracterizar o estado préconsciente, mas não é suficiente. Partes do ego, particularmente do super-ego,

---

181 idem p. 20

preenchem esta condição e, apesar disso, são qualitativamente inconscientes.

A distinção entre a representação inconsciente e a préconsciente com base na articulação às representações de palavra, tão laboriosamente articulada por Freud em "O inconsciente" parece não mais se sustentar. O aspecto econômico assume a precedência como critério, sobre o acesso ou não à consciência. Na verdade, tanto as representações de coisa jamais acedem à consciência, nem mesmo quando o funcionamento psíquico obedece aos processos secundários, quanto produtos do processo primário podem ter acesso a ela, como se dá nos sonhos ou nas alucinações. A relação predominante, portanto, estabelecida na construção metapsicológica, é entre o processo secundário e o pensamento verbal.

A linguagem é, sem dúvida, condição da ligação e do funcionamento em processo secundário. Entretanto, a presença de representações verbais não garante o funcionamento em processo secundário. Na psicose as palavras podem ser tratadas como coisas, ou seja, pelo processo primário, o que significa uma supressão do caráter específico do sistema linguístico. O mesmo pode acontecer nos sonhos:

*"quando as representações de palavras pertencentes aos restos diurnos são resíduos frescos e atuais de percepções, e não expressões de pensamento, são tratadas como representações de coisa"<sup>182</sup>.*

Considerando que os textos metapsicológicos de 1915 visam uma integração dos novos pontos de vista correlativos à introdução do narcisismo no conjunto da teoria, baseamo-

---

182 Freud, S. "Lecture XV" em "Introductory Lectures on psycho-analysis"(1916)S.E. XIV, p. 228

nos na caracterização da psicose apresentada no texto, para entender a dinâmica das representações.

O esquizofrênico retira seu interesse do mundo. Freud especifica que se trata de algo bem diferente do que ocorre com os neuróticos, embora se possa dizer que, num outro sentido, eles também se afastem do mundo. Os neuróticos se desinteressam pelos objetos reais, mas não pelas pessoas e coisas imaginárias. Os laços eróticos com os objetos imaginários são preservados na fantasia, houve apenas uma introversão da libido. O psicótico, numa manobra muito mais radical, desinveste os objetos de maneira geral, tanto os imaginários quanto os reais, ou seja, desinveste o que em "O inconsciente" Freud chama de representações de objeto (que dependem da articulação entre representações de palavras e de coisa).

Temos então uma derrocada do imaginário e da realidade. Como em "O inconsciente" o que garante as representações de objeto é uma articulação adequada entre representações de coisa e de palavra, é claro que algo ocorre que subverte essa articulação. Ou seja, os traços da coisa, a pulsão, não podem mais se inscrever no campo das representações de objeto, investindo os objetos. O que é necessário para o domínio psíquico da libido e a instauração do processo secundário é sua utilização nos investimentos dos objetos, sejam eles reais ou imaginários. Quando a libido se desliga dos objetos, o processo primário é o que impera.

Na seção VII de "O inconsciente", Freud define a representação de coisa (*sachvorstellung*), como o *"investimento, senão da imagens mnêmicas das coisas diretas, ao menos de traços mnêmicos mais afastados e derivadas"*

*delas*<sup>183</sup>". O investimento desses traços incognoscíveis e indestrutíveis, só pela ligação com as representações de palavra pode chegar a investir os objetos reais ou imaginários e préconscientes, que constituem a realidade.

Se a megalomania, ou seja, o investimento do ego, investimento que se segue à retirada de libido dos objetos na psicose, não dá conta dessa elaboração psíquica da libido, tem-se a ansiedade hipocondríaca, estreitamente ligada à erogeneidade dos órgãos do corpo que passam a concentrar toda a atenção, toda a carga libidinal que tinha sido destinada aos objetos. Este investimento dos órgãos e das partes do corpo fala de um esfacelamento das representações de objeto, e até mesmo do próprio ego em sua função de objeto nuclear. Esses objetos perderam sua sustentação libidinal. Partes do corpo desligadas assumem toda a carga libidinal, numa retomada do auto-erotismo que aponta para a pulsão em sua desintegração essencial.

A deformação da linguagem que ocorre na esquizofrenia mostra também traços hipocondríacos. A relação com o corpo vai açambarcar a fala, constituindo uma verdadeira "fala do órgão" (*organ-speech*)<sup>184</sup>. O exemplo clássico é o da paciente de Tausk, citada por Freud, que se queixava de estar com os olhos torcidos. Ela explica que seu amante era um hipócrita, um "torcedor de olhos", expressão que, em sentido figurado, quer dizer no alemão "enganador". Estando seus olhos torcidos, já não podia mais ver o mundo como antes.

---

183 Freud, S. "The unconscious" (1915), S.E. vol XIV, p. 201  
184 idem p. 198

Não pode mais ver o mundo como antes porque desinvestiu seus objetos; a mediação do imaginário falta, e as pulsões auto-eróticas tomam a precedência quando os objetos são abandonados, investindo tanto os órgãos quanto as palavras. Por isso tanto palavras quanto coisas passam a ser regulados pelo processo primário. Com efeito, não apenas as palavras são tratadas como coisas, no pensamento do esquizofrênico, como também poder-se-ia caracterizá-lo ao reverso, dizendo que *"ele trata coisas concretas como se fossem abstratas"*<sup>185</sup>. A situação econômica é que prevalece. O abandono dos investimentos das representações de objeto (sejam reais ou imaginários) significa uma regressão no nível do funcionamento pulsional, e nesse caso as representações de palavras e coisas, equalizadas, serão reguladas pelo processo primário.

A retirada da libido dos objetos, da realidade, é o que, tanto no sonho quanto na psicose, cria as condições para essa regressão ao processo primário, que se manifesta em uma perda de relações linguísticas mais complexas, como conjunções, preposições, conjugações; só *"o material bruto do pensamento é expresso e os termos abstratos são reconduzidos aos concretos, que são sua base"*<sup>186</sup>. Freud compara estes fenômenos com uma linguagem primitiva, em que o material bruto é sexual no sentido mais amplo.

A linguagem só pode cumprir seu papel quanto ao funcionamento em processo secundário por sua natureza simbólica, enquanto um produto social no seio da estrutura linguística de determinada comunidade. O caminho para isso

185 *idem*, pg. 204

186 Freud, S. *"Revision of dream-theory"* (1933), S.E. XXII, p. 20

se abre pelo fato do significante verbal, como massa sonora, emitir indicações de qualidade para a percepção-consciência, que permitem uma relativa independência das qualidades de prazer e desprazer advindas do corpo<sup>187</sup>. Quando as qualidades de prazer e desprazer tomam a precedência, a linguagem perde seu cunho abstrato.

O aspecto social e convencional da linguagem é correlativo ao processo secundário. Supõe a função do Édipo como estrutura, como a operação necessária que permite a integração das pulsões parciais e o advento do desejo, introduzindo uma referência terceira, uma mediação, em qualquer diálogo, e "desincorporando" os significantes verbais.

A "linguagem primitiva", marcada pela relação com o corpo, aponta para a constituição da pulsão, para o momento em que os significantes são ligados à voz materna, extensão de seu corpo, e incidem como massa sonora sobre o corpo do sujeito, sem qualquer mediação. As palavras como objetos da pulsão invocante valem mais por sua sonoridade do que por seu significado consensual. Nesse registro, assumem o papel de representações de coisa, que apoiam-se nos traços mnêmicos de experiências de satisfação, traços constitutivos da topografia do circuito pulsional.

O interesse pelas línguas arcaicas e pelo desenvolvimento da linguagem é manifesto por Freud em dois artigos em que se dedica ao tema, "O sentido antitético das palavras primitivas", de 1910, e "O sinistro" de 1919, como instrumentos que trariam uma importante contribuição à compreensão de problemas da área da psicanálise, justamente  
187 Freud, S. "*Interpretation of dreams*", S.E. vol.V, p. 574

em razão da analogia buscada entre a linguagem do sonho e da psicose, e estágios anteriores na história da linguagem.

No primeiro artigo, como é sabido, traça um paralelo entre as palavras de línguas arcaicas (principalmente o antigo egípcio), dotadas de dois sentidos antitéticos, e a linguagem do sonho que também admite um mesmo meio de representação para expressar contrários. Essa coincidência é tomada como uma confirmação do cunho arcaico da forma expressão do sonho, e evoca a sugestão de que o estudo do desenvolvimento da linguagem poderia ajudar a entender e traduzir a linguagem dos sonhos. Vale notar que as características das línguas primitivas são, para Freud, traços de uma forma arcaica de pensar, o que demonstra que pensamento e linguagem são para ele indissociáveis.

Em "O sinistro", Freud examina o peculiar sentimento de estranheza e susto que se associa à palavra "*unheimlich*", e conclui que essa qualidade de sentimento remete ao que é, há muito, familiar e que retorna do recalque, ou então à formas de pensamento ou crenças arcaicas que, incompletamente superadas, vêem-se confirmadas por algum acontecimento.

A investigação do sentido que se ligou à palavra "*unheimlich*" ao longo da história de seu uso linguístico, é para Freud uma confirmação dos resultados de sua investigação<sup>188</sup>. O significado ambivalente da palavra "*heimlich*", que quer dizer tanto "familiar e agradável" quanto "escondido e assustador", desenvolve-se no sentido de coincidir com a palavra oposta "*unheimlich*". Se o "*unheimlich*" é o que foi "*heimlich*", familiar, "o *un* é a

---

188 cf. Freud, S. "*The uncanny*", S.E. vol.XVII, p. 220

*marca do recalque*"<sup>189</sup>. Já encontramos aqui o papel concedido à negação como suspensão do recalque.

Em seu interesse pela história da língua, Freud privilegia as alterações dos signos ao longo do tempo, alterações que, de acordo com Saussure, devem sempre ser consideradas como "*um deslocamento da relação entre o significante e o significado*"<sup>190</sup> e são uma das consequências da arbitrariedade do signo. Constatando que os indivíduos não tem qualquer controle nessas alterações, Saussure renuncia a dar conta das causas da alteração, ou a responder por sua necessidade.

Ligando a distinção entre dois sentidos antitéticos ligados à mesma palavra à intervenção do recalque, Freud aponta para a contribuição que a Psicanálise pode trazer ao estudo da linguagem. No *approach* psicanalítico à questão da linguagem estão articulados a tradição, ou seja, a transmissão da língua em seu aspecto social e convencional, à uma determinada configuração pulsional, que se apoia na singularidade da relação desejante que permeia essa transmissão.

Passemos ao estudo das relações entre a teoria da linguagem própria à linguística estrutural, e a da psicanálise, cotejando-as com o propósito de assinalar suas diferenças, assim como avaliar as aproximações que foram feitas entre ambas.

### 5.3 - Linguística Estrutural

---

189 idem p. 245

190 Saussure, F., "*Curso de linguística geral*", São Paulo, Cultrix, 1972, p. 89



Lacan trouxe para o primeiro plano o papel da linguagem no campo da psicanálise, contribuindo enormemente para estimular uma discussão profícua em torno dos temas fundamentais da psicanálise. Para tanto utilizou categorias do estruturalismo linguístico, baseado especialmente em Saussure e Jakobson.

Após termos tentado demonstrar que o papel da linguagem no pensamento freudiano é fundamental, e que essa ênfase de Lacan é uma legítima retomada da inspiração freudiana e não uma inovação, discutiremos uma opinião presente em muitos autores: a de que a grande contribuição do ensino de Lacan teria sido trazer para a psicanálise a contribuição da linguística Saussureana.

Discutiremos o problema da adequação desse modelo, delimitando certas características que se consituem em limitações para sua aplicação ao campo psicanalítico.

A primeira dicotomia da linguística saussureana é entre a língua e a fala. A língua é um sistema de regras, geralmente inconsciente (e não se trata do inconsciente freudiano, mas de um inconsciente categorial, infra-consciente), que determina todas as possibilidades de expressão linguística. E o aspecto social, o contrato coletivo, pré-existe a qualquer ato de fala. A fala é sua atualização em um ato individual. Outra oposição relevante, e solidária à primeira, é entre sincronia e diacronia. A Sincronia, eixo das simultaneidades, é o que é privilegiado na metodologia saussureana, já que a língua como sistema de regras é relativamente independente do tempo, regendo todas as variações possíveis que se atualizam nas falas individuais.

A metodologia de Saussure promove a sincronia e constitui a língua como objeto autônomo, um sistema de relações dos quais os atos de fala são meras atualizações. Abstrai-se tanto da história quanto dos sujeitos que falam.

Naturalmente, essa metodologia é apresentada como adequada aos estudos linguísticos, e mostrou-se extremamente frutífera nesse âmbito. Essa proposta metodológica não indica que Saussure não tivesse interesse nos sujeitos e nas falas efetivas. Tanto assim que a semiologia, como o estudo dos signos no seio da vida social, foi um projeto seu que não chegou a desenvolver; a linguística é considerada por ele como apenas um ramo da semiologia, um sistema semiológico entre outros, como os ritos e os costumes. Aqui não se trata, portanto, de uma discussão da teoria de Saussure como contribuição para o campo da Linguística, até mesmo porque não teríamos competência para empreendê-la, mas apenas da consequência do seu uso no campo da psicanálise.

De uma maneira mais geral, podemos dizer que a linguística moderna exclui de seu campo de interesse dimensões da linguagem que são as primordiais para a psicanálise. As teorias linguísticas tendem a abordar a comunicação como um esquema em que emissor e receptor são considerados idênticos. A língua como um instrumento de comunicação que permite a informação sobre a realidade extra-linguística, é tomada como um código neutro, um objeto formal. É certo que a língua, como sistema de comunicação, pressupõe um apoio em um sistema de relações que são inseparáveis do mundo referencial e das experiências dos sujeitos. O sujeito da linguística, porém, como "*um simples*

suporte do formalizável"<sup>191</sup>, é fundamentalmente diverso do sujeito da psicanálise, o sujeito desejante, e que só fala como tal.

Voltando à linguística saussureana, o que está em questão é apenas investigar a significação da transposição de seus dois eixos metodológicos fundamentais, a promoção da língua como sistema e a da sincronia, para a psicanálise, e identificar os aspectos em que esse modelo pode ser produtivo, assim como as limitações em que esbarra. Limitações que não significam uma crítica ao valor do trabalho de Saussure em seu campo próprio, mas que resultam da especificidade da psicanálise e de seu objeto.

Autores não psicanalistas, interessados em pensar o social, contribuíram com críticas às implicações desses dois aspectos da linguística estrutural para a análise dos processos sociais, que podem nos sugerir algumas das principais limitações encontradas em sua aplicação como modelo para a psicanálise.

Sobre a oposição sincronia-diacronia, é famosa a crítica de Althusser, de que ela se funda em uma concepção de um tempo histórico "*contínuo e homogêneo, contemporâneo de si*"<sup>192</sup>. O diacrônico se reduz a atualizações desse presente. Essa concepção de tempo histórico deriva de Hegel e é ideológica porque supõe uma estrutura fechada, um todo social semelhante ao "todo espiritual" leibniziano, no qual todas as partes são solidárias e conspiram entre si.

---

191 Kristeva, J. e Rudelic Fernandez, D. "*Psycanalyse et linguistique*", em Kaufmann, P. "*L'Apport freudien*", Paris, Bordas, 1993, p. 528

192 Althusser, L. "*Ler O Capital*" vol II, Zahar, 1980, p. 35.

Para Bourdieu, o sentido das palavras depende da situação em que são emitidas e recebidas, das posições dos agentes em interação, nas estruturas sociais. O estruturalismo elimina da teoria tudo o que diz respeito à prática, se a prática é pensada como algo mais do que a simples aplicação de normas sociais. A desconsideração da prática, da fala enquanto não redutível a uma mera atualização das regras da língua, é criticada por Bourdieu em termos de que considerar as regularidades da linguagem como produto da regulação inconsciente de uma mecânica mental ou social, significa "*passar do modelo da realidade à realidade do modelo*"<sup>193</sup>. A língua só pode ser apreendida através da fala, que é sua condição, tanto do ponto de vista individual como coletivo.

Bakhtin<sup>194</sup> também critica a linguística Saussureana, tomando-a como o paradigma da corrente que chama de "objetivismo abstrato". O interesse exclusivo pelo sistema linguístico naquilo que tem de normativo, exclui a história e o ato de criação individual. Como é este que explica as transformações da língua, essas transformações são consideradas apenas como desvios ou erros desprovidos de sentido. O "*proton pseudos*" dessa linguística é reduzir a dimensão social da linguagem à língua. Não é concedida à história, que é dependente da fala individual, uma racionalidade enquanto processo de transformação da língua e fato também social.

---

193 Bourdieu, "*Esquisse d'une théorie de la pratique*", Genebra, Droz, 1972, p. 171.

194 Bakhtin, "*Marxismo e filosofia da linguagem*", São Paulo, Hucitec, 1988

Nas enunciações concretas, as significações se constituem relativamente ao contexto, assim como a compreensão é uma tomada de posição em relação ao que se ouve. A enunciação, de natureza social, é parte de um diálogo. Há sempre um interlocutor, mesmo que potencial. Não apenas se fala, mas se pensa para um interlocutor definido.

As categorias da linguística Saussureana procedem de sua filiação em relação à filologia, que estudava as línguas mortas através de documentos escritos, decifrando textos aparentemente monológicos, pela desaparecimento do contexto histórico do qual constituíam um momento específico. Assim se explica a ênfase no aspecto normativo, a representação da língua como fator estável, excluindo a história. Para Bakhtin, uma resultante disso seria a acentuação da univocidade da palavra em vez da polissemia e plurivalência. A palavra descontextualizada sugere uma significação estabilizada. Nas enunciações concretas a significação depende da palavra e do contexto, do campo intersubjetivo. A enunciação, de natureza social, é um elo entre os interlocutores, e combina inseparavelmente o aspecto convencional e o criativo.

Com relação à adequação das categorias da linguística estrutural à psicanálise, uma experiência fundada na fala e que tem a interpretação como instrumento de cura, uma experiência dialógica, essas críticas evidentemente se sustentam. A língua, abstração que não considera o sujeito nem as práticas sociais em que se fala, não se adequa à abordagem da fala interpretativa e de seu poder mutativo, neste contexto específico que é o do tratamento, em que o que se visa é o desejo inconsciente presente neste campo,

não *in effigie*, mas como as regras estão presentes em um jogo de ténis, na imagem de Politzer.

No uso da teoria de Saussure, Lacan usou de grande liberdade, introduzindo uma série de deformações e apropriando-se dela de forma muito pessoal. As modificações que imprime às categorias da linguística estrutural correm todas no sentido de adequá-la ao campo da psicanálise, superando as dificuldades de transpô-las para esse campo que se organiza em torno da prática. Entretanto, esse fato mesmo evidencia essas dificuldades, que apontam para uma inadequação que, como veremos depois, terminaram por levá-lo a uma desistência da linguística como modelo para a psicanálise.

A herança cartesiana refletida na concepção da língua como um código aproximável do código matemático, a partir do grande interesse pela linguística estrutural que foi estimulado pela obra de Lacan, teve o inconveniente de expor o pensamento psicanalítico contemporâneo ao efeito de uma reabertura da fenda entre espírito e corpo, entre linguagem e pulsão, na retomada de um dualismo que o texto freudiano busca superar.

Escrevendo a Groddeck, em 1917, Freud se pergunta se o inconsciente não seria o "*elo perdido entre a alma e o corpo*"<sup>195</sup>. Para mantê-lo como esse elo que permite superar o dualismo, o fundamento pulsional do inconsciente não pode ser relegado a um segundo plano. Poderíamos nos perguntar se o entusiasmo pela linguística estrutural não resultou, no primeiro Lacan e em algumas vertentes atuais do pensamento

---

195 citado por Assoun, P.L., "*Introduction à la metapsychologie freudienne*", PUF, Paris, 1993, p. 83.

psicanalítico influenciado por sua obra, num sutil esquecimento do papel fundamental da pulsão na construção freudiana.

#### 5.4 - O Ato de Fala: A Linguagem-Pulsão.

O pensamento do filósofo da linguagem de Oxford, Austin, surge em oposição à influência do positivismo lógico em várias teorias da linguagem, que consideravam que a função da linguagem seria basicamente descritiva. Traz interessante contribuição a partir do postulado metodológico de que o objeto a ser estudado não é a oração, mas a produção de um enunciado no contexto do discurso;

*"o ato de fala total, na situação total de fala é o único fenômeno efetivo que, em última instância, estamos envolvidos em elucidar"*<sup>196</sup>. Assim, Austin estudará a linguagem em sua relação com as experiências, partindo da idéia de que descrever o significado de uma palavra é descrever o modo como é usada nas relações sociais em que ocorre. A fala é vínculo social, e tem que ser estudada em seu contexto de uso.

A linguagem não tem apenas uma função descritiva, para Austin, mas é principalmente utilizada para realizar certos atos, como prometer, ameaçar, interrogar, ordenar, etc. Há dois fatores envolvidos na realização desses atos constituídos pela linguagem: as convenções linguísticas que regulam sua realização e a intenção do falante<sup>197</sup>.

196 Austin, J.L., *"How to do things with words"*, Cambridge, Massachusetts, Oxford University Press, 1975, p.148

197 cf. Marcondes Souza Fg, D. *"Filosofia da linguagem e discurso político"*, tese de mestrado apresentada ao Dep. Filosofia da PUC/R.J., 1977

Austin delimita enunciados, chamados de performativos, que equivalem a ações, e não respondem ao critério de verdadeiro ou falso, por não descreverem nada, mas de feliz ou infeliz, dependendo de se conseguem ou não realizar efetivamente o ato. Para que o performativo seja feliz, para além das regras linguísticas, há regras pragmáticas das quais depende seu sucesso, a realização de sua ação. Como ação, o performativo pode incorrer em infelicidade, se o propósito não se realiza. Para a avaliação dessas infelicidades são relevantes certas convenções, que não são apenas linguísticas, e que Austin descreve em sua "doutrina das infelicidades".

Um exemplo seria "Batizo este navio *Liberdade*". Formular esse enunciado é efetuar a ação, desde que se esteja investido socialmente do poder para realizá-lo. Esse é o ato a partir do qual o navio está batizado. Aproveitando o exemplo, poderemos apontar para a quebra de uma convenção extra-linguística que poderia fazer a infelicidade desse performativo. Caso a pessoa que enuncia esse performativo não tenha a autoridade para batizar o navio, o ato não se efetuará.

Não se trata de relações extrínsecas entre as palavras e a ação. Não é que as palavras provoquem uma ação. Quando digo "juro", já estou jurando. O ato é imanente ao dizer. Por outro lado, não há, para Austin, algum ato "interior", como pressuposto para o performativo. Portanto, os performativos não descrevem estado interior algum.

O elemento central de um performativo é o verbo performativo, como "prometo", que não necessariamente precisa estar explícito no enunciado. Nos enunciados



constatativos, que descrevem algo, o verbo não é necessariamente o núcleo, que pode ser o predicado: "O dia está lindo"

Inicialmente Austin distingue os enunciados performativos dos constatativos, cuja função é descritiva, e que respondem a um critério de verdade fundado na sua adequação aos fatos. Procurando um critério linguístico que pudesse circunscrever o performativo, legitimando a distinção entre os enunciados performativos e constatativos, Austin conclui pela impossibilidade desta delimitação. Nenhum critério linguístico poderá definir uma oração como performativa, mas só a situação total, o contexto de fala. Um simples "Sim", numa cerimônia de casamento, frente ao juiz, efetiva o ato de casar.

A distinção entre performativos e constatativos será então relativizada, já que mesmo uma descrição dirige-se para um interlocutor e busca profuzir efeitos, podendo ser feliz ou infeliz. Falar é sempre realizar alguma ação, mesmo quando a ação que é realizada não é a ação que está explicitada no discurso.

Esse impasse resultará em uma reformulação da teoria de Austin, correlativa da ênfase no papel que tem a enunciação no contexto em que ocorre. Propõe, então, que se focalize, em cada enunciação, três aspectos. O ato locutório, referente ao sentido do que é proferido, o ato ilocutório, que aponta para a força de uma fala na situação concreta em que é proferida, e o ato perlocutório, ou seja, os efeitos produzidos pela fala na situação concreta e nos interlocutores.

O aspecto ilocutório pode ser considerado o fundamental de todo ato de fala, porque uma mesma frase pode ter força de ordem ou de pedido, por exemplo. Isto só pode ser explicado pelo contexto, o diálogo concreto em que a frase foi dita. A distinção entre força e sentido tem, portanto, apenas um valor didático e, se tomada ao pé da letra, pode esmaecer o valor da proposta. Não apenas o contexto intersubjetivo concreto é necessário para caracterizar a força de uma enunciação, como opera na própria produção do sentido, o que vem a questionar de forma mais radical a separação arbitrária entre linguagem e prática.

E no abandono de uma demarcação nítida entre o enunciado constatativo e o performativo que Austin encontra maiores oposições. O que não surpreende se, consideramos que é justamente neste momento de seu pensamento, que leva mais longe o projeto de prover "*patins, brilhando de novos, sob nossas pés metafísicos*"<sup>198</sup>.

A filosofia da linguagem austiniana implica uma subversão; um deslocamento da idéia de que as palavras, tomadas isoladamente, descrevem coisas e veiculam informações, para a perspectiva que as submete a uma pragmática, à ação que têm em uma situação social concreta. No momento da reformulação teórica, essa perspectiva é estendida ao âmbito de toda a fala, e deixa de estar circunscrita ao território de algumas enunciações, as performativas.

O linguista Emile Benveniste, que desde 1951 participava de um grupo de estudos com Lacan sobre as

---

198 Austin, J.L., "*Philosophical papers*", Oxford, Oxford University Press, 1970, p. 241

estruturas, com Lévi-Strauss e o matemático Guilbaud<sup>199</sup>, e que publicou um artigo sobre a função da linguagem na descoberta freudiana no primeiro número da revista "La Psychanalyse", organizada por Lacan (que nele publicou seu "Discurso de Roma")<sup>200</sup>, interessou-se desde cedo pelo trabalho de Austin. Foi, provavelmente, através de seus trabalhos que Lacan tomou conhecimento da contribuição de Austin.

Benveniste propõe o discurso, que estuda a língua falada em condições de intersubjetividade, como objeto para a linguística. Estuda o papel dos pronomes pessoais que, na medida em que remetem diretamente para a realidade de discurso, porque só no discurso efetivo têm referência, apontam para o fundamento linguístico da subjetividade. Nesse contexto, fará uso dos performativos, como "eu juro", em que a enunciação equivale ao próprio ato. Se "eu juro" é um ato que compromete, "ele jura" é apenas um enunciado descritivo, e não um ato. O discurso se faz ato, não só através do verbo que nomeia o ato, mas também a partir da indicação do sujeito, pelo pronome "eu"<sup>201</sup>.

Em artigo dedicado à filosofia analítica da linguagem<sup>202</sup>, Benveniste vai destacar o interesse que tem para a linguística a contribuição dos filósofos de Oxford, especialmente de Austin, no estudo da linguagem cotidiana. Valorizando a concepção do performativo, Benveniste redefine-o, recusando a possibilidade de sua infelicidade.

199 Roudinesco, E. "História da psicanálise na França", Zahar, 1988, p. 608

200 idem p. 311

201 Benveniste, E., "Da subjetividade na linguagem" (1958) em "Problemas de linguística geral I", Unicamp, 1991.

202 "A filosofia analítica e a linguagem" (1963), idem, p. 302

Seu argumento é que só quando a enunciação é autenticada como ato, existe realmente um performativo. Se um louco qualquer grita em praça pública "decreto a mobilização geral", não há ato porque ele não tem a autoridade requerida para isso. O interesse dessa perspectiva é que coloca, no centro da definição do performativo, o fato de criar uma situação nova. O performativo é ato de autoridade, só pode se efetuar se o enunciador tem o poder de fazê-lo, e é único e datado, porque cria um acontecimento. Não pode, portanto, ser reproduzido. Quando ocorre de novo, é um novo ato. Sua propriedade singular é, portanto, a de ser sui-referencial, porque sua referência é a própria realidade que ele constitui, enquanto ato.

Por esta razão, e como linguista, Benveniste recusa-se a abandonar, com Austin, a distinção entre performativo e constativo, preferindo ater-se a critérios de ordem linguística e formal. O resultado obtido não é considerado por ele um critério suficiente para definir um ato, porque um simples gesto, que não tem realidade linguística, pode provocar um comportamento no interlocutor. O performativo tem que denominar o ato e o performer, tem que ser sui-referencial; o enunciado é o ato.

A delimitação do performativo e sua extensão para os três aspectos do ato de fala têm consequências importantes. A fala não pode mais ser concebida como comunicação de uma informação, seja de acontecimentos, seja de pensamentos ou estados interiores. Quando digo "duvido", não comunico uma dúvida, mas efetuo o ato de duvidar. O que isso significa, para Deleuze, é que não é mais possível pensar a linguagem como um código, já que o código é o que possibilita a

explicação. Mais ainda, o que se vê questionado é a própria distinção entre língua e fala, já que:

*"a fala não pode se definir pela simples utilização individual e extrínseca de uma significação primeira, ou a aplicação variável de uma sintaxe prévia; pelo contrário, é o sentido e a sintaxe da língua que não se deixam definir independentemente dos atos de fala que ela pressupõe"*<sup>203</sup>.

Só dentro de uma pragmática, portanto, se pode pensar a linguagem, que não merece o estatuto de um objeto autônomo.

As vantagens, para a psicanálise, de pensar a linguagem dentro do modelo austiniano, e não de acordo com a linguística estrutural, dizem respeito ao fato de que teoria, na psicanálise, é totalmente apoiada na experiência psicanalítica, o que a diferencia de qualquer conhecimento especulativo. Teorizamos sobre uma prática de linguagem em que a transferência é o eixo central condutor do ato psicanalítico, e que se justifica pela ação mutativa da interpretação. A estrutura que interessa é a da situação psicanalítica como uma prática.

A proposta de Austin de conceber a relação da linguagem com o real, não como sendo de conhecimento ou de descrição, mas principalmente como de ação e praxis sobre este real, vem de encontro a isso. A idéia de força é também interessante para caracterizar o valor de uma aproximação entre sua teoria da linguagem e a psicanálise: a inserção, nessa concepção da linguagem, não só da relevância do contexto entendido como social, como intersignificante, mas a possibilidade de pensarmos um lugar para a pulsão no cerne da linguagem como ato, lugar que a adoção por Lacan do

---

<sup>203</sup> Deleuze, G., "Mille Plateaux", Paris, Minuit, 1980, p. 98

modelo da linguística estrutural para pensar a fala não lhe fornece.

Encontramos na literatura psicanalítica alguns artigos em que são utilizadas aproximações entre a psicanálise e a filosofia da linguagem Austiniana para uma abordagem da fala nas perversões. Um belo livro de Felman<sup>204</sup> e um artigo de Assoun<sup>205</sup> utilizam o performativo para uma análise do uso da linguagem, marcado pela transgressão, do Don Juan de Molière.

Felman aborda a perversão da linguagem pelo "*parasitar o performativo*", abuso do performativo que visa a felicidade e não a legitimidade, ou o gozo, em detrimento do conhecimento. Seu foco de maior interesse é a promessa, como performativo ou ato de fala de compromisso. Quebrando suas promessas e transgredindo os limites, Don Juan seduz suas vítimas, ensinando-as a transgredir. Também para Assoun a fala do perverso se caracteriza por um "ativismo da linguagem", ou seja, pelos atos de fala que engajam à ação o interlocutor, levando-o à cumplicidade na transgressão.

Por que a perversão como tema privilegiado? Esta escolha talvez indique que é tomando a linguagem em sua dimensão de ato que se pode pensar sua articulação com a pulsão e o desejo. E no discurso da perversão que aparece com maior clareza a questão do desejo no uso da linguagem, justamente por causa do privilégio da recusa (*verleugnung*) à castração simbólica, como operador estrutural.

---

204 Felman, S. "*Le scandale du corps parlant*", Paris, Seuil, 1980

205 Assoun, P.L. "*De l'acte chez Freud*", em "*Nouvelle Revue de Psychanalyse*" nº 31, Paris, Gallimard, 1985.

O passo essencial para uma apropriação da teoria de Austin ao campo psicanalítico é que o sujeito que fala não seja entendido como um sujeito da consciência e autônomo, cuja vontade determina o ato de fala, como a referência à intenção do falante na caracterização do ato de fala poderia sugerir.

De certa forma, o programa austiniano de estudar a produção dos enunciados dentro do contexto do discurso já nos abre uma porta para pensarmos o sujeito como convém à psicanálise. Entendido o contexto do discurso como uma estrutura, um campo de intersignificância, resulta que o sujeito fala a partir e de acordo com seu lugar, um lugar na estrutura referida a uma prática social. Por outro lado, podemos considerar que o avesso da intenção é a pulsão, que, no modelo do ato falho, pode tomar o seu lugar numa apropriação da teoria austiniana pela psicanálise.

### 5.5 - Lacan e a Linguagem

O tema da linguagem em Lacan é de grande complexidade, assim como sua obra em geral, que reflete sua intimidade com a cultura de sua época e é plena de referências a pensamentos diversos. A influência recebida por ele da linguística saussureana não pode ser desvinculada, de forma mais geral, de sua pertinência ao "paradigma estruturalista"<sup>206</sup>. Seu interesse na linguística foi mediada por sua amizade com Lévi-Strauss, e pela inspiração que a

---

206 Dosse, F. "História do Estruturalismo", São Paulo, Unicamp, 1993

antropologia estrutural, que privilegia o modelo linguístico, representou para seu pensamento.

Não apenas Lacan se alinha explicitamente na definição de estruturalismo forjada pelo pensamento de Lévi-Strauss<sup>207</sup>, como se apoia na relação por ele estabelecida entre o inconsciente e a função simbólica. Através das invariantes estruturais nas relações de parentesco vai inspirar-se para pensar o inconsciente como estrutura. A lei primordial que regula as alianças é a que instaura o reino da cultura, em oposição ao da natureza, e o tabu do incesto "é apenas seu aspecto subjetivo; portanto essa lei faz-se conhecer suficientemente como idêntica a uma ordem da linguagem"<sup>208</sup>.

A sedução que a linguística estrutural exerceu sobre seu pensamento, ligava-se ao projeto de situar a psicanálise como ciência conjectural, numa reclassificação das ciências que, diferentemente do positivismo que subordinava as ciências humanas à ciência experimental, abrisse a estas um estatuto científico próprio, dignidade que Lacan almejava para a psicanálise. Ora, nesta nova ordem, a linguística deveria servir de guia à psicanálise assim como demonstrou servir à antropologia, com Lévi-Strauss. A língua (*langue*) é aproximada ao inconsciente freudiano, a partir desse projeto:

*"...Lévi-Strauss, sugerindo a implicação das estruturas da linguagem com a parte das leis sociais que regulam laços matrimoniais e alianças, está já conquistando o próprio terreno onde Freud situa o inconsciente"*<sup>209</sup>.

207 cf. Lacan, J. "Remarque sur le rapport de Daniel Lagache", em "Ecrits", Seuil, 1966, p. 648

208 Lacan, J. "Fonction et champ de la parole et du langage", em "Ecrits", Seuil, 1966, p. 277

209 idem, p. 285



O projeto de uma psicanálise científica era algo caro a Lacan, e por isso mesmo seu entusiasmo para apropriar-se da cientificidade da linguística<sup>210</sup>, imprimindo à psicanálise o avanço que Lévi-Strauss, com a utilização do modelo linguístico, trouxe à antropologia. Entretanto o inconsciente em Lévi-Strauss é categorial, puramente formal, ligado aos sistemas simbólicos, e despido de qualquer referência à singularidade da história individual, como a que caracteriza o inconsciente freudiano. O projeto de transpor a concepção Lévi-Straussiana de inconsciente para o domínio psicanalítico, esbarra de saída em uma impossibilidade que sempre se fez sentir, e que se manifesta até na recusa, por parte de Lévi-Strauss, do conceito psicanalítico de pulsão, assim como na ausência de ênfase na pulsão, no primeiro período do ensino de Lacan.

O Discurso de Roma, de 53, tem um valor de manifesto quanto à centralidade da função da linguagem e da fala no campo psicanalítico, e nele já estão anunciadas as categorias da linguística estrutural: significante, significado, metáfora, metonímia, fala e língua (*parole* e *langue*). A ênfase, nessa época, é sobre a transubjetividade do significado, caracterizando um sujeito que se produz a partir de sua fala. Com a promoção do papel da linguagem, Lacan busca abalar a idéia de um inconsciente individual, inconsciente como conteúdo de fantasias e tendências, situado em uma subjetividade. A abordagem do inconsciente é deslocada para o campo intersubjetivo, e a linguagem, em seu papel de mediação, é fundamental para essa passagem.

---

210 cf. Dosse, F. "História do Estruturalismo", Ensaio, 1993, p. 131

A linguagem é valorizada exatamente para estabelecer o domínio da psicanálise como o do "*discurso concreto, já que este é o campo da realidade transindividual do sujeito*"<sup>211</sup>, e a oposição principal é entre a fala plena e a fala vazia.

Nessa época, é a liberação da fala plena que faz advir o significado. O significado se liga ao recalcado, e o significante está no lugar do sintoma. A fala plena tem um valor transformador do sujeito, é a palavra que se identifica com a transferência simbólica modificando a natureza dos dois envolvidos, e isto na medida em que a verdade que ela veicula é mediada pelo reconhecimento por parte de outra pessoa. A fala plena é uma dimensão essencial da experiência psicanalítica.

Em "*Variantes da cura tipo*"<sup>212</sup> encontramos o conhecido gráfico que representa a estrutura da fala, e que esclarece o papel concedido à intersubjetividade como dimensão fundamental da análise. Lacan vai destacar, na fala, o outro sujeito para quem ela está endereçada. Ora, é o ouvinte quem vai decidir sobre o sentido do que se diz, embora já haja uma intenção de significação no dizer, e o psicanalista é quem ocupa este lugar. Levando mais longe esta idéia do poder do ouvinte para decidir sobre a significação, chega a considerar que ele também decidirá sobre a identidade do sujeito, na medida em que pode levar em conta ou não o que ele diz, a sua fala. A fala plena opõe-se ao discurso constituído como o lugar da criação, e o sentido, como

---

211 "*Fonction et champ de la parole et du langage*", em "*Ecrits*", Seuil, 1966, p. 257

212 Lacan, J. "*Variantes de la cure-type*" (1955), "*Ecrits*", Paris, Seuil, 1966, p. 323

vimos, é contextual, já que o ouvinte decide sobre a significação.

Nestes primeiros trabalhos, podemos encontrar, segundo Miller, uma valorização do ato de fala, até uma "exaltação da potência do ato de fala"<sup>213</sup>. O sujeito, como sujeito do sentido, realiza-se através de sua fala.

Forrester<sup>214</sup>, linguista de Cambridge, encontra na noção de fala em Lacan, tal como presente nesses primeiros textos, uma certa afinidade com a concepção dos atos de fala, criada nesta mesma época por Austin. Primeiramente porque tanto Austin quanto Lacan recusam uma concepção funcionalista da comunicação, na análise das enunciações. Lacan recusa a idéia de que a linguagem tenha sucesso em comunicar, e Austin não só contesta a função predominantemente descritiva da fala, como explora os insucessos (infelicidades) dos performativos. Em segundo lugar, ambos abandonam uma perspectiva mentalista, de que a fala representa ou descreve estados psíquicos ou interiores.

Além disso, na idéia austiniana das regras convencionais que têm que ser respeitadas para o sucesso do performativo, já está incluída a referência ao interlocutor (como no casamento, em que é necessário que o outro também diga "sim", para que ele se efetive). A categoria de regra convencional aponta para o papel que Lacan está concedendo à intersubjetividade, o papel transformador que a fala exerce sobre os dois interessados.

---

213 Miller, J. A. "Les réponses du réel" em "Aspects du malaise dans la civilisation", Paris, Navarin, 1987, p. 15

214 Forrester, J. "Seduções da Psicanálise", Campinas, Papirus, 1990

O aspecto de afinidade entre Austin e Lacan que é o mais destacado por Forrester, é o aspecto de pacto na fala, a dimensão de convenção, de sustentação contratual dos atos de fala. Defende a idéia de que a fala plena, envolvendo o plano do reconhecimento e unindo os sujeitos nesse pacto que os transforma e posiciona como sujeitos humanos que se comunicam, é mais importante para Lacan do que a ênfase no objeto da fala, tido como externo ao próprio ato de falar. A fala compromete os sujeitos em um pacto simbólico.

Nessa época, Lacan privilegia a nomeação, a invocação, a promessa, e principalmente a fala fundadora, que investe o outro com uma nova realidade, tal como "és minha mulher". Forrester indica a correspondência desse privilégio com o aspecto contratual do ato de fala, tal como posto em evidência por Austin. O papel de fiador que dá Lacan ao Outro, já que o pacto de fala invoca necessariamente a boa-fé, também aponta para esse aspecto convencional destacado por Austin. Dessa forma, para Forrester,

*"a ênfase de Austin no casamento, na aposta, no nomear, presta-se aos designios de Lacan, a saber, à conexão entre o "eu" e o "tu" na fala fundadora"*<sup>215</sup>.

Entretanto, essa afinidade encontrada entre Austin e o Lacan destas primeiras elaborações possivelmente não indica que tenha havido historicamente qualquer conhecimento prévio pensamento de Austin por parte de Lacan, mas resulta do próprio efeito retroativo que a leitura de Austin exerce na interpretação, proposta por Forrester, do ensino de Lacan<sup>216</sup>. De resto, indica também que a teorização sobre a fala a partir da experiência psicanalítica tende sempre a

---

215 idem p. 18

216 Birman, J., comunicação pessoal

transbordar do campo da concepção de fala que é delimitado pela linguística estrutural.

Embora aceite essa aproximação entre a palavra fundadora de Lacan e o performativo como justa, Cottet acusará Forrester de tomar essa primeira doutrina lacaniana do simbólico contra um outro Lacan, o Lacan da tese do inconsciente estruturado como uma linguagem (embora esta tese já esteja presente desde o "Discurso de Roma") e o Lacan posterior, da combinatória do significante. A ênfase nessa analogia, assim como o destaque dado aos pactos de fala, deixa no silêncio os efeitos da linguagem sobre o sujeito. A tese da fala estaria sendo utilizada contra a do significante: "*o fazer é estruturado pela fala*"<sup>217</sup>. Isso seria a reabilitação da fala como comportamento, como fazer, redundando em subtrair o ato à ditadura do inconsciente.

Cottet suspeita que haja nesse resgate dos atos de fala ligados à fala fundadora, o horror aos efeitos da linguagem sofridos pelo sujeito passivamente, assim como a promoção de um sujeito, como agente do ato, que não seria dividido pelo significante.

Não se vê muito bem porque a promoção do sujeito do ato de fala estaria em contradição com a tese do inconsciente estruturado como linguagem, e nem mesmo com a do inconsciente, de modo geral. O sujeito do ato, para a psicanálise, é sempre dividido. Se a contradição entre os efeitos da linguagem sofridos passivamente pelo sujeito e sua possibilidade de se presentificar em um ato de fala for tomada radicalmente, ao escolhermos a linguagem como único

---

217 Cottet, S. "*Anatomie de l'acte*", "L'An" nº 23, 1985, p. 26

agente, não teremos mais sujeito algum, mas um mero "asujeitado".

Mesmo sem aceitar que a concepção austiniana dos atos de fala tenha influenciado Lacan na valorização do papel da fala, podemos discutir, a partir do argumento de Cottet, sobre a legitimidade de uma apropriação, pela psicanálise, da filosofia da linguagem austiniana, que naturalmente não coloca a questão do inconsciente em seu campo. Nessa apropriação, a transposição para o campo psicanalítico que guarda sua especificidade irreduzível certamente implicará em uma transformação das concepções de Austin. Aliás foi exatamente o que fez Lacan com a linguística estrutural, dando-lhe uma versão tão deformada que François George qualificou-a, com senso de humor, de "*pere-version*"<sup>218</sup>.

Haverá uma mudança de rumo na teoria de Lacan, que coincide com o estudo mais aprofundado do "Curso de Linguística Geral", em que ele passará a se apoiar de forma mais decidida no estruturalismo de Saussure e Jakobson. As reformulações promovidas nessa nova fase respondem à dificuldade em que Lacan é colocado de conciliar a língua e as estruturas elementares, que são estruturas sem sujeito, com a função que dá em 1953 à fala, de mediação, expressão e de realização do sujeito<sup>219</sup>.

Miller descreve essa mudança como um deslocamento do interesse da vertente da fala para a da linguagem. A primeira fase, a da fala mediadora e pacificante e da cura como um processo intersubjetivo em que se dá o

---

218 Dosse, F. "*História do Estruturalismo*", São Paulo, Unicamp, 1993, p. 147

219 cf. Miller, J.A. "*Les réponses du réel*" em "*Aspects du malaise dans la civilisation*", Navarin, 1987, p. 17

reestabelecimento da história através de uma significação a *posteriori* das experiências que ficaram opacas, gradualmente cederá lugar a uma outra. A ênfase passa para uma ordem simbólica como "*conjunto diacrítico de elementos discretos, como tais privados de sentido, estrutura articulada, combinatória e autônoma*"<sup>220</sup>.

Em 1957, Lacan adota o algoritmo saussureano, enaltecendo-o como o fundamento da cientificidade da linguística, mas ao fazê-lo escreve o S do significante com maiúscula e o do significado com minúscula, assim como inverte as posições do significante e do significado em relação à barra, para acentuar a primazia do significante. Essa primazia do significante significa que temos que

*"nos livrar da ilusão que o significante corresponde ou responde à função de representar o significado, ou melhor, que o significante tem que responder por sua existência em nome de qualquer significação"*<sup>221</sup>.

A barra é reinterpretada como uma barreira resistente à significação, e o significado desliza incessantemente sob o significante, o que esvazia a relação estabelecida entre os dois termos do algoritmo.

Na intenção de destacar que as palavras não contêm um sentido que lhes seja próprio, fora da referência diacrítica aos outros significantes, Lacan passará a usar como marco, não mais o algoritmo único, mas a cadeia significante, que requer que os significantes sejam ao menos dois. A noção parte de Saussure, que afirma que não existe qualquer imagem vocal que possa corresponder, mais que qualquer outra, ao que se quer dizer, e que, portanto, um fragmento de

220 Miller, J.A. "Jacques Lacan 1901-1981", *Ornicar?* no 24, 1981, p. 10

221 Lacan, J. "L'instance de la lettre dans l'inconscient" (1957), em "*Ecrits*", Seuil, 1966 p. 498

linguagem só se pode fundar na sua diferença em relação ao resto. A arbitrariedade dos signos e seu cunho diferencial são correlativos. A teoria diacrítica do sentido implica em uma circularidade, em que o sistema de significações só se articula arbitrariamente com a realidade, pois só remete a si mesmo<sup>222</sup>.

Com a separação entre significante e significado, Lacan diferencia a linguagem dos signos. As significações não apontam para o real, mas remetem sempre para outras significações, e as significações são criadas pelos jogos de significante. O diagrama com o desenho da árvore, ilustrando o algoritmo de Saussure, tendia a obscurecer a perspectiva diacrítica do valor do signo, e Saussure mesmo teve que negar que ele se referisse à relação da palavra com uma coisa real.

Na cadeia significante articulam-se a fala e a estrutura da língua. Nos mecanismos de deslocamento e condensação, com que Freud caracteriza o processo primário de circulação de energias, Lacan reencontrará os efeitos de linguagem da metonímia e da metáfora.

Sem dúvida, promovendo a metáfora e a metonímia, Lacan busca reencontrar a estrutura da língua (*langue*) como definida por Saussure, que distinguia entre o eixo associativo (paradigmático) da linguagem, relativo às substituições, e o eixo sintagmático, relativo às combinações.

No estudo das afasias, Jakobson retoma a oposição entre sintagma e associação para caracterizar os distúrbios da

222 cf. Wilden, "Lacan and the discourse of the other", em Lacan, J. "Speech and language in psychoanalysis", London, John Hopkins University, 1984, p. 217



fala, segundo se dêem na vertente da escolha de palavras (relação de similaridade), ou na da combinação das palavras (relação de contiguidade). A partir disso, relacionando os dois tipos de afasia às principais figuras de retórica, propõe que o discurso exige dois tipos de operações: as metafóricas, referentes à seleção, e as metonímicas, referentes à combinação. As operações linguísticas fundamentais - metáfora e metonímia - também são estendidas, por Jakobson, da abordagem das afasias para o campo mais amplo da fala normal e da literatura.

Jakobson aproxima o deslocamento e a condensação da metonímia, e a identificação e o simbolismo à metáfora. Lacan, que o conhece em 1950 e se torna seu amigo, propõe uma correlação entre as operações estruturantes da fala e os mecanismos de condensação e deslocamento, de uma forma um pouco diferente. A condensação e o deslocamento são considerados respectivamente como os efeitos de substituição e combinação do significante, o primeiro na dimensão sincrônica, e o segundo na dimensão diacrônica. A referência da metáfora é ao código, e a da metonímia é ao contexto da mensagem.

Para Jakobson a poesia é predominantemente metafórica. Lacan vai aproveitar esse achado para recolocar na perspectiva estrutural o lugar do sujeito. Os jogos de significante vão produzir os efeitos de significado, e a função poética, expressa principalmente na substituição de um significante por outro na metáfora, é que irá apontar para o lugar do sujeito. Respondendo a Perelman, em 1960,

diz que em sua teoria reencontra a retórica<sup>223</sup>, tratando então metáfora e metonímia como figuras do discurso.

Nessa fase em que a cadeia significante é promovida a partir do princípio diacrítico do significante, há uma mudança no estatuto do sujeito. No lugar de sujeito que se engendra na sua fala, ele passa a ser considerado predominantemente como sujeito efeito do significante, e entre essas duas perspectivas há uma oposição. O sujeito que a análise coloca em jogo passa a ser "falado, e não falante"<sup>224</sup>. Na verdade, essa substituição não é completa; essas duas perspectivas de sujeito, de uma forma ou outra, acabam por coexistir nos textos, já que é impossível abandonar totalmente o sujeito do ato de fala ao tratar da experiência psicanalítica. Podemos nos perguntar se a oposição que Miller identifica entre ambos não corresponde à antinomia entre língua e fala e a reflete; talvez essa antinomia se deva apenas à insistência de Lacan em pensar a linguagem dentro do modelo da linguística estrutural considerada como o ideal das ciências humanas, e não dentro de uma perspectiva pragmática.

É inegável o interesse da linguística estrutural que, na medida em que constitui a língua como um objeto inteiramente autônomo e estuda suas leis próprias, levanta uma questão fundamental para a psicanálise: a de que o sujeito que fala utiliza uma linguagem que o antecede, cuja história e leis ele desconhece, na qual tem que alojar sua

---

223 Lacan, J., "Appendice II - La métaphore du sujet" (1961), em "Ecrits" p. 889

224 Miller, J.A. "Les réponses du réel" em "Aspects du malaise dans la civilisation", Navarin, 1987, p. 16

fala e onde seus pensamentos encontram o sistema de suas possibilidades<sup>225</sup>.

Entretanto, como o estruturalismo linguístico exclui de seu campo toda a referência às relações entre o sujeito e sua fala, assim como abstrai de suas considerações o contexto em que a fala se dá, a psicanálise só pode importá-lo para seu campo, que trata de experiências, restituindo e definindo o lugar da subjetividade em relação à estrutura<sup>226</sup>. Na experiência psicanalítica o lugar da subjetividade não pode ser eliminado.

Lacan continua a usar conceitos da linguística estrutural e não reconhece explicitamente sua falência em dar conta da linguagem tal como se dá na prática psicanalítica. Entretanto, ao longo de seu ensino, evidencia-se um crescente desacordo entre sua decidida promoção da experiência analítica e a adesão a essa teoria da linguagem.

Sem dúvida é a incompatibilidade entre a promoção da experiência e a "língua" como estrutura sem sujeito, que o leva a uma declaração que soa como uma confissão de sua desistência em relação ao projeto de tomar a linguística estrutural como guia para uma delimitação da psicanálise como ciência humana:

*"E pela linguística que a psicanálise poderia se engatar à ciência. Mas a psicanálise não é uma ciência é uma prática"*<sup>227</sup>.

---

225 Foucault, M. "As Palavras e as Coisas", S.P., Martins Fontes, p. 422

226 cf. Miller, J.A., "Matemas I", Buenos Aires, Manantial, 1987, p. 9

227 Conferência no Massachusetts Institute of Technology em 2 de dezembro de 1975, Scilicet 6/7, Seuil, 1976, p. 53

Tentaremos demonstrar que a desistência de legitimar a psicanálise como ciência através do modelo da linguística estrutural é uma consequência, no pensamento lacaniano, da necessidade de conceder à pulsão uma dignidade à altura da que preconizava Freud, ao afirmar que a pulsão é um conceito fundamental da psicanálise. Necessidade que também se liga ao fato de que o sujeito da psicanálise é inseparável do campo da pulsão.

Como vimos, é no seminário de 1964 que Lacan se dedica a promover a uma posição central em seu ensino o papel da pulsão. Esse seminário tem como abertura exatamente uma discussão centrada na questão seguinte: pode a psicanálise ser uma ciência, se partimos de sua condição de praxis? Podemos ter uma apreensão científica de uma experiência, como campo de uma praxis? Lacan põe isso em dúvida, porque valoriza nessa experiência o dado que é o desejo do analista operando de forma correta. Esse fator é análogo à pureza de alma do alquimista, elemento essencial nas operações da alquimia, e que nos faz negar sua cientificidade.

Definida a prática como a ação que permite tratar o real pelo simbólico, e tratando-se na psicanálise de intervenções do analista que promovem a cura, e não de uma atividade teórica, o desejo do analista torna-se uma questão fundamental. Assim sendo, Lacan chega a questionar-se se os conceitos psicanalíticos, em sua dependência ao desejo de Freud, são verdadeiramente conceitos. O título original do seminário, aliás, era "Os fundamentos da psicanálise", e não

"Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise", que foi o título dado por Miller, ao publicá-lo <sup>228</sup>.

O papel da pulsão, de abordagem tão difícil segundo Lacan, só agora conquista um primeiro plano. O fato de ter sido relegado a um lugar secundário no início do pensamento de Lacan, é algo que pode ser considerado como consequência do próprio paradigma estruturalista. A necessidade de colocar a pulsão em relevo, daí por diante, parece-nos o fator principal que o obriga a situar-se de forma diferente em relação a esse paradigma. Poderíamos assinalar, como uma consequência disso, que a própria noção de estruturalismo a que Lacan subscrevia, teve que sofrer uma inflexão importante. Desiste da estrutura completa dos estruturalistas e subscreve a uma estrutura "*antidômica e descompletada*"<sup>229</sup>.

Sem dúvida, ao colocar em primeiro plano, em seu ensino, a noção de discurso, que define como vínculo social (a mesma definição que dava Austin dos atos de fala), Lacan está imprimindo uma nova direção a seu pensamento e, como Austin, subordinando a linguagem a uma pragmática.

A conceituação de discurso, proposta por Lacan, como uma estrutura de relações inteiramente dependente da linguagem, aponta para a apropriação produtiva que a psicanálise pode fazer da teoria de Austin, situando a centralidade do inconsciente e da pulsão nesta apropriação. O discurso ultrapassa as enunciações efetivas, as palavras são ocasionais. As condutas e os atos nele se inscrevem na

---

228 cf. Miller, J.A. "*Comentario del seminario inexistente*", Buenos Aires, Manantial, 1992, p. 16

229 Miller "*Jacques Lacan 1901-1981*" em "*Ornicar?*" nº 24, 1981, p. 11

moldura de certos enunciados primordiais, como os que se revelam na análise sob o aspecto do supereu. O discurso, como vínculo social, não tem o sujeito como agente, mas o determina, o que destitui o sujeito da consciência. Desta forma o inconsciente é situado como alteritário. O sujeito do discurso não se sabe enquanto sustentando o discurso. E mais do que não saber o que se diz; o que o inconsciente significa, para Lacan, é que há um saber sem sujeito. E porque o sujeito é determinado pelo discurso, que Lacan propõe o termo intersignificância em vez de intersubjetividade.

Dessa estrutura do discurso faz parte um resto da operação significante que é o objeto "a". Na formalização do discurso como estrutura, o "a" introduz um elemento de impossibilidade, mas que é o que interessa na experiência psicanalítica. O gozo pulsional é o lugar de origem do discurso, é dele que o discurso emerge<sup>230</sup>, mas ao dele se aproximar o discurso tropeça. Assim, Lacan, situa a pulsão em uma posição absolutamente central no discurso.

Não há um sujeito (da consciência) que determina o ato, a partir de sua vontade, mas o ato é primeiro, e reflete a incidência do significante no ser falante, envolvendo sempre, portanto, algo que escapa ao sujeito. O sujeito se produz por sua retomada pelo trabalho simbólico, pela interpretação, assim se situando em relação ao ato como desejo.

Se o sujeito é um efeito correlativo à interpretação, é a pulsão que está em questão no ato. Para isso aponta a

---

230 cf. Lacan, J., "*L'Envers de la psychanalyse*" (1969-70), Paris, Seuil, 1991, ps. 80 e 81

leitura efetuada anteriormente, por Lacan, da questão da pulsão e do objeto pulsional em Freud. O alvo (*ziel*) e o objeto da pulsão são sempre diferenciados por Freud, o que indica que não se situam em um mesmo lugar. O objeto, batizado por Lacan de objeto "a", está na posição de causa do desejo, e não na posição de objeto visado pelo desejo.

Com o objeto "a" Lacan busca retificar uma concepção de objeto que, a partir da filosofia moderna, especialmente da categoria de "intencionalidade da consciência", na fenomenologia de Husserl, tendia a infiltrar-se na psicanálise obscurecendo o papel da pulsão e do inconsciente.

A fenomenologia de Husserl, com a "intencionalidade", recupera o direito da consciência ao conhecimento, encarando-a como uma consciência voltada para as coisas, consciência de algo, e atribuindo um papel central à subjetividade, o que caracteriza uma nova versão do idealismo. A teoria do conhecimento, para estudar as relações entre a consciência e o ser do objeto, teria apenas que elucidar o modo pelo qual a consciência visa este objeto<sup>231</sup>.

A influência dessa perspectiva do objeto como visado, e, no caso da psicanálise, visado pelo desejo, teria, segundo Lacan, esterilizado a teoria das relações de objeto. Em oposição ao modelo da intencionalidade, o objeto é causa do desejo. O objeto "a" pode ser ilustrado pelo fetiche, algo de exterior, como um sapato, que lá está para sustentar o desejo. O conceito de pulsão, portanto, contraria o hábito

231 Schérer, R., "Husserl, a Fenomenologia e seus desenvolvimentos" em Châtelet, F., "História da filosofia" vol. 6, Zahar, 1974, p. 236

de colocar o sujeito como fonte de uma tendência. O lugar onde está o objeto "a", no plano inconsciente, é onde tendemos ilusóriamente a colocar o "eu"<sup>232</sup>. A ilusão de autonomia do eu é questionada radicalmente pela pulsão, como uma causa que pode ser pensada topologicamente como um exterior antes da possibilidade de uma interiorização.

Depois dessa digressão sobre o papel da pulsão, voltemos à concepção de linguagem em Lacan, e como as sucessivas reformulações vão respondendo a um afastamento da linguística estrutural, na mesma medida em que a pulsão vai encontrando no seu pensamento um lugar mais importante.

A partir dessa relevância concedida a pulsão, Lacan irá considerar, nos anos 70, que a linguística nada pode dizer do inconsciente, porque ignora o real que motiva a linguagem, pondo um freio em sua deriva. Neste lugar está exatamente o objeto causa de desejo, colocado em causa na situação analítica<sup>233</sup>

Adicionando mais um passo no seu movimento de conceber a linguagem dentro de uma pragmática, diferencia o dizer e o dito<sup>234</sup>. Essa oposição é correlativa a que propôs o linguista Bally, em 1932, entre enunciado e enunciação. O dizer é o que se esconde sob o dito. O dito não é a estrutura, mas a ficção de superfície que recobre a estrutura. A estrutura está nesse ponto completamente diferenciada da "língua" saussureana, que é abstraída a partir dos enunciados. Está referida ao ponto do dizer, ou seja, o ponto de enunciação. A "língua" saussureana descarta

---

232 Lacan, J. "L'Angoisse", inédito, seminário de 16-1-63

233 cf. Lacan, J. "L'Étourdit" (1972), em "Scilicet" nº 4, 1973, p. 46

234 idem



inteiramente a enunciação de seu interesse, deixando ao sujeito um lugar puramente passivo.

Nessa fase, Lacan justifica seu aforismo de que inconsciente é estruturado como linguagem, através da reflexão de que é na análise que ele se ordena em discurso; ele se apoia no próprio discurso que o estabelece. As leis invariantes que estruturam o inconsciente se diferenciam das leis da linguística ou da antropologia estrutural, a estrutura é referida a uma prática, a própria prática analítica.

Por isso mesmo surge o neologismo "alingua" em oposição à "lingua" saussureana, delimitando o papel da linguagem na experiência analítica. A "alingua", como diferenciada da linguagem, é uma noção claramente introduzida com o objetivo de articular a pulsão à linguagem, algo que a "lingua" (*langue*) da linguística, em seu caráter de sistema fechado, não permitiria. Com o termo "alingua" Lacan busca opor sua concepção de linguagem à idéia de uma universalidade da linguagem que é construída pela linguística. Tanto assim que inventa uma nova "ciência" da linguagem, a "linguisteria", que se ocupa da "alingua", dentro de uma perspectiva mais apropriada à psicanálise, já que a análise do inconsciente remete à singularidade e ao particular.

Nesse movimento de integração entre pulsão e linguagem, a linguagem é tomada como um "aparelho de gozo"<sup>235</sup> para a abordagem da realidade. A linguagem é a condição do inconsciente, mas o inconsciente é feito de "alingua", e não de linguagem. A linguagem é caracterizada como um saber

---

235 Lacan, J. "Mais, ainda" (1972-73), R.J., Zahar, 1982, p. 76

sobre "alingua". Esta não apenas serve à comunicação, mas tem efeitos no corpo, articula um saber que vai muito além do que se pode efetivamente dizer, e tem como efeito afetos para sempre enigmáticos. O inconsciente é um saber-fazer com "alingua". E portanto da ordem do ato.

A pulsão é, pelo viés da "alingua", novamente amalgamada à linguagem. A "alingua", é referida a um sistema fonemático. Um sistema fonemático é um conjunto de fonemas próprios à uma língua, que pode ser delimitado na fala, e que é destituído de sentido. Nessa substância sonora, é onde se pode pensar as marcas fundadoras do desejo, a partir do desejo do Outro. Nesse contexto, adquire um novo sentido a relevância dada por Lacan à voz como objeto da pulsão. Voz que, junto com o olhar, ele acrescentou aos objetos pulsionais descritos por Freud. A fala materna, em sua dimensão de sonoridade, instalará a linguagem como atada à pulsão, a linguagem que é a que interessa à psicanálise.

No ato de fala, a singularidade e a pulsão se afirmam, e de um modo que é relativo à prática social que está em questão. Reencontramos a preocupação de Lacan com a circunscrição dos laços sociais, que redundará na conceituação dos discursos, levando a psicanálise no sentido de uma pragmática; o que se opõe à metodologia de estudo da "língua", que abstrai as questões sociais concretas, para ocupar-se exclusivamente das leis de funcionamento da linguagem, leis que regem as formações dos ditos, dos enunciados, e desconsideram a enunciação, enquanto esta faz intervir outros fatores além dos puramente linguísticos.

A incompatibilidade da linguística saussureana com o campo da psicanálise entendido como uma prática e com a

pulsão e o inconsciente como referidos à singularidade de uma história, com que o trabalho de Lacan seguidamente esbarra, leva-o gradativamente ao abandono da linguística como modelo. Entretanto, Lacan não explicita esse impasse quando propõe as novas concepções com que responde a ele, e continua a empregar a terminologia da linguística saussureana; isso constitui um obstáculo para que o leitor possa apreender o sentido das reformulações que promove.

Poucas vezes, o fato de que as reformulações teóricas empreendidas significam uma mudança de posição em relação ao modelo linguístico é indicado com clareza. Uma delas ocorreu em uma conferência na Columbia University. Nessa ocasião, Lacan afirma que a psicanálise só intervem a partir de uma verdade particular porque

*"uma criança não é uma criança abstrata; ela teve uma história e uma história que se especifica por essa particularidade; não é a mesma coisa ter tido sua mãe ou a mãe do vizinho..."<sup>236</sup>.*

A seguir, explicando o sentido de sua fórmula "o inconsciente é estruturado como uma linguagem": "... uma linguagem não é a linguagem; há algo em "a linguagem" de excessivamente geral, de excessivamente lógico"<sup>237</sup>.

Apesar da tardia admissão da incompatibilidade entre a objetividade da linguística estrutural e o campo da psicanálise como uma prática referida à singularidade, desde seus primeiros trabalhos sua experiência clínica convocou a presença, em seu ensino, da perspectiva da psicanálise como prática, como demonstra sua preocupação com a ética da

---

236 Lacan, J. "Conférences et entretiens", Scilicet 6/7, Seuil, 1976, ps. 44-45

237 idem, p. 47

psicanálise, assim como o uso seguido que faz das metáforas políticas e militares.

Em 54<sup>238</sup>, por exemplo, já se refere a Clausewitz, general prussiano e estudioso de história que, analisando as campanhas militares de Frederico o Grande e Napoleão, escreveu o livro "Sobre a guerra", sobre a estratégia. Sua maior contribuição é a doutrina da direção política dos assuntos militares, já que a guerra é considerada como a continuação das relações políticas, e não como um fim em si mesma. As metáforas militares e políticas são seguidamente utilizadas, neste caso para criticar a análise das defesas. Em "A direção da Cura", as idéias de tática e estratégia permeiam todo o texto, e no seminário inédito "O ato psicanalítico", a assimetria entre as partes na guerra metaforiza o papel do objeto "a".

No seminário sobre a ética da psicanálise, Lacan define a ética como um juízo sobre a ação, e considera que a metapsicologia freudiana reflete um pensamento ético. O que está implicado neste ponto de vista é que o problema da ação tem o papel de um fio condutor na teoria psicanalítica. Por esse motivo, concluirá no seminário XI que o estatuto do inconsciente é ético<sup>239</sup>.

Em diversos momentos Lacan apoia-se na distinção entre *ortodoxa* e *epistémé* apresentada no pequeno e conhecido diálogo de Platão, o "Ménon", de uma forma que esclarece o estatuto que dá à psicanálise, como prática, assim como a

---

238 Lacan, J. "Introduction au commentaire de Jean Hyppolite sur la "Verneinung" de Freud", em "Ecrits", Seuil, 1966.

239 cf. Bekerman, J. "Raíces del concepto de acto en el semanario VII y en la primera topica: placer, realidad y mas alla", em "Acerca de la etica del psicoanálisis", Manancial, Buenos Aires, 1990.

relativa incompatibilidade que acredita haver entre um saber operatório em uma prática e um saber especulativo. Propomos então acompanhar alguns dos contextos em que o *Mênon* é citado em seu ensino, tentando esclarecer essa distinção.

### 5.6 - A *Epistemé*, a *Ortodoxa*, e o Saber Psicanalítico

Muitas vezes Lacan citou o "*Mênon*", utilizando-o para elaborar idéias que iam surgindo ao longo dos anos. Tão cedo quanto em 1954, o "*Mênon*" é explorado no seminário sobre o Eu, a propósito da delimitação entre saber e verdade. Muitos anos mais tarde, no seminário sobre o ato psicanalítico, Lacan rememora o "*Mênon*". Novas considerações surgem então, pouco depois da introdução do sujeito-suposto-saber, como função situada no fundamento da transferência. Em "*Télévision*", de 73, Lacan volta a citar o "*Mênon*" para indicar que há acesso do particular à verdade, e de que um discurso que procede do particular pode transmitir o novo.

A questão inicial do "*Mênon*" é a de se a virtude pode ser ensinada, uma questão atual àquela época. E a virtude um dom da natureza? Poderá haver uma ciência da virtude? Nesse caso a virtude poderia ser ensinada...

A moral e a política se confundem, na filosofia grega. A virtude tem um sentido, na Grécia, diferente da virtude cristã. É algo de mais viril, sem laços com a humildade, o que leva Koyré a sugerir que uma melhor tradução para *areté* seria "valor", no sentido em que se diz um homem ou um soldado valoroso<sup>240</sup>.

---

240 Koyré, A. "*Introduction à la lecture de Platon suivie des entretiens sur Descartes*", Gallimard, 1962, p. 22

Depois de que Sócrates mostra a Mênon a fragilidade das tentativas de definição da virtude que este ensaiou, Mênon traz a seguinte questão: como poderemos procurar o que ignoramos? Se o encontrássemos, como poderíamos saber que encontramos o que procurávamos?

E assim que a teoria da reminiscência é invocada para solucionar este impasse, de que não podemos buscar o que ignoramos totalmente. O saber é uma reminiscência, e aprender é recordar-se. O mestre então não ensina, se ensino designa uma atividade do mestre à qual o aluno se submete passivamente, guardando em sua memória o que ouve. A atividade do mestre é fazer com que o aluno descubra, se recorde de um conhecimento que já tem "em seu íntimo" e é essa a demonstração que encontramos no diálogo. Sócrates interroga um escravo de Mênon que jamais tivera contato com a matemática, e suas questões fazem com que o escravo chegue às respostas corretas, à descoberta de uma proposição da geometria.

Todas as tentativas de definição da virtude fracassam, e, com efeito, o diálogo termina com um aparente impasse. Sócrates conclui que a virtude parece ser, nos que são virtuosos, o resultado de um favor divino, mas sobre o que ela é exatamente, não se chegou a uma conclusão. O diálogo pode ser lido como uma discussão em que Sócrates busca ensinar a Mênon, aluno e amigo dos sofistas, sobre a virtude, justamente através de questionar suas suposições de que a virtude seria a busca de coisas boas tais como a riqueza, o poder, as honrarias da política, e que poderia ser aprendida como uma simples técnica, tal como as da medicina, do instrumento musical, ou da confecção de

sapatos, para se alcançar um fim desejado. O sofista não pode ensinar a virtude, parece ser a demonstração de Sócrates.

Sócrates inicialmente indica que a virtude, para que leve ao bem, depende da razão, já que as melhores qualidades da alma não poderiam trazer bons frutos sem a inteligência. As boas intenções não são suficientes para a definição da virtude, que implica a capacidade de conseguir bons resultados.

A virtude só se poderia ensinar, ou ser susceptível de reminiscência, o que daria no mesmo, se fosse ciência, já que existem mestres das ciências. Entretanto, não parece haver mestres da virtude.

A Anytos, rico burguês de Atenas que chega agora, Sócrates pergunta quem seriam os mestres que poderiam ensinar a virtude definida pela boa administração da casa e do Estado, os cuidados com os progenitores e o saber receber e despedir compatriotas e estrangeiros de modo digno. Anytos responde que há os homens bons de Atenas, que podem ser ouvidos. Sócrates concorda em que há e houve bons homens, mas a questão é outra, a de se souberam transmitir a virtude. Temístocles, Tucídides, Aristides ou Péricles, os grandes políticos, não puderam ensinar a ninguém a virtude, especialmente a seus filhos, embora obviamente o desejassem. Ora a virtude não se ensina, e portanto não é ciência, como também não é um dom da natureza.

Entretanto, não é só a ciência que conduz à ação bem sucedida, e este é o "achado" de Sócrates que é a chave para o texto. Para ir a Larissa, pode nos conduzir bem um guia

que conheça o caminho, ou um guia que, embora sem o conhecer, com base em uma conjetura, nos leve corretamente. Assim, através dessa analogia (Mênnon era de Larissa) Sócrates conclui que a virtude é *ortodoxa*, a opinião verdadeira, algo que é como uma crença, uma convicção, cega mas justa, e que, com relação à prática, é equivalente ao saber; embora, diferentemente do saber, ela não seja encadeada por um raciocínio de causalidade. Quando as opiniões verdadeiras são amarradas, transformam-se em conhecimento, em ciência. O encadeamento racional é o que dará estabilidade à opinião.

Para compreender o diálogo, é preciso lembrar que a distinção entre filosofia e ciência tem, quando muito, um século e meio<sup>241</sup>. O saber é, para Sócrates e Platão, definido por critérios de racionalidade, pela exigência de coerência, muito antes do desenvolvimento da ciência experimental, de tal forma que podemos considerar sua obra como estando no horizonte de toda a investigação teórica, até nossos dias<sup>242</sup>.

O "Mênnon" é retomado por Lacan, no "Seminário 2", para recuperar essa distinção entre o saber ligado ou *epistemé*, e a *ortodoxa*, a opinião verdadeira (mais habitualmente traduzida como opinião justa), articulando-a à antinomia entre saber e verdade, tal como propõe a partir do campo da psicanálise.

No "Mênnon", já está indicado como a *epistemé*, o saber ligado em uma articulação formal, não cobre o campo da experiência humana. Sócrates busca construir uma *epistemé*

241 cf. Chatelet, F. "Platão" em "História da Filosofia - a filosofia pagã", vol. I, Zahar, 1973, p. 98

242 idem p. 65



contra os sofistas, mas percebe que ela não dá conta de tudo. Não há uma *epistémé* da virtude essencial, a virtude política, e a ciência não pode ensinar os caminhos para se chegar a ela. Na prática política, no particular de uma situação histórica, é que tem lugar a opinião verdadeira, e portanto ela é da ordem do ato, e não de um saber especulativo. A verdade, em sua emergência, tem seu campo no diálogo e, nesse domínio, não se articula em um saber generalizável.

O campo da prática analítica é anterior à constituição do saber, o nível em que se dá a descoberta é o da *ortodoxa*, o da produção da verdade. A interpretação, portanto, não se funda em um saber, o saber na psicanálise é a *posteriori*.

A constituição de um saber da psicanálise ocorre a partir da experiência, do particular, mas para Lacan há uma antinomia, em certa medida irreduzível, entre os dois planos. Como no "Mênon", é a partir da virtude que um campo é aberto ao saber, mas a própria virtude, no que diz respeito à forma de sua emergência e sua transmissão, fica fora do campo. Não é tudo que o saber pode recobrar retroativamente. O saber ao qual se articula a verdade é dotado de uma inércia própria que lhe faz perder algo da virtude, ou seja, que determina o esquecimento do campo particular, das ocorrências onde pôde surgir. E justamente neste campo que tem lugar a dimensão da verdade que interessa à psicanálise na sua prática.

Lacan afirma que "a ciência não tem memória"<sup>243</sup>, justamente porque implica o esquecimento das peripécias

---

243 Lacan. J. "La Science et la Verité", "Ecrits", Seuil, 1966, p. 869

advento, o que justifica o papel de uma ilusão de efeitos inteiramente difundidos, que é a que encontra uma de suas formulações na teoria da reminiscência. O momento da emergência do novo, de uma nova ordem de estrutura, cria sua própria perspectiva de passado. É isso que fundamenta a crença de que ela existiu desde sempre. Não se pode, por exemplo, refletir sobre a origem da linguagem, senão dentro da ordem que ela constituiu; o pensamento não pode operar abstraído-se dela. Por isso o que é novo no campo do simbólico parece ter existido por toda a eternidade.

No diálogo de Sócrates com o escravo, o movimento da primeira parte da dialética, que é o de abalar suas convicções errôneas anteriores, pode ser tomado como uma demonstração de que a função simbólica só pode se introduzir na realidade contra as intuições anteriores, e não numa continuidade.

O simbólico cria, ao emergir, seu próprio passado. A cristalização da atividade simbólica, própria de um saber constituído, resulta, em qualquer saber, no esquecimento da função criadora da verdade em sua forma nascente.

A verdade tem como seu domínio a prática. A prática, no caso, não como entende o positivismo lógico, como uma aplicação da teoria, mas como lugar de emergência do novo.

A analogia entre a verdade da psicanálise e a *ortodoxa* diz, portanto, respeito à posição da verdade como articulada ao ato e aos seus efeitos, embora as concepções de verdade em questão sejam diversas, no caso da *ortodoxa*, e no campo da psicanálise. Esta se articula ao desejo e à pulsão.

Entretanto, a virtude política grega que produz resultados no sentido da boa administração, do que é útil ou

benéfico à coletividade, não deixa de ter alguma área de analogia com o ato analítico. Este também não se apoia em um saber constituído, e é da ordem de um saber fazer que só a posteriori, por seus efeitos, pode ser avaliado. Nossa única resposta é: "*Tudo ficará claro no curso dos desenvolvimentos futuros*"<sup>244</sup>.

O ato tem, para Lacan, um lugar análogo ao que é atribuído por Platão à *ortodoxa* no *Mênon*, à sua função, como já vimos, inaugural com relação à abertura de um campo para o saber. Essa valorização do ato envolve uma postura metodológica de consequências mais amplas, ou seja, a consideração da psicanálise como uma ciência prática, tendo como seu campo de interesse a ação, como a política ou a ética, em oposição a um saber teórico especulativo. A metapsicologia, nessa perspectiva, assume a posição de um saber forjado a partir da prática psicanalítica, e só avaliável por seu valor operatório nesta prática, e não como um saber explicativo do psiquismo humano.

---

244 Freud, S. "*Constructions in analysis*" (1937), S.E. vol.XXIII, citando Nestroy, p. 265

## 6 - ESBOÇO DE UMA CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA DO ATO

Não encontramos na investigação teórica de Freud muito espaço concedido à problemática do ato, mas as bases para situar essa problemática podem ser encontradas em contextos diferentes, esparsas em sua obra.

Acompanharemos as principais referências ao ato, em suas incidências no pensamento freudiano, na busca de delimitar as relações entre o ato e a pulsão. Partimos da perspectiva de que todo ato é simbólico, valorizando a concepção do ato de fala como permitindo a superação das dicotomias entre o ato e a linguagem.

"Totem e Tabu", texto em que Freud se dedica a pesquisar o fundamento da cultura e da sociedade, termina com a famosa citação que Goethe coloca na boca de Fausto: "*no início era o ato*". Ato com um valor inaugural e fundador da cultura, o assassinato coletivo do pai da horda.

A horda primitiva, mito que Freud busca em Darwin para construir as origens da cultura, era submetida ao poder de um pai tirânico que fazia de sua vontade a lei. Esse pai, violento e ciumento, guardava para si todas as mulheres, expulsando os filhos quando cresciam. Os filhos expulsos, um dia, motivados por seu ódio, reuniram-se juntando as suas forças e conseguiram assim assassinar e devorar o pai despótico, dando um fim nessa horda patriarcal. Devorando-o, os filhos selaram sua identificação com esse pai invejado e poderoso, através disso identificando-se também entre si.

A refeição totêmica é uma comemoração deste ato criminoso e memorável que marca o advento da organização social, das restrições morais e das religiões<sup>245</sup>.

Sentindo-se culpados por terem assassinado o pai temido e odiado, que os alijava do poder e das satisfações sexuais, mas também amado e admirado, os irmãos idealizam o pai poderoso, instituindo-o como totem e como Deus, o venerado fundador do grupo. O parricídio é indispensável ao advento da cultura, porque é a culpa gerada por ele que introduzirá a renúncia aos desejos e as restrições morais.

Assoun<sup>246</sup> considera que "Totem e Tabu" é insuficiente para dar conta do laço social. Para que o laço possa instalar-se, é preciso pensar em uma reabilitação do Pai, que o transforme de pai perseguidor em um pai que a todos ama e protege. É em uma idéia, presente em "Psicologia coletiva e análise do eu", que Assoun encontrará a chave para essa transformação necessária ao vínculo. A idéia é que as massas constituem uma "transposição idealista" da horda, em que o líder é erigido em ideal do ego de todos, e a ilusão de que a todos ama com o mesmo amor é o sustentáculo do laço social. É a idealização que permite a identificação entre os irmãos, e o pai deverá ser sempre reinventado pelo grupo.

A instituição da função paterna na origem responde à *"necessidade da referência a uma lei externa transcendente, impedindo a arma de guerra de ser o único "juízo divino"*<sup>247</sup>. O pai morto vai fundar a interdição do incesto e

245 cf Freud, S. "Totem and taboo" (1913), S.E. vol. XIII, p. 142

246 Assoun, P.-L., "Le sujet de l'ideal" em "Aspects du malaise dans la civilisation", Paris, Navarin, 1987

247 Eugene Enriquez "Da horda ao estado", Zahar, 1990, p. 34

do assassinato entre os irmãos, o que leva Freud à curiosa observação de que "o pai morto se torna mais forte do que o vivo tinha sido"<sup>248</sup>. A lei deixa de ser a vontade do pai onipotente, e passa a resultar do acordo entre os irmãos, tornando-se uma lei simbólica, a qual todos estão sujeitos<sup>249</sup>. As brigas entre os irmãos pelo lugar de poder anteriormente ocupado pelo pai, por perigosas e inúteis, acabaram cedendo lugar a algum "tipo de contrato social"<sup>250</sup>. O poder do indivíduo é substituído pelo poder da coletividade, movimento que, como indica Freud em "Mal estar na cultura", é o passo decisivo para a constituição da civilização.

Dessa forma, nenhum dos irmãos pode mais ascender ao lugar do pai morto, lugar para sempre vazio. A culpa pelo assassinato transforma o pai real em pai simbólico, instaurando uma mediação na relação entre os irmãos.

Com esse mito, Freud apresenta o passo que permite distinguir estritamente o cultural do natural, como sendo o advento da proibição do incesto, posição depois endossada por Lévi-Strauss. O substrato comum encontrado por ele nas regras que regem as trocas matrimoniais, é a interdição do incesto, que se vê assim confirmada como uma lei universal.

O apotegma goethiano, citado no término de Totem e Tabu, aponta para a fundação do social a partir do ato

---

248 "Totem and taboo", S.E. vol.XIII, p. 143

249 O tabu como um imperativo categórico, não matar, é a inscrição do assassinato do Pai pelo avesso e o núcleo primitivo do supereu, de acordo com Coelho dos Santos, T. "A realidade psíquica, a sociedade e a cultura" em "Caderno da SPID" nº8, 1991

250 Freud, S., "Moses and monotheism" (1939 (1934-38)), S.E. vol. XXIII, p. 82.

humano. Contrapõe-se à fórmula de São João: "*no princípio era o Verbo*". Segundo Birman,

*"Goethe anuncia a ruptura radical com a tradição do cristianismo, rebelando-se contra a existência originária de uma palavra divina e indicando um sujeito que constrói sua humanidade através da história"*<sup>251</sup>.

Não se trata, portanto, de uma oposição entre o ato e o verbo, mas da oposição entre o poder fundador do verbo divino e o do ato humano.

Tomando nosso fantástico mito científico como metáfora da inscrição do sujeito na ordem simbólica não há como não reconhecer no *Urvater*, reeditado na palavra divina, o Outro primordial detentor do poder da fala e da linguagem, poder em relação ao qual se está de início inteiramente asujeitado. Na fenomenologia da psicose, tão bem circunscrita por Lacan, podemos encontrar a marca de uma relação de exterioridade com a linguagem, uma entrada no jogo dos significantes que traz o sinal de um "como se", envolvendo uma espécie de imitação<sup>252</sup>. O uso dos pronomes em terceira pessoa para se referir a si mesmo, que encontramos frequentemente na clínica, demonstra como se pode falar a partir de uma posição de total identificação com o Outro. A posição de habitar a linguagem, ao invés de ser possuído por ela, é o que permite ao sujeito tomar a palavra, o verdadeiro ato de fala.

A contraposição entre a fórmula de São João e a de Goethe tende a ser compreendida como a proposição de que linguagem e ato são realidades distintas e até opostas, e que Freud estaria privilegiando o ato às expensas da

251 Birman, J. "A palavra entre atos", em "Freud-50 anos depois", Relume-Dumará, 1989, p. 180-181

252 cf. Lacan, J, "As Psicoses" (1955-56), R.J., Zahar, 1985, p. 284,285

importância da linguagem. Em "Totem e Tabu", entretanto, Freud não opõe linguagem e ato; sua preocupação é tematizar as relações entre o pensar e o agir. É justamente como fecho das considerações que faz sobre essas relações, que cita Goethe. Observa que, diferentemente da distinção radical que estabelecemos costumeiramente entre o pensar e o agir, o neurótico e o primitivo os equacionam. O neurótico é inibido quanto à ação e contenta-se com o pensar; o pensamento é para ele um substituto completo do agir. No primitivo, ao contrário, o pensamento passa diretamente à ação e o ato é um substituto do pensamento.

A discussão sobre as relações entre pensar e agir surge a partir da indagação sobre a forma de realidade que poderia ser adscrita ao assassinato do pai primordial. Será que a culpabilidade do primitivo poderia ser concebido como da mesma ordem que a do neurótico, resultando do mero desejo de assassinar o pai? Qual a realidade desse assassinato mítico, realidade factual ou apenas psíquica?

Não podemos esquecer que Freud, em "Totem e Tabu", caracteriza a neurose exatamente por sua natureza asocial, pela tendência a escapar de uma realidade insatisfatória para um mundo imaginário em que as satisfações estão mais à mão:

*"Nesse mundo real do qual foge o neurótico reina a sociedade humana, com todas as instituições criadas pelo trabalho coletivo; evitar esta realidade é, ao mesmo tempo, excluir-se da comunidade humana"*<sup>253</sup>.

A fantasia de assassinar o pai, do neurótico, não pode ser equiparada à sua expressão social; a fantasia, que

---

253 Freud, S. "Totem and taboo", S.E. vol. XIII, p. 74



possui apenas realidade psíquica, não pode recobrir inteiramente o terreno do ato, que possui um alcance fundador no plano social, e portanto uma dimensão real. A moralidade não poderia ter como origem uma fantasia individual, isso redundaria em torná-la ininteligível enquanto instituição social<sup>254</sup>. Por isso é necessário que o assassinato da pai da horda seja pensado como um ato coletivo. O âmbito do ato excede o da realidade psíquica, por sua eficácia no plano social.

O mito é construído a partir das descobertas psicanalíticas para investigar as origens do laço social, e é por isso que Freud não se sente obrigado a renunciar a ele, nem mesmo quando o criticam por se basear em hipóteses da etnologia que foram abandonadas por equivocadas.

Tomando como referência o laço social, é que se pode estabelecer a oposição entre o desejo que é empregado na alteração do mundo e o que se limita à mera representação da situação desejosa<sup>255</sup>, que é a solução neurótica. O ato imprime um movimento irreversível de transformação do real, produzindo consequências no plano social, o que não se dá no fantasiar, no puro pensamento que se contenta com a representação.

O mero pensamento se opõe então ao ato (sempre simbólico, mesmo quando não é estritamente um ato de fala) a partir do alcance dos atos na realidade social. Mas a linguagem está implicada em ambos, já que o pensamento não pode dela prescindir, e que os atos só podem ser

---

254 cf. Kaufman, P. "*Psychoanalyse et théorie de la culture*", Denoel/Gonthier, 1974, p.117

255 cf. "*Totem and taboo*", S.E. vol. XIII, p. 84

compreendidos pela sua eficácia em um meio social que é permeado e estruturado pela linguagem.

Esta oposição entre a mera realidade psíquica e o ato encontra uma inserção adequada em uma distinção que Freud estabelece em 1914<sup>256</sup> entre a realidade psíquica, referida às cenas fictícias que o neurótico constrói na fantasia, e a realidade **prática**. A realidade psíquica deve ser levada em conta pelo analista ao mesmo tempo que a realidade prática. Mas o dimensionamento excessivo da realidade psíquica, na neurose, é sempre correlativa a algum grau de inibição do ato.

Na psicanálise a ação da palavra, sua efetividade, é a referência principal, é a palavra o instrumento da mutação. Não podemos, portanto, subscrever a uma oposição ingênua entre o ato e a palavra, posição para a qual o pensamento de Austin já nos adverte. Também Lacan considera que, na afirmativa de que no início era o ato, essa prioridade do ato não é contraditória com o verbo: "*Se não houver "a Palavra" antes do ato, pois bem, não poderá haver ato nenhum*"<sup>257</sup>. Efetivamente, para Freud, o que diferencia o ato da pura descarga é seu correlato significante.

Do mito da horda, o que se depreende é a significação inaugural que dá Freud ao ato. O ato simbólico é o que introduz o novo, com o duplo aspecto de destruição e de criação que caracteriza a inauguração no plano simbólico.

O valor inaugural do ato, no mito freudiano, enraiza-se na atuação das pulsões. Há evidentemente um paradoxo em postular uma culpabilidade que anteceda e propicie o advento

256 Freud, S., "On the history of psycho-analytic movement" (1914), S.E. vol. XIV, p. 17, 18

257 Lacan, J. Seminário R.S.I., inédito, p. 63.

da lei social. A solução freudiana é enraizar essa culpa na própria questão pulsional. A pulsão de destruição dá conta do assassinato inaugural, que toma um valor social, de edificação da cultura, por ser coletivo. A dimensão destrutiva da pulsão é condição para a sublimação. O mito também articula a função paterna ao registro pulsional pela idéia de que a identificação ao pai morto se dá através da incorporação, no banquete tomémico. Pelo viés do ato, a pulsão é articulada às estruturas sociais.

### 6.1 - O Ato Falho e o Chiste

"Psicopatologia da Vida Cotidiana" é o primeiro texto em que encontramos referenciais fecundos para pensar o ato a partir das descobertas psicanalíticas.

Foi o livro de Freud que mais aceitação inicial encontrou, por lidar com questões simples, do cotidiano de todos, e com uma linguagem bastante coloquial, às vezes prejudicada pelas traduções. A tradução de "*Fehlleistung*", por exemplo, que quer dizer literalmente ação falha ou realização falha, por "parapraxia", neologismo de raiz grega, embora conserve o sentido correto da expressão, introduz uma aura de cientificidade, de distanciamento da experiência cotidiana, que não está presente no original. É uma crítica que se aplica de uma forma geral às traduções influenciadas pela de Strachey para o inglês. No caso de "*fehlleistung*" essa tendência é ainda está mais acentuada, pelo fato de que o termo "parapraxia" é usado com relação ao analisando, e "lapso" (*slip*) quando se trata do

psicanalista, quando Freud utilizou a mesma palavra para ambos os casos.

"Interpretação dos Sonhos", "Psicopatologia da Vida Cotidiana" e o livro sobre os chistes são profundamente interligados. As descobertas relativas a cada um desses domínios não foram sucessivas, como as datas de publicação poderiam indicar. Já em 1897, Freud escreve a Fliess que colecionava as histórias judaicas que ilustrariam o tema dos chistes, e em 1898 relata dois atos falhos seus, ambos relativos a esquecimentos acompanhados de lembranças substitutivas, um deles o do esquecimento do nome "Signorelli", a que Freud dedicou um artigo que apareceu em uma revista especializada em neurologia e psiquiatria, no mesmo ano. Os três domínios abriram-se para Freud ao mesmo tempo.

Tanto "Interpretação dos Sonhos" quanto "Psicopatologia da Vida Cotidiana" são livros em que as descobertas se apoiam principalmente na análise de Freud. Quase todos os atos falhos explorados na primeira edição eram de Freud. Posteriormente o livro foi incorporando exemplos trazidos por amigos e colaboradores de Freud, e o número de páginas quadruplicou, perdendo o livro algo de sua organicidade e encadeamento teórico.

O livro marca o fim da amizade com Fliess. Em sua última carta a ele, de 1904, Freud diz que apenas uma mesquinha querela sobre prioridade e plágio levou Fliess a lhe escrever novamente, já que há muito - "*e o Cotidiano é a linha divisória*" - não se interessava mais por ele. Um dos atos falhos analisados no texto já aborda o pivô da querela. Freud fala a Fliess da questão da bissexualidade, sem se

lembrar de que este já lhe havia mencionado esse tema. Ante os protestos deste, lembra-se do fato e analisa o esquecimento como indicando seu desejo de prioridade.

Em toda a correspondência dessa época com Fliess, Freud refere-se ao trabalho como "O Cotidiano", eliminando o termo "psicopatologia", que não deixa de ser paradoxal nesse emprego. Paradoxal, porque sugere uma "patologia normal", a patologia no âmbito do que é o cotidiano de todos. Entretanto, ao lembrarmos de que nessa época Freud deitava as bases para uma ciência do inconsciente, que provaria seu valor na medida de sua possibilidade de organizar um campo amplo de experiências, é fácil entender seu afã de indicar, já no título do livro, que os mesmos mecanismos que intervinham na formação dos sintomas neuróticos e nos sonhos, também operavam na vida desperta de todos, neuróticos ou não. A importância da psicanálise ficava aumentada a cada passo, da abordagem da neurose, para os sonhos de todos, e depois também para ocorrências da vida de vigília.

No movimento de estender as hipóteses com as quais dá conta dos sintomas neuróticos para os sonhos e os atos falhos da vida desperta, o interesse de Freud é abordar o que há de comum nesses diferentes campos, entre os quais incluirá os chistes. Nas poucas incursões metapsicológicas a que se dedica no livro, Freud baseia-se no modelo apresentado nos últimos capítulos de "Interpretação dos Sonhos", enfatizando o deslocamento e a condensação como referidas ao funcionamento em processo primário, a influência do desejo recalçado na formação dos atos falhos, etc.

Como o texto é principalmente dedicado às análises de diferentes atos falhos, nessas análises esse modelo unificador é seguidamente abandonado, o que demonstra o rigor com que Freud perseguia a experiência, mesmo que a teoria já elaborada ficasse "de mangas curtas" em relação às novas descobertas. Freud não deixa de levantar as questões que não podem ser respondidas dentro da racionalidade do desejo recalçado atuando na elaboração, através do deslocamento e da condensação, de uma formação substitutiva que atenda parcialmente tanto ao desejo quanto à defesa.

Se em vez de visar as semelhanças entre sonho e ato falho, buscarmos as diferenças, de início esbarramos com uma característica do sonho que Freud põe em destaque: as portas da motilidade estão fechadas no sonho e por isso mesmo a censura pode relaxar. Nos atos falhos, ao contrário, elas não estão fechadas; eles incidem diretamente sobre o social, e não deixam de provocar efeitos e respostas dos mais diversos tipos. Desde efeitos diretos, como perdas de objetos, injúrias físicas para si ou para os outros, até os indiretos, como respostas dos interlocutores que podem interpretar as intenções envolvidas no ato falho, mesmo quando quem o comete não as reconhece. Freud chega a destacar a importância prática da observação de que muitos desentendimentos são baseados no fato de que o agente do ato, não o reconhecendo como intencional, não admite que ele lhe seja imputado e fica indignado quando outra pessoa extrai conclusões desse ato; trata-se de um desentendimento que se baseia em uma compreensão demasiado aguda. Freud afirma que isso é uma punição pela desonestidade interna de expressar através dos pretextos de esquecer, falhar, errar,

fazer sem intenção, impulsos que, se a pessoa não pode mais controlar, deveria admitir para os outros e para si mesmo<sup>258</sup>.

Todos analisam os outros, e chegam a conhecê-los melhor do que se conhecem. Portanto, quando Freud sugere que a via para obedecer à prescrição "*conhece-te a ti mesmo*" passa pela análise dos próprios atos falhos, está a sugerir que a resposta interpretativa dos outros a esses atos é uma intermediação necessária a essa tomada de responsabilidade sobre os efeitos do ato e os impulsos que expressam.

Ao contrário do ato falho, que incide de forma direta no campo social, no sonho isso não se dá. O sonho é uma representação do desejo em imagens visuais. Esse aspecto de sua formação, a consideração pela representabilidade, implica a transformação de pensamentos verbais em imagens visuais. Por isso mesmo Freud considera que essa representação por imagens, e não por palavras, faz com que a comparação do sonho com um sistema de escrita seja ainda mais adequada do que a comparação com a linguagem<sup>259</sup>. A interpretação assemelha-se à decifração dos antigos hieróglifos egípcios.

Quanto à representação do desejo no ato falho, a partir do ato e de seus efeitos no campo social, esta parece estar mais relacionada com a fala do que com a escrita. Esse famoso comentário de Freud certamente o sugere :

*"Aquele que tem olhos para ver e ouvidos para escutar, não pode deixar de se convencer de que os mortais não conseguem guardar nenhum segredo. Mesmo que seus lábios estejam selados, eles tagarelam com a ponta dos dedos;*

258 cf. capítulo sobre os atos sintomáticos

259 cf. Freud "*The claims of psychoanalysis to scientific interest*" (1913), S.E vol. XIII, p. 177, na seção sobre o interesse da psicanálise para a filologia.

a traição força sua passagem através de todas as portas"<sup>260</sup>.

No início do capítulo sobre as ações equivocadas, Freud diferencia os lapsos de fala e as ações equivocadas, tradução escolhida para "*Vergreifen*", relacionando-os pela característica comum à fala e à ação de serem ambas funções motoras, e com um resultado falho em relação ao que se pretendia. É obrigado a concluir que todas as divisões feitas no livro têm uma significação apenas descritiva, que se opõe à unidade interna do campo do ato falho. Essa conclusão aplica-se especialmente à uma unidade entre os lapsos relativos à fala ou à escrita, e os relativos às ações, unidade que não se limita apenas ao viés motor envolvido em ambos. A linguagem está envolvida na ação, como o campo que permite que uma ação, tal como o tagarelar do movimento dos dedos, equivalha a uma fala.

Freud conclui que o rótulo que se dá ao ato falho não importa; o que interessa é relacionar cada caso aos seus determinantes particulares. Como para ilustrar essa idéia, o exemplo que utiliza é o de duas ações equivocadas de Jones, que, embora idênticas em sua face motora, têm significados diametralmente opostos. Quando Jones estava muito assoberbado de trabalho, apanhou a chave de casa quando tentava abrir a porta do laboratório onde trabalhava. Preferiria estar em casa, é a significação desse lapso. Numa outra oportunidade, apanhou a chave de casa ao tentar abrir a porta de uma instituição em que trabalhou, em que deveria entrar tocando a campainha. Como só os mais graduados, os que faziam parte da equipe permanente desta instituição,

---

260 Freud, S., "*Three essays on the theory of sexuality*" (1905), S.E. vol. VII, p. 77,78



tinham a chave da porta, desta vez a ação equivocada queria dizer: "gostaria de estar em casa nesta instituição". Lacan utiliza esse exemplo em seu seminário, exatamente para chamar a atenção de como, para Freud, todo ato é *significante*<sup>261</sup>.

## 6.2 - Vontade e Pulsão

Os atos falhos combinados são diversos atos falhos que se sucedem, diferentes em sua forma, mas que atingem sempre um mesmo resultado. Freud às vezes fala de um mesmo ato falho que se repete obstinadamente, referindo-se a atos falhos que empregam métodos diferentes para atingir um mesmo efeito. Naturalmente, aqui está valorizando o fim obtido, mais que o método, na definição do ato falho.

Um exemplo disso foi relatado por Starcke. Seu irmão lhe pediu emprestado alguns *slides* para utilizar em uma aula. Starcke, apesar de preferir ele mesmo exibir pela primeira vez os *slides* que tinha conseguido com muito trabalho, prometeu emprestá-los. Inicialmente não conseguia achar os negativos. Depois de se dar conta da sua má-vontade em emprestá-los ao irmão, pôde notar que tinha deixado de olhar em uma caixa que estava à vista, com seu conteúdo arrolado em uma etiqueta. Entretanto, ao pegar um dos *slides*, fê-lo desastradamente, quebrando-o ao tentar limpá-lo. A nova cópia do *slide* que mandou fazer caiu de sua mão,

---

261 Freud não separava ato e linguagem, assim como usava o termo "fala" em sentido bastante amplo, como fica explícito no texto sobre o interesse da psicanálise para a filologia, de 1913 (ver nota 259), em que propõe empregar o termo "fala" não apenas com relação à expressão oral ou escrita em palavras, mas incluindo a fala por gestos.

por pouco não tendo quebrado. Quando arrumava os *slides*, toda a pilha caiu novamente, felizmente sem quebrar. Finalmente, passou vários dias até remete-los ao irmão, pois embora planejasse fazê-lo, esquecia-se repetidamente dessa intenção.

Freud finaliza o capítulo sobre os atos falhos combinados, com a observação de que na verdade eles não trazem qualquer novidade em relação aos casos de atos falhos simples abordados anteriormente.

*"Entretanto essa situação, de haver uma modificação na forma assumida pelos atos falhos, enquanto o resultado se mantém o mesmo, dá a nítida impressão de uma vontade lutando por um fim definida, contrariando de forma mais enérgica a noção de que o ato falho é uma questão de acaso, e que não precisa de interpretação"*<sup>262</sup>.

Freud conclui que a intenção de se opor ao motivo inconsciente está fadada ao insucesso, a não ser que algum trabalho psíquico o torne conhecido conscientemente. Naturalmente, encontra-se aqui referido ao modelo metapsicológico de 1900, que privilegia o recalque e a formação de compromisso. Entretanto, pelos exemplos utilizados, e o de Starcke citado acima é demonstrativo disso, o fato de que o motivo, a tendência seja conhecida, não impede o ato falho de se repetir. O impulso a recusar os *slides* ao irmão era perfeitamente reconhecido, e, embora Starcke tivesse decidido agir em oposição a esse impulso egoísta, só com muita dificuldade pôde levar a cabo essa idéia, pois os atos falhos se repetiam sempre no mesmo sentido, o da recusa em enviá-los.

Os exemplos dessa ordem abundam no texto. Os três famosos erros de fatos históricos que Freud cometeu na

<sup>262</sup> Freud, S. "*Psychopathology of everyday life*" (1901), S.E. vol. VI, p. 238

redação de "Interpretação de Sonhos", deram-se nos pontos em que intencionalmente omitiu algo da análise de seus sonhos ou tentou distorcer algum detalhe indiscreto. Não conseguiu levar a cabo a distorção ou omissão dos pensamentos que conhecia, sem deixar algum traço deles. O que pensou em suprimir conseguiu acesso a seu relato, contra a sua vontade, na forma dos erros. O tema era sempre uma crítica a seu pai. Freud se vê levado a concluir que os erros de memória tomam o lugar não só do recalcado, como o do que se escondeu intencionalmente.

Em exemplos acrescentados ao capítulo "Erros", Freud demonstra como desejos relutantemente suprimidos podem ser satisfeitos através de um erro. Quando ia visitar o irmão mais velho na Inglaterra, pensou em passar pela Holanda, tendo desistido da idéia em função da insistência do irmão em que fosse diretamente. Tendo perdido uma conexão de trens em Colônia, o que o deixou num estado de espírito de "desespero exagerado", acabou seguindo para Rotterdam tarde da noite, sendo obrigado a passar um dia na Holanda, e realizando assim um antigo desejo, o de ver os quadros de Rembrandt. Já cruzando a Inglaterra se lembra de que tinha visto o aviso do seu trem perdido para Rotterdam, e que apesar disso tinha ido em outra direção. Conclui que isso só se explicaria por sua resolução de ir ver as pinturas de Rembrandt, contrariando as instruções do irmão. Manteve essa resolução ignorada, escondida de si mesmo, até que seu desejo já estivesse realizado.

O que está em questão nos atos falhos é algo análogo à vontade, um impulso para um ato, mas que surpreende o sujeito porque não corresponde a uma decisão consciente.

O fato de o desejo que busca se realizar no ato ser ou não consciente, reconhecido ou não pelo sujeito, não é o principal critério a se levar em conta na caracterização do ato falho, como os exemplos citados demonstram. O principal aspecto é que o ato se dá à revelia do sujeito, que ele se vê desalojado de uma posição em que se sente no controle, decidindo sobre o que faz ou diz. O cunho central do ato falho é esse, e não diz respeito ao conhecimento que se tenha do conteúdo do impulso desejoso.

A vontade é um fator integrante das significações mais comuns de ato na língua contemporânea, a de "*movimento voluntário de um ser*", "*execução de uma volição*"; uma significação que se liga ao latim *actus*<sup>263</sup>.

O paradoxo do ato falho é que, embora ele possa dar a impressão "de uma vontade lutando por um fim definido", dele está ausente o aspecto essencial da vontade, que é o fato de que ela comporta a representação do ato que se dará, uma reflexão sobre as razões para executá-lo e suas possíveis consequências, assim como a decisão de agir ou não, a partir dessas considerações. O ato falho é justamente o que se dá independentemente ou em oposição à essa representação do ato, ao julgamento sobre ele, à decisão voluntária.

A própria analogia entre o que, no ato falho, se parece com uma obstinada determinação, e a vontade, é algo que só se sustenta ao abordarmos o ato falho a partir de sua interpretação a posteriori. No momento em que ele se dá, é apenas algo da ordem do desastramento, equivoco ou erro.

---

263 Lalande, A. "*Vocabulaire technique et critique de la philosophie*", Paris, PUF, 1988, p. 18

E só após uma reflexão a posteriori sobre os atos falhos, que eles podem ser considerados especialmente certos. Só então eles "*provam ser governados por uma intenção e atingem seu fim com uma certeza que não pode em geral ser creditada a nossos movimentos conscientes voluntários*"<sup>264</sup>.

Freud relata que sempre foi muito raro para ele quebrar qualquer objeto. Por falta de espaço, as antiguidades de sua coleção ficavam amontoadas em seu escritório, e apesar disso jamais quebrou alguma. Entretanto, um dia moveu sua mão ao escrever, num movimento especialmente estabonado, derrubando no chão a tampa de mármore de seu tinteiro, que se quebrou.

Ao refletir sobre o ocorrido, lembra-se de que havia mostrado algumas novas aquisições à sua irmã, e que ela havia elogiado suas peças, comentando que o tinteiro não estava à altura do gracioso conjunto. Freud, portanto, havia levado à cabo a "*execução do tinteiro condenado*"<sup>265</sup>. Considera que talvez houvesse percebido em sua irmã a intenção de lhe dar um novo tinteiro, e que poderia ter quebrado o antigo para levá-la a tomar essa decisão mais rapidamente. Nesse caso, conclui, só aparentemente seu movimento foi estabonado. Na realidade foi especialmente certo, inclusive pelo fato de ter deixado de danificar qualquer das peças estimadas que se amontoavam em volta.

Ver o tinteiro quebrado talvez tivesse levado a irmã a dar um novo a Freud, e não é improvável que isso ocorresse mesmo que Freud não tivesse se dado ao trabalho de analisar seu ato estabonado. Ele teria recebido seu presente, mas nós

264 Freud, S. "*The Psychopathology of everyday life*" (1901), S.E. vol. VI, p. 168

265 idem p. 167

teríamos perdido o que nos transmitiu de sua elaboração nesse caso.

Chegamos então à possibilidade de atos gerando certos efeitos, mas inicialmente sem um sujeito que os tome a cargo, escudando-se em pretextos como o estabamento, a desatenção, um problema neurológico ou o que seja.

Para que um vínculo entre o ato e o sujeito se estabeleça, é necessária alguma elaboração psíquica, algum trabalho de representação a posteriori. Essa elaboração psíquica através de uma atividade de representação poderia ser aproximada do domínio da atividade da pulsão pelo processo secundário, utilizando um aparato conceitual que não estava ainda circunscrito na época em que "Psicopatologia da Vida Cotidiana" foi escrito.

Inversamente à concepção de vontade que comporta a representação do ato e uma escolha (livre arbítrio) quanto a executá-lo ou não, no ato falho a representação é a posteriori, e a impressão de escolha não existe. O agente vive seu ato como algo que lhe ocorre e frente ao qual está inicialmente passivo, mais paixão do que ação.

Por isso mesmo Freud discutirá em seu último capítulo, sobre o determinismo na vida psíquica, o sentimento de convicção de que há o livre arbítrio, fundamento da vontade. Para ele, não há o que garanta esse sentimento. Nas decisões importantes da vida, o sentimento é de *compulsão* psíquica, de que não se poderia ter feito diferente.

O que existe de análogo à noção de vontade é portanto uma descarga pulsional que tem lugar no ato falho<sup>266</sup>. Uma

---

<sup>266</sup> cf. Assoun, P.L., "De l'acte chez Freud" em "Nouvelle revue de psychanalyse" nº 3, Paris, 1985, p. 158

força atinge determinados efeitos, e é nesses efeitos, assumindo uma responsabilidade sobre eles, que uma elaboração interpretativa permitirá ao agente do ato articular-se de uma nova forma como sujeito desejante.

Se a psicanálise pensa o ato dentro do modelo do ato falho, a aceção habitual do ato como "movimento voluntário" visando um certo fim, já não nos serve. Lalande aponta para uma outra significação da palavra ato, derivada do neutro latino *actum*: "*resultado da ação, algo presente, adquirido, atual, donde se pode partir como de um dado*"<sup>267</sup>. Nesta significação podem estar incluídas duas das características do ato, dentro deste modelo, ou seja, a relevância concedida à sua dimensão social e a localização dos efeitos da pulsão no campo social como anteriores à atividade interpretativa. Naturalmente, nesta aceção de ato, não é necessariamente de um movimento que se trata, pode ser de uma parada ou inibição.

O ato falho, com a perplexidade ou vergonha que frequentemente o acompanha, pode ser considerado como um momento privilegiado em que a ilusão egóica de estar no comando é mais claramente posta em cheque. Como diz Assoun "*é no passo em falso que o real do ato se mostra, à luz do saber do inconsciente*"<sup>268</sup>.

As reformulações implicadas na segunda tópica, especialmente a tematização das relações do Ego e do Isso com o pensamento e a ação, reforçarão essa interpretação do

---

267 Lalande, A. "*Vocabulaire technique et critique de la philosophie*", Paris, PUF, 1988, p. 18

268 Assoun, P.L., "*De l'acte chez Freud*" em "*Nouvelle revue de psychanalyse*" nº 3, Paris, 1985, p. 159

ato como estreitamente ligado à pulsão, a uma "vontade não unificada"<sup>269</sup> que escapa ao sujeito.

O Ego adia a descarga motora, intercalando o pensamento. Mas sua posição em relação à ação é de um aparente controle. Sua fraqueza nesta função, que o obriga a negociar com o Isso, é acentuada em vários trechos bastante conhecidos. Por exemplo, na imagem do ego, como um cavaleiro em seu cavalo, conduzindo o Isso. Imagem acompanhada da ressalva de que, diferentemente do cavaleiro, o ego só usa forças emprestadas do Isso. Além disso,

*"frequentemente o cavaleiro, se não quiser ser atirado de seu cavalo, é obrigado a conduzi-lo para onde ele quer ir; da mesma forma, o ego tem o hábito de transformar a vontade do isso em ação, como se fosse a sua própria"*<sup>270</sup>.

Sobre o ego:

*"ele não é apenas um auxiliar do isso, é também um escravo submisso que corteja o amor de seu amo. Sempre que possível tenta manter-se em bons termos com o isso; veste os comandos inconscientes do isso com racionalizações préconscientes; finge que o isso está sendo obediente às advertências da realidade, mesmo quando ele está de fato sendo obstinado e rebelde"*<sup>271</sup>.

"Psicopatologia da Vida Cotidiana" termina com uma identificação entre sintoma e ato falho, em que o ato falho se diferencia do sintoma apenas por estar localizado em funções menos importantes. O que nos autorizaria então a falar da atividade pulsional no ato falho, se o modelo do sintoma é o recalque da pulsão acompanhado da formação de um produto substitutivo?

A satisfação pulsional é, através do recalque, rebaixada a um sintoma, tão deformado e reduzido que não

269 Freud, S., "The ego and the id" (1923), S.E. vol. XIX, p. 59

270 idem, p. 25

271 idem, p. 56



mais pode ser reconhecido como uma satisfação. A formação substitutiva não deve alcançar uma descarga através da motilidade, tornar-se ação. O recalque só admite sua expressão como alterações no próprio corpo;

*"...no recalque o ego está operando sob a influência da realidade externa, e portanto ele impede o processo substitutivo de ter qualquer efeito nessa realidade"*<sup>272</sup>.

O sintoma neurótico tem uma característica de permanência, de fixidez, atravessando longos períodos da vida e as mais diversas circunstâncias sem qualquer modificação, que demonstra o efeito do recalque de criar produtos de certo modo impermeáveis à realidade social em permanente mutação.

O ato falho é um "sintoma" em que essa marca do recalque não é predominante, já que ele assume formas diversas a cada momento, respondendo às situações sociais e tendo nelas efeitos de satisfação tão claro que frequentemente equivalem a uma confissão.

Por esta razão Freud não refere os atos falho ao recalque, mas, com maior generalidade, ao que *"incompletamente suprimido"*, *"não foi roubado de toda a capacidade de se expressar"*<sup>273</sup>, o que vai exigir uma reformulação do modelo de 1900 que dê conta dessa precedência do fator econômico sobre o da impossibilidade de acesso à consciência.

O Chiste traz uma nova perspectiva teórica, em que o aspecto econômico toma a precedência. Para dar conta do efeito prazeroso dos chistes, Freud invoca a economia de um

272 Freud, S., *"Inhibitions, symptoms and anxiety"*(1926), S.E. vol. XX, p. 95

273 Freud, S., *"Psychopathology of everyday life"*(1901), S.E. vol.VII, p. 279

gasto psíquico empregado na manutenção de inibições. Nos chistes tendenciosos, que se encarregam de levantar a inibição permitindo uma satisfação, nas piadas obscenas, agressivas, cínicas ou céticas, há dois tipos de obstáculos que impedem a consecução de um propósito, a não ser pelo viés da piada. O obstáculo pode ser externo, como a inconveniência de fazer um insulto aberto a alguém a que se deve um tratamento respeitoso. O impulso agressivo represado se libera através da piada e isso causa o prazer. O obstáculo pode ser o recalque, quando uma resistência interna a uma satisfação é superada pelo chiste.

As piadas inocentes, ou técnicas, também podem ser explicadas pela economia do gasto psíquico com a crítica ligada às condições de ordem intelectual, gasto que é tornado desnecessário pela permissão ao absurdo, ao *non-sense*, como um meio de ter prazer com os próprios processos psíquicos, pensamentos e palavras.

O aspecto social do chiste é também destacado por Freud. O chiste não pode ser entendido se não se destaca o impulso a contá-lo para alguém. Esse aspecto é de tal importância, que a descrição do trabalho do chiste envolve necessariamente o interlocutor. O ouvinte é uma "terceira pessoa"<sup>274</sup>, que não a pessoa objeto da piada, e sua benevolência com o propósito da piada é necessária para que ele colabore com o fecho necessário para completar a elaboração da piada, que é seu riso.

O riso do ouvinte indica que também havia nele uma oposição à formação das idéias evocadas pela piada, e a

274 Freud, S. "*Jokes and their relations to the unconscious*"(1905), S.E. vol. VIII, p. 144

energia usada para a inibição, supressão ou recalque dessas idéias é liberada e descarregada no riso.

A valorização da dimensão social do chiste traz como consequência uma importante modificação no modo pelo qual o fator econômico está em jogo nesse texto, em relação a "Interpretação dos sonhos". A questão econômica passa a estar referida ao vínculo social entre o criador e o ouvinte da piada, e não mais à exclusiva elaboração da piada, ou seja, ao trabalho efetuado por um psiquismo individual, como no modelo empregado a respeito do trabalho do sonho em 1900. Chegamos então à idéia de que a elaboração da piada apresenta várias áreas de concordância com o trabalho do sonho, como o deslocamento, a condensação, a representação indireta, formas de tratamento que implicam uma revisão inconsciente; entretanto nos deparamos com uma diferença importante. Se a elaboração da piada proporciona prazer, por envolver o levantamento de uma inibição, ela não descansa até *"pela intermediação da terceira pessoa interpolada, atingir o alívio geral através da descarga"*<sup>275</sup>. E só após o riso da outra pessoa que o criador da piada pode rir também.

Essa tendência do pensamento freudiano, ou seja, a de pensar a inserção da energia pulsional nas estruturas sociais, irá se consolidar na segunda tópica. Por outro lado, a leitura do texto de 1905 se renova se lembramos a indicação de "Totem e Tabu", de que satisfação pulsional no neurótico (como a que tem lugar no sonho, diríamos) fica restrita ao plano imaginário, em que a simples representação já é a satisfação, enquanto no ato ela toma um valor social e de criação de algo novo, de uma nova realidade. Nesse

275 Idem, p. 158

sentido, poderíamos considerar a criação de uma piada como uma sublimação, como um dos destinos da pulsão, que no trabalho metapsicológico sobre a pulsão, Freud apresenta como um destino independente do recalque.

Outro dos aspectos do ato tal como a psicanálise o pensa, está também presente no chiste, ou seja, a sua produção ocorre à revelia da antecipação e da vontade. A piada surge pronta e já formulada em palavras à percepção<sup>276</sup>. O elemento de surpresa, integrante da piada, constitui não só seu efeito no ouvinte, mas também a forma de seu surgimento para o criador.

O ato presentifica a divisão do sujeito na medida em que envolve a satisfação pulsional. Assim, podemos diferenciá-lo da ação, reservando para esta o significado tradicional de ação, que implica a representação prévia do que será executado e a decisão, como conotando o plano adaptativo, egóico, e reportando-se aos significados já estabelecidos.

Voltemos então à nossa questão com relação ao apotegma goethiano, ao final de Totem e tabu. Consideramos que o ato, no contexto em que é citado, opõe-se ao pensamento e não à linguagem. Ato e pensamento não se equivalem. No caso do neurótico e do primitivo, uma se substitui a outra como forma de satisfação. O pensamento que, no neurótico, se substitui ao agir é a pura representação da satisfação pulsional, que se limita ao plano imaginário.

Em "Totem e tabu", Freud se apoia nas teses de William Robertson Smith, defendidas no livro *"Religion of the*

---

<sup>276</sup> Freud, S. *"Jokes and their relations to the unconscious"* (1905), S.E. vol. VIII, p. 167

*semites*", sobre a origem e o significado do ritual totêmico. O sacrifício do animal e a distribuição de sua carne entre os participantes do banquete totêmico é, segundo Smith, a única forma pela qual "o cimento sagrado ... cria ou mantém vivo um vínculo de união entre entre os fiéis e seu deus<sup>277</sup>". Os laços de sangue são tomados, de forma literal, como identidade de substância, e a repetição do ritual é necessária para renová-los. O banquete totêmico é a repetição e comemoração do evento fundante da humanidade.

O ritual é anterior ao mito porque o ato é anterior à representação<sup>277</sup>. Ao refletir sobre o papel das memórias infantis, Freud reacorre à origem da escrita da história entre os povos da antiguidade. A nação jovem não escrevia sua história, mas limitava-se a lutar por sua existência e riqueza. "Era a época dos heróis, não dos historiadores. Então veio outra era, uma era de reflexão"<sup>278</sup>. Nessa reflexão, Freud considera inevitável que a construção da história seja determinada pelos desejos e crenças do presente, constituindo-se assim numa distorção do que verdadeiramente ocorreu no passado. Essa representação atende sempre a objetivos presentes, como o de "influenciar os contemporâneos"<sup>279</sup> de certa maneira.

Nessa defasagem temporal entre o ato e a representação, fatores do presente sempre introduzirão interpretações tendenciosas e distorções, a representação não merecendo o estatuto de retrato fiel do que ocorreu. Entretanto, Freud

---

277 cf. Gabby Jr., O.F. "A origem da moral em psicanálise" em "Cadernos de história e filosofia da ciência", no 2, julho a dezembro de 1991, p. 162

278 "Leonardo da Vinci and a memory of his childhood" (1910), S.E. vol. XI, p. 83

279 idem, p. 84

insiste em que não podemos abandonar o registro das representações. As lendas e mitos, apesar de todas as distorções, ainda representam a realidade do passado. Sem dúvida o ato, tal como toma lugar nos rituais, é um ato significativo que é, pela repetição, estruturante das relações sociais.

O mito é necessário por sua função de explicar qualquer sistema simbólico no qual vivemos, e Freud o aproxima das teorias científicas. Na carta a Einstein de 32, afirma que se para ele a teoria psicanalítica lembra uma mitologia, é importante lembrar que toda a ciência, até mesmo a física, recorre a algum tipo de mitologia. Ambas buscam uma representação estável do real.

Chegamos então a uma concepção de representação que é sempre secundária ao ato, respondendo a ele (e sempre referida ao passado, estruturalmente, já que antes é o ato), que tem laços com o passado, mas que também reflete os desejos do presente. Poderemos pensar então em uma espiral, em que o ato imprime algum efeito no real que a representação depois visa abarcar. O domínio das representações possui alguma estabilidade ou inércia que o ato vem a quebrar, como um corte, exigindo um novo trabalho de elaboração no plano das representações.

O que é que obstrui o caminho do ato nas neuroses?

O pai de "Totem e tabu", pai da horda, todo-poderoso, que possui todas as mulheres, é o pai não castrado, cujo desejo é a lei. Sua morte, no mito, é um operador estrutural, porque aponta para a impossibilidade do gozo representada no acordo entre os irmãos. Esse acordo, introduzindo a cultura e o simbólico, é o que introduz a

castração como simbólica, referida à lei a qual todos estão submetidos. O verdadeiro ato fundador da sociedade é a aliança baseada no direito, pois a força não pode gerar um laço social durável<sup>280</sup>.

Só depois de morto, o *urvater* se torna um pai. Freud insiste em que esse poderoso pai morto é amado, assim como é amado o pai mantido vivo nas religiões, por proteger do desamparo a que o homem está fadado, a partir da natureza, de seu corpo e de seus semelhantes, corporificando a lei.

Nesse contexto, é interessante observar que, no seu manuscrito perdido da "Metapsicologia", Freud traz uma diferente versão do mito do Pai da horda. Adota a idéia de Ferenczi de que os homens, no período glacial, perderam todos os seus recursos e passaram por um período de intensa angústia. Neste delírio filogenético que busca explicar as neuroses de transferência por fixações em disposições oriundas desses tempos primevos, é só depois desse período de intensa angústia que os homens erigem um Pai da horda. Justamente aquele que mais se distinguia pela inteligência, conseguindo, através disso, um certo domínio sobre o mundo e deitando os princípios da linguagem, foi o que se instituiu como o líder, exigindo em troca de seu saber e proteção o domínio absoluto<sup>281</sup>. Nessa forma modificada do mito, o papel do pai como proteção contra a angústia e o desamparo é colocado como mais fundamental do que seu papel de tirano odiado.

---

280 cf. Delrieu, A. "Freud et la question du lien social", em "Aspects du Malaise dans la civilisation", Paris, Navarin, 1987, p. 182

281 Freud, S. "Neuroses de transferência: uma síntese", R.J., Imago, 1987

Em "Moisés e o monoteísmo", o supereu, em vez de sua face cruel, é apresentado como sustentado pelo amor ao pai protetor:

*"Enquanto a renúncia ocasionada por razões externas só provoca desprazer, a renúncia provocada por razões internas, por obediência às exigências do supereu, tem um efeito econômico diferente. Ao lado de um inevitável desprazer, proporciona também um ganho de prazer, uma satisfação compensatória... Quando o eu sacrificou alguma satisfação pulsional ao supereu, espera dele, em troca, uma intensificação do amor"*<sup>282</sup>

O anelo pela proteção paterna, fundada na impotência infantil, e que se presentifica nesse supereu protetor, obedece ao princípio do prazer e se opõe à satisfação pulsional. A garantia dada pelo amor dessa instância poderosa e onisciente, a manutenção dessa fantasia de proteção, é a recompensa pela renúncia à satisfação pulsional.

"Interpretação dos Sonhos" promove, no campo da interpretação dos sonhos, o desejo de assassinar o pai, como componente fundamental da problemática do complexo de Edipo; esse livro, entretanto, surge logo após o falecimento do pai de Freud, e ele mesmo assinala um vínculo entre esse fato e a produção do livro. Conrad Stein levanta a hipótese de que o voto que realmente estava em questão era o voto da imortalidade do pai<sup>283</sup>. A mortalidade do pai levanta para o sujeito a questão de seu próprio desamparo, assim como a perspectiva da própria morte. Essa perspectiva que valoriza o desejo de promover a imagem de um pai poderoso e imortal já está indicada nos vários sonhos e atos falhos que Freud

---

282 Freud, S., "Moses and monotheism"(1939), S.E. vol. XXIII, p. 117

283 Citado por Lacan em "L'Envers de la psychanalyse" (1969-70), Paris, Seuil, 1991, p.141



interpreta como expressando seu ressentimento por não ter um pai mais poderoso.

A maneira como é colocado o conflito entre a proteção de uma figura poderosa e a satisfação pulsional só encontra seu respaldo metapsicológico na diferença explicitada entre o princípio do prazer e a satisfação pulsional, já enfatizada por nós, e que se marca na virada de 1920. Se a pulsão pode se satisfazer em um mais além do princípio do prazer, está marcada uma defasagem que nos permite pensar a oposição entre a satisfação e a proteção paterna contra o desamparo.

A preservação da ilusão do pai poderoso se apoia na garantia que ela fornece quanto à irrupção de situações de desamparo advindas do que é completamente incontrolável, do que não se sabe, e que pode advir do corpo, do semelhante ou da natureza.

A neurose, na medida em que assegura uma satisfação imaginária, em que o risco da castração e a angústia são driblados numa formação de compromisso, mantém a satisfação imaginária ao custo de uma renúncia ao ato. Essa solução, que conjuga a preservação de algum prazer aliada ao objetivo de evitação do desprazer, é dominada pelo princípio do prazer.

Sabemos no entanto que a pulsão pode se opor ao princípio do prazer. O prazer, se é de algum modo articulado à satisfação pulsional, não se confunde com ela, pois é um termo que aponta para uma satisfação de alcance limitado. A já mencionada distinção entre *Wohl* e *Gut* retomada por Lacan, esclarece a dimensão radical da satisfação pulsional que não coincide com o prazeroso.

A realização de desejo presente nos sonhos e nas fantasias, e que fundamenta os sintomas neuróticos, ou seja, a que se mantém no plano imaginário, e que tem como paradigma a satisfação alucinatória, é considerada por Lacan no seminário XX como uma satisfação que é o contrário da satisfação, já que ao encontrar o objeto imaginário, a pulsão esbarra com o fato de que não pode se satisfazer assim. As satisfações imaginárias, por evitarem os riscos do desprazer, são satisfações insuficientes do ponto de vista do gozo<sup>284</sup>, insuficientes do ponto de vista do processamento pulsional. O que nos leva à ideia de que é no social que a pulsão pode encontrar sua satisfação.

O terreno da pulsão é o do ato; por isso é definida por Freud como uma peça de atividade, idéia desenvolvida por Lacan quando adscrive a essência da pulsão ao traçado do ato. Expor-se à angústia é a contrapartida de não inibir o ato, não fugindo ante a exigência pulsional.

*"Quando a escrita, que consiste em fazer escorrer o líquido de uma pena para uma folha de papel branca, tomou a significação simbólica do coito, ou quando a marcha se tornou o substituto de pisotear o corpo da mãe-terra, escrita e marcha são ambas abandonadas porque resultariam na execução do ato sexual proibido"*<sup>285</sup>.

Esta bela apresentação que dá Freud da inibição do ato, relaciona esta inibição com o Pai vivo, que ameaça de castração, mas que protege da experiência da impossibilidade da total satisfação, experiência que resulta da dimensão do

---

284 cf. Bekerman, J., "Raíces del concepto de acto" em "Acerca de "la etica del psicoanalisis"", Buenos Aires, Manantial, 1990, p. 77

285 Freud, S., "Inhibitions, symptoms and anxiety" (1926), S.E. vol. XX, p. 90

Com relação à concepção de Austin dos atos de fala, temos novos meios, no campo de psicanálise, de distinguir as falas que são verdadeiramente atos de fala, das que não são. As falas reprodutivas de um saber estabelecido, falas egóicas que evidenciam a identificação com o poder e evitam o risco da satisfação pulsional, não poderiam ser consideradas como verdadeiros atos de fala. A criação de algo novo através da fala depende do ato de verdadeiramente tomar a palavra. Assumir o risco da satisfação pulsional é algo que presentifica a divisão do sujeito, expondo-o à angústia, mas é o que inscreve no social a marca subjetiva.

## 7 - CONCLUSÕES

A dimensão das palavras que interessava ao Mestre da psicanálise, ao delimitar o campo de sua experiência, era menos sua função explicativa, de representar ou indicar a realidade, do que a dimensão de força das palavras, a vertente pela qual elas transformam o real que interessa à satisfação, o plano social.

Respondendo aos que desconsideravam a eficácia da psicanálise, com o argumento de que para intervir na doença, meras palavras não poderiam ser de utilidade, expressa-se assim:

*"As palavras eram originalmente mágicas, e , até os dias de hoje, as palavras retiveram muito de seu antigo poder mágico. Com as palavras, um homem pode fazer outro gloriosamente feliz ou levá-lo ao desespero, é pelas palavras que o mestre transmite seu saber a seus alunos, pelas palavras o orador conduz seus ouvintes e determina seus julgamentos e decisões"*<sup>286</sup>

A energética pulsional é o fundamento teórico que sustenta a dimensão do poder dos atos, todos significantes, e das palavras nos atos de fala. Se a intenção se vê desbancada do lugar privilegiado na caracterização do que é um ato para a psicanálise, a pulsão é a noção que designa um princípio da ação que é independente da vontade, ou seu reverso. Para que a teoria da linguagem da psicanálise seja compreendida nessa dimensão que é distintiva e original, o conceito de pulsão deve ser preservado em sua posição de conceito fundamental da psicanálise.

---

286 "Introductory Lectures on Psychoanalysis"(1916), S.E. vol. XV, p. 17

Assim, exploramos o mito da constituição da pulsão a partir de experiências infantis, como dando origem a traços que sustentam uma singular configuração do gozo, que se é encarregado de preservar através de uma política na qual as palavras são a arma privilegiada. Percorrendo a metapsicologia freudiana, tentamos circunscrever a pulsão, destacando seu valor de organizar a experiência psicanalítica.

Concedemos aos atos um lugar privilegiado quanto à expressão e satisfação pulsional. Entretanto, não só os atos, mas a própria atividade representativa assume um valor estratégico, se considerada em sua função de representar a pulsão. Já em 1910, Freud afirmava ter percebido

*"a importância da pulsão para a vida representativa; a experiência nos ensinou que cada pulsão tenta impor-se, dando vida às representações conformes a seus alvos"*<sup>287</sup>.

A representação aqui nada tem de uma cópia da realidade, ou de um compromisso com a descrição, mas obedece a um propósito que é inconsciente, dirigido pela pulsão. Torna-se impossível separar a contribuição do objeto da contribuição da subjetividade nas representações. Se o que informa a representação é o valor de utilidade e o valor de gozo que a estruturam, a linguagem também é, para a psicanálise, um instrumento para lidar com o real, e não para descrevê-lo.

Só um representante representativo pode ser recalçado, mas o representante afetivo da pulsão continua em atividade,

---

287 *"The Psycho-analytic view of psychogenic disturbance of vision"* (1910), S.E. vol. XI, p. 213

e parece ser o mais importante, se consideramos a afirmativa de que a oposição entre consciente e inconsciente não se sustenta em relação à pulsão. O representante afetivo, como cota de afeto, não para de produzir, dando vida a atos, a novas representações, ou transformando-se em angústia, quando não encontra onde se enganchar.

Toda a atividade psíquica é entendida pela psicanálise como movida pela pulsão. Por isso Freud dá à pulsão o estatuto de conceito fundamental, enfatizando sua importância na articulação e apreensão correta da experiência. Mas também a chama de "nossa mitologia" e de "*grenzbegriff*", conceito-limite. O "limite" de que fala, não se refere à posição entre o somático e o psíquico<sup>288</sup>, como geralmente se interpreta, mas qualifica o próprio conceito.

*Grenzbegriff* é uma noção que se encontra em Kant, e que se refere ao conceito de númeno. O númeno é um ente de razão, um conceito relativo à coisa em si, incognoscível. O entendimento só pode fazer dos seus princípios *a priori* um uso empírico, aplicando-os os fenômenos, ou seja, aos objetos de uma experiência possível. Se nenhum conhecimento determinado do númeno é possível, nem por isso ele deixa de ser para Kant um conceito legítimo e necessário. E por que? Porque através do conceito de númeno o entendimento impõe limites à pretensão da sensibilidade, impedindo-a de dar um valor absoluto aos objetos de sua intuição, assim como termina por limitar suas próprias pretensões, já que não pode ter acesso às coisas em si<sup>289</sup>. O conceito-limite é

---

288 cf. Garcia, C. "*Psicanálise, política, lógica*", S.P., Escuta, 1993, p. 158

289 cf. Kant, I., "*Crítica da razão pura*", Lisboa, Fund. C. Gulbenkian, 1989, p. 270

portanto o que tem uma função apenas negativa, de determinar fronteiras ao que se pode conhecer.

Freud usou o termo conceito-limite na referência à incognoscibilidade da pulsão enquanto tal, como constituída por certos traços resultantes da história individual. Por outro lado, todos os arranjos que faz o homem em busca de uma felicidade possível e relativa, configuram-se como relativos aos diversos destinos do representante afetivo da pulsão em direção a seus alvos, dando vida a toda a atividade, ao pensamento e às palavras. Toda a experiência psicanalítica gira em torno dos efeitos das pulsões, e é com isso que lidamos na transferência.

Se definimos a psicanálise como prática, o valor dos seus conceitos só se justifica em termos éticos, e não epistemologicamente ou metafisicamente. O mito da constituição da pulsão em uma história individual, encontra sua justificação por referir o tratamento psicanalítico a uma singularidade que nele será produzida. Uma atitude de ouvir o psicanalisando sem préconcepções, aberto para o surgimento de uma produção associativa sob transferência em que a novidade pode vir a questionar qualquer saber teórico, é fruto dessa perspectiva. O próprio estatuto dos "conceitos" psicanalíticos, se é que eles só aspiram a uma validação a partir de seu valor operatório numa prática, prática centrada na singularidade, está em questão. A especificidade do campo psicanalítico tem como correlato necessário a relativa indeterminação de seus conceitos.

Dar ao saber psicanalítico qualquer outro estatuto que não o de instrumento operatório na prática, redundaria em subtrai-lo ao questionamento, já que ele, nesse caso,

poderia justificar-se por critérios externos à própria experiência. O reflexo dessa posição, na experiência, seria colocar o analista como detentor do saber, instalando uma relação em que o exercício abusivo de um poder de influência não poderia estar ausente.

Pelo lado do ato psicanalítico, ao tomar-se em consideração a dimensão de poder inerente aos atos de fala, instaura-se uma responsabilidade do analista em relação a suas intervenções inteiramente diferente da que significaria pensar suas intervenções como referidas a um objeto neutro de saber, a que se visaria apreender. O que se produz na experiência tem que ser considerado como efeito dos seus atos, e uma atividade crítica permanente passa a ser requerida para que as implicações desses atos seja avaliada.

Destituindo o sujeito da consciência e da vontade, a psicanálise coloca em seu lugar a pulsão. A pulsão é incognoscível como fundamento, mas é ao mesmo tempo a forma que temos de abrir, na trama conceitual, um espaço para o real que opõe à atividade do analista uma resistência que pode lhe indicar o erro e obrigá-lo a rever seus caminhos interpretativos e sua posição. A forma em que esse real se presentifica na experiência é mutável e dependente das configurações únicas que assume o processo analítico, mas é em seu campo que se pode localizar o sujeito da psicanálise, o sujeito do ato.



## 8 - BIBLIOGRAFIA

- ASSOUN, P.L. "De L'Acte Chez Freud", in Nouvelle Revue de  
Psicanalyse, no 31, Gallimard, 1985.
- ASSOUN, P.L. "Introduction à la Métapsychologie  
Freudienne", Paris, PUF, 1993
- AUSTIN, J.L. "Philosophical Papers". Oxford University,  
Londres, Oxford, Nova Iorque, 1970.
- AUSTIN, J.L. "How to Do Things with Words". Harvard  
University, Cambridge, 1975.
- BAKHTIN, Mikhail. "Marxismo e Filosofia da Linguagem",  
(1929), Hucitec, São Paulo, 1988.
- BARRAT, Barnaby B. "Psychic Reality and Psychoanalytic  
Knowing", Londres, The Analytic Press, 1984.
- BARROS, C. "Contribuição à Controvérsia sobre o Ponto  
de Vista Econômico", em "Consciência" #2.  
Vozes, Petrópolis, 1975.
- BIRMAN, Joel. "Fantasma, Verdade e Realidade", in "Cadernos  
de Psicanálise", março de 1987.
- BIRMAN, J. "A Palavra Entre Atos", em "Freud, 50 anos  
depois", Relume, Dumará, 1989.

- BIRMAN, J. "Ensaio de Teoria Psicanalítica", Rio, Zahar, 1993
- CHATELET, F. "Platão", em "História da Filosofia - A Filosofia Pagã", vol 1, Zahar, R.J., 1973.
- COTTET, S. "O Paradoxo do Gozo", Transcrição 5, Fator, 1989.
- DAYAN, M. "Inconscient et Réalité". Paris: PUF, 1985.
- DAYAN, M. "Les Relations au Réel dans la Psychose". Paris: PUF, 1985.
- DELEUZE, G. "Apresentação de Sacher-Masoch", Editora Taurus, Rio de Janeiro, 1983.
- DELEUZE, G. "Para Ler Kant" Rio: Francisco Alves, 1976
- DERRIDA, J. "L'Écriture et la Différence", Paris, Seuil, 1967.
- DIDIER-WEILL, A. "Inconsciente Freudiano e Transmissão da Psicanálise", Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- DOR, Joël "Le Père et sa Fonction en Psychanalyse", França Point Hors Ligne, 1989.
- FELMAN, S. "Le Scandale du Corps Parlant", Paris, Seuil, 1980.

- FORRESTER, John "A Linguagem e as Origens da Psicanálise",  
Rio: Imago, 1983
- FORRESTER, J. "Seduções da Psicanálise- Freud, Derrida,  
Lacan", Campinas: Papirus, 1990
- FREUD, S. "On Aphasia: a Critical Study" (1891), em  
"Brain and Behaviour IV" e.d. K. H. Pribram.  
Baltimore: Penguin Books, 1969.
- FREUD, S. & BREUER, J. "Studies on Hysteria" (1893-1895),,  
S.E. vol.II. London: The Hogarth Press, 1975.
- FREUD, Sigmund. "Neuro-Psychoses of Defence". (1894) vol.  
III, S.E., London: The Hogarth Press, 1975.
- FREUD, Sigmund. "The Interpretation of Dreams". S.E. (1900)  
vol. IV e V. London: Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "The Psychopathology of Everyday Life"(1901), S.  
E. vol. VI, Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "Fragment of an Analysis of a Case of  
Hysteria"(1905(1901)), S.E. vol. VII, London,  
Hogarth, 1975
- FREUD, S. "Three Essays on the Theory of Sexuality"(1905),  
S.E. vol. VII. London, Hogarth, 1975.

- FREUD, S. "Analysis of a Phobia in a Five-years-old Boy".(1909), S.E. volume X. Hogarth, Londres, 1975.
- FREUD, S. "Leonardo da Vinci and a Memory of his Childhood"(1910),, S.E vol.XI, London, Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "The Antithetical Meaning of Primal Words" (1910), S.E. vol. XI, London, Hogarth, 1975
- FREUD, S. "The Psycho-Analytic View of Psychogenic Disturbance of Vision", (1910), S.E. vol. XI, London, Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "Formulations on the two Principles of Mental Functioning". S.E. (1911) vol. XII, London, Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "The Claims of Psycho-analysis to Scientific Interest"(1913), S.E. vol. XIII, Londres, Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "On Narcissism: An Introduction". S.E. (1914) vol.XIV. Londres, Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "Instincts and their Vicissitudes"(1915), S.E. vol. XIV, Londres, Hogarth, 1975.

- FREUD, S. "The Unconscious"(1915), S.E. vol.XIV, Londres, Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "Lecture XXIII", (1917), S.E. vol.XVI, Londres, Hogarth, Londres, 1975.
- FREUD, S. "The Uncanny" (1919), SE vol.XVII, Londres, Hogarth, 1975
- FREUD, S. "A Metapsychological Supplement to the Theory of Dreams"(1917), S.E. vol. XIV, Londres, Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "Beyond the Pleasure Principle" (1920), S.E. vol. XVIII, Londres, Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "Group Psychology and the Analysis of the Ego"(1921), S.E. vol. XVIII, Londres, Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "Two Encyclopaedia Articles"(1923(1922)), S.E. vol.XVIII, Londres, Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "The Ego and the Id"(1923), S.E. vol.XIX, Londres, Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "The Infantile Genital Organization" (1923), S.E. vol.XIX, Londres, Hogarth, 1971.

- FREUD, S. "Neurosis and Psychosis"(1924(1923)), S.E.  
vol.XIX, Londres, Hogarth, 1971.
- FREUD, S. "The Loss of Reality in Neurosis and Psychosis"  
(1924), S.E.vol. XIX, Londres, Hogarth, 1971.
- FREUD,S. "A Note on the Mystic Writing-Pad"(1925(1924)),  
S.E. vol.XIX, Londres, Hogarth, 1975
- FREUD, S. "Negation" (1925), S.E. volume XIX, Londres,  
Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "Fetishism" (1927), S.E. vol. XXI, Londres,  
Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "Civilization and  
its Discontents"(1930[1929]), S.E. vol.  
XXI, Londres, Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "Analysis Terminable and Interminable" (1937),  
S.E. vol.XXIII, Londres, Hogarth, 1975.
- FREUD, S. "Moses and Monotheism: Three Essays"(1939(1937-  
39), S.E. vol. XXIII, Londres, Hogarth, 1975
- FREUD, S. "An Outline of Psycho-Analysis"(1940(1938)), S.E.  
vol. XXIII Londres, Hogarth, 1975.

FREUD, S. "Letter 52"(1950(1886)), S.E. vol.I., Londres, Hogarth, 1975.

FREUD, S. "A Project for a Scientific Psychology"(1950(1985)), S.E. vol. I, Londres, Hogarth, 1975.

GARCIA, Célio "Psicanálise, Política, Lógica", São Paulo, Escuta, 1993.

GARCIA-ROZA, L. A. "O Mal Radical em Freud" Rio de Janeiro, Zahar, 1990.

GARCIA-ROZA, L. A."Introdução à Metapsicologia 1", Rio de Janeiro, Zahar, 1991.

HYPPOLITE, J. "Commentaire Parlé sur la Verneinung de Freud", em "Ecrits", Paris, Seuil, 1966.

JONES, E. "The Life and Work of Sigmund Freud" vol. I, New York: Basic Books,, 21ra edição.

KANT, I. "Crítica da Razão Pura", Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1989.

KANT, I. "Crítica da Razão Prática", Lisboa, Edições 70, 1989.

- KOIRE, A. "Introduction à la Lecture de Platon suivi de Entretiens sur Descartes", Paris, Gallimard, 1962.
- LACAN, J. "Au-Delà du "Principe de Réalité"" (1936), em "Ecrits", Paris, Seuil, 1966.
- LACAN, J. "Fonction et Champ de la Parole et du Langage en Psychanalyse", (1952), em "Ecrits", Paris, Seuil, 1966
- LACAN, J. "Introduction au Commentaire de Jean Hyppolite sur la "Verneinung"", (1954) em "Ecrits", Paris, Seuil, 1966.
- LACAN, J. "Réponse au Commentaire de Jean Hyppolite sur la "Verneinung" de Freud" (1954), em "Ecrits", Paris, Seuil, 1966.
- LACAN, J. "Du Traitement Possible de la Psychose", em "Ecrits". Editions du Seuil, Paris, 1966.
- LACAN, J. "L'Instance de la Lettre dans l'Inconscient"(1957), em "Ecrits", Paris, Seuil, 1966.
- LACAN, J. "Remarque sur le Rapport de Daniel Lagache: Psychanalyse et Structure de la Personnalité" (1958), em "Ecrits", Paris, Seuil, 1966.



- LACAN, J. "La Metaphore du Sujet" (1960), em *Ecrits*, Paris Seuil, 1966.
- LACAN, J. "L'Angoisse" (1962/63), inédito
- LACAN, J. "La Science et La Vérité" (1965),  
"Ecrits", Paris, Seuil, 1966.
- LACAN, J. "L'Acte Psychanalytique", (1967-1968), não publicado.
- LACAN, J. "El Deseo y su Interpretación" (1958), em "Las Formaciones del Inconsciente" e.d. O. Masotta. Buenos Aires, Nueva Visión, 1970.
- LACAN, J. "D'Un Discours qui Ne Serait Pas du Semblant" (1970-1971), não publicado.
- LACAN, J. "Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise" (1964), Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- LACAN, J. "As Psicoses" (1955-1956), Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- LACAN, J. "L'Éthique de la Psychanalyse" (1959-1960), Paris, Seuil, 1986.
- LACAN, J. "L'Équivocación del Sujeto Suposto al Saber" (1967), em "Momentos Cruciales de la

Experiencia Analítica", Manantial, Buenos Aires,  
1987.

LACAN, J. "Radiophonie" (1970) em "Scilicet" 2/3, Paris,  
Seuil, 1970

LACAN, J. "Télévision", Paris, Seuil, 1974

LACAN, J. "Joyce le Symptôme-II", (1979) em "Joyce Avec  
Lacan" e.d. J. Aubert, Paris, Navarin, 1987.

LACAN, J. "Le Séminaire XVII - L'Envers de la  
Psychanalyse", (1969-1970), Paris, Seuil, 1991.

LALANDE, A. "Vocabulaire Technique et Critique de la  
Philosophie", Paris PUF, 1985.

LAPLANCHE, Jean & Pontalis, J.B. "Vocabulaire de la  
Psychanalyse" Paris, PUF, 1967.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. "Fantasia Originária,  
Fantasias das Origens, Origens da Fantasia", Rio  
de Janeiro, Zahar, 1988.

LAPLANCHE, J. "Vida y Muerte en Psicoanálisis", Buenos  
Aires, Amorrotu, 1970.

LAPLANCHE, J. "La Sexualidad", Buenos Aires, Nueva Visión  
1980.

LAPLANCHE, J. "A pulsão de Morte na Teoria", em "A Pulsão de Morte", São Paulo, Escuta, 1988.

LECLAIRE, S. "Psychanalyser", Paris, Seuil, 1968.

LECLAIRE, S. "O Corpo Erógeno", Rio de Janeiro, Fon-Fon e Seleta, 1979.

MASOTTA, Oscar. "Dualidade Psíquica; O Modelo Pulsional". Campinas, Papirus, 1986

MICELI, S. "A Força do Sentido", in Bourdieu, P., "A Economia das Trocas Simbólicas", São Paulo, Perspectiva, 1987.

MILLER, J.-A. "Jacques Lacan 1901-1981", em "Ornicar?", 9 de setembro de 1981.

MILLER, A. "Percurso de Lacan". Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1987.

MILLER, A. "La Topología en la Enseñanza de Lacan", em "Matemas I"., Buenos Aires, Manantial, 1987.

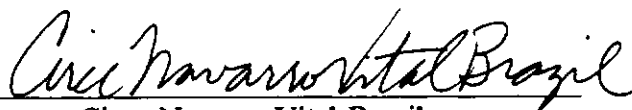
MILLER, A. "Les Réponses du Réel", em Aspects du Malaise dans la Civilization. Navarin, Paris, 1987.

MILLER, A. "Matemas I", Buenos Aires, Manantial, 1987.

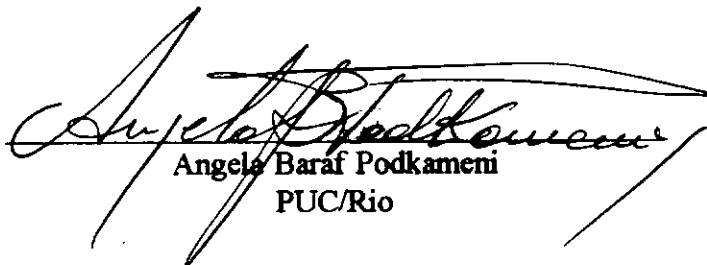
- MILLER, A. "Transferencia e Interpretación" em "Momentos Cruciales de la Experiencia Psicanalitica", Buenos Aires, Manantial, 1987.
- MILLER, A. "Matemas II". Manantial, Buenos Aires, 1988.
- NASIO, J. "A Criança Magnífica da Psicanálise", Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
- NASIO, J. "Os Olhos de Laura, O Conceito de Objeto a na Teoria de J. Lacan", Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.
- NASSIF, J. "Freud - L'Inconscient", Paris, Galilée, 1977.
- PLATÃO "Mênon", em "Diálogos", Rio: Ed. Globo, 1966.
- PELSSER, R. "Le Point de Vue Linguistic-Semiotique dans la Métapsychologie Freudienne", em *Psychanalyse à l'Université*, tome 7, no 26, mars 1982.
- QUINET, A. "Clínica da Psicose", Salvador, Fator, 1990.
- ROUDINESCO, Elisabeth "História da Psicanálise na França" vol II, Rio de Janeiro, Zahar, 1988
- ROUDINESCO, Elisabeth "Jacques Lacan - Esquisse d'une Vie, Histoire d'un Systeme de Pensée", Paris: Fayard, 1993.

- RUDGE, Ana "Interpretação e Linguagem", em "Tempo, Psicanalítico", no 24, novembro de 1990.
- SAFOUAN, M, "L'Hallucination Precede la Réalité", em "Cahiers Cestre" No. 4., Lausanne, L'Age D'Homme, 1978.
- SAFOUAN, M. "O Fracasso do Princípio do Prazer", Campinas, Papirus, 1988.
- TANNERY, P. "Platão, Vida, Obra e Doutrina", em "Diálogos", Ed. Globo, 1966.
- VANCOURT, R. "Kant", Lisboa, Edições 70, 1989.
- VIDAL, E.A. "Masoquismo Originário: Ser de Objeto e Semblante", em "Pulsão e Gozo", Letra Freudiana, nº 10/11/12, 1992.
- WILDEN, A. "Lacan and the Discourse of the Other" em Lacan, J. "Speech and Language in Psychoanalysis", Londres, The Johns Hopkins University, 1984

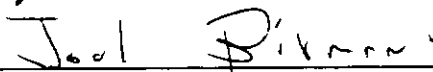
Tese apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Ana Maria Toledo de Piza Rudge, intitulada "Pulsão: linguagem e ato", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Circe Navarro Vital Brazil  
Professora Orientadora - PUC/Rio



Angela Baraf Podkameni  
PUC/Rio



Joel Birman  
UFRJ



Tania Coelho dos Santos  
UFRJ



Octávio Almeida de Souza  
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 29 de Julho de 1994



Jurgen Heye  
Coordenador dos Programas de  
Pós-Graduação do Centro de  
Teologia e Ciências Humanas